Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Quarta-feira, 7 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.515 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Público

Paris 2024
A última luta de Mijaín, que ganha o ouro e bate Phelps

Desporto, 24

Eleições EUA
Kamala Harris escolhe Tim Walz para candidato a "vice". "É a honra de uma vida"

Mundo, 17 e Editorial

Série 'O som das independências africanas'
Na Guiné-Bissau, a música esteve na dianteira da luta

P2 Verão

ADRIANO MIRANDA

Eurostat
Portugal tem médicos dentistas "em excesso"

Sociedade, 10

MP quer testemunhas ouvidas sem a presença de ex-chefes dos Super Dragões

Fernando Madureira e mais 11 arguidos foram acusados de 31 crimes na *Operação Pretoriano* Sociedade, 12

Faixa de Gaza
Acordo evitaria "incêndio" sem precedentes no Médio Oriente

Destaque, 2 e 3

ISSN-0872-1556

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES

Um acordo em Gaza evitaria "um incêndio como o Médio Oriente nunca conheceu"

Dez meses depois dos ataques do Hamas e do início da guerra contra a Faixa de Gaza, a região está mais do que nunca à beira do abismo. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, tem poder para diminuir as tensões

Sofia Lorena

E se, em vez de estarem ocupadas a tentar antecipar e reagir a um ataque do Irão e dos seus aliados, as autoridades israelitas estivessem a ultimar os pormenores para fechar um acordo de cessar-fogo com o Hamas na Faixa de Gaza? Uma trégua que permitisse salvar a vida a dezenas de reféns, travar a mortandade no território e diminuir os riscos de um conflito regional alargado, dez meses depois dos brutais ataques do Hamas a Israel e do início da mais feroz das guerras contra o enclave palestiniano?

"De momento, todos os responsáveis pela segurança pensam que não há impedimento para [Israel] chegar a um acordo, mas [Benjamin] Netanyahu tem de concordar", disse ao diário *The Financial Times* um responsável israelita, conhecedor dos debates entre o primeiro-ministro, o seu ministro da Defesa e as chefias militares.

Segundo a imprensa israelita, a favor de um acordo estão actualmente o chefe das Forças de Defesa de Israel (IDF), Herzi Halevi; o chefe da Mossad (agência de espionagem), David Barnea, que é o principal negociador de Israel; e Ronen Bar, respon-

sável do Shin Bet (agência secreta de segurança interna). O ministro da Defesa, Yoav Gallant, também concorda que chegou o momento para uma trégua, escreveu ontem o *Financial Times*. Para todos estes responsáveis, a urgência de resgatar o maior número possível de reféns é extrema: dos 115 que se estima que continuarão em Gaza, muitos terão morrido nos últimos meses.

"Há condições para o acordo. Acredito que devemos voltar às negociações e alcançar o melhor resultado possível", disse Halevi a Netanyahu, durante uma reunião há uma semana, conta o jornal *The Jerusalem Post*. "Vocês são uns fracos", terá respondido Netanyahu, de acordo com o Canal 12 israelita. "Não sabem como gerir uma negociação... Em vez de pressionarem o primeiro-ministro, pressionem [o chefe do Hamas em Gaza, Yahya] Sinwar", acusou.

"Pára de me enganar"

Há dias, a imprensa de Israel dava conta de outra troca azeda de palavras, esta entre o primeiro-ministro e o Presidente dos EUA, Joe Biden. De acordo com o mesmo Canal 12, a semana passada, durante um telefonema, Netanyahu pediu ao Presidente norte-americano que enviasse uma delegação às conversações. "Estamos a fazer progressos nas negociações", afirmou. "Pára de me enganar", terá respondido Biden. "Tive uma conversa muito directa com o primeiro-ministro. Temos as bases para um cessar-fogo. Eles devem avançar e avançar agora", disse mais tarde.

Desde Maio que as negociações se baseiam numa proposta norte-americana com a qual o Hamas chegou a anunciar ter concordado – na altura, alguns jornalistas israelitas (do Canal 12 e do diário *Haaretz*) revelaram que um "alto funcionário diplomático" que tinham citado a garantir que as IDF se preparavam para invadir a cidade de Rafah era, na verdade, Netanyahu – e que esse estratagema teria visado minar as possibilidades de um acordo. Desde então, os mediadores conseguiram convencer o Hamas a adiar uma trégua definitiva para uma segunda fase do acordo, um recuo significativo, ao mesmo tempo que Netanyahu tem tentado acrescentar exigências, impondo, por exemplo, a garantia de que Israel manterá o controlo da zona de fronteira entre Gaza e o Egipto.

Uma trégua, fazem notar diferentes análises na imprensa israelita, dificilmente impediria a reacção iraniana ao assassínio do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, durante uma visita a Teerão, mas permitiria ao Irão responder mais brandamente, salvando a face sem arriscar a guerra regional alargada que o regime dos *mullahs* tanto quer evitar.

"Agora, um acordo é mais necessário do que nunca", sublinhou o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, enquanto pedia aos ministros dos Negócios Estrangeiros do G7 (França, Alemanha, Reino Unido, Canadá e Japão) para unirem esforços e exerceram pressão sobre o Irão e Israel, tentando limitar os danos dos próximos ataques, dados como inevitáveis.

"Diplomatas internacionais" citados pelo *Financial Times*, "também acreditam que um cessar-fogo em Gaza poderia abrir a janela para um acordo de desanuviamento de tensões entre Israel e o Hezbollah", numa altura em que os ataques transfronteiriços estão a intensificar-se, depois do assassínio de Fuad Shukr, um importante comandante do Hezbollah, descrito como "braço direito" do líder da milícia xiita libanesa, Hassan Nasrallah, um dia antes da morte de Haniyeh.

Escolher "a escalada"

Analistas e serviços secretos ocidentais prevêem que a resposta iraniana seja acompanhada de operações do Hezbollah e, provavelmente, de outros membros do chamado "eixo de resistência".

Netanyahu, escreve o jornalista Jack Khoury no *Haaretz*, "tem o poder de apagar o rastilho da bomba-relógio ou de, pelo menos, arrefecer o conflito iminente". Anunciar um acordo, com as condições conhecidas, "não seria de modo algum uma capitulação perante o Irão e o Hezbollah, e muito menos perante o Hamas", defende. Realça que é isso que desejam a maioria dos israelitas e os "partidos da oposição, que prometeram a Netanyahu uma rede de segurança para evitar que ministros de extrema-direita derrubem o seu Governo".

Para Jack Khoury, dizer, em público, que um acordo está iminente "obrigaria o Irão e os seus aliados a moderar a sua resposta". A verdade é que esta não é uma guerra desejada por ninguém: o Hezbollah sabe que muitos libaneses não lhe perdoariam; o *ayatollah* Khamenei teme que um conflito directo com Israel ponha em causa a própria existência da República Islâmica.

Lembrando os dez meses dos ataques de 7 de Outubro, o *Haaretz* escreve, em editorial, que "a ameaça à segurança de Israel não diminuiu, o seu poder de dissuasão não se reforçou e as probabilidades de eclosão de uma guerra regional são maiores do que nunca". "Só há duas opções: um acordo ou uma escalada. Netanyahu escolheu a escalada", é o título do texto.

Sublinhando a ideia de que um acordo não é uma derrota, Khoury observa que "não implica negociações sobre a retirada de colonatos, ceder território ou criar um Estado palestiniano": "Trata-se apenas de trazer os reféns para casa, pôr fim a uma guerra que dura há quase dez meses [e que fez já mais de 35 mil mortos em Gaza] e de uma boa hipótese de evitar um incêndio como o Médio Oriente nunca conheceu.."

Tensão na fronteira com o Líbano

Hezbollah intensifica ataques contra Israel e promete "castigo" forte

Sofia Lorena

Alguns pensaram que sim, mas ainda não era a resposta ao assassínio de Fuad Shukr, o comandante do Hezbollah tido como próximo do líder da milícia xiita libanesa, Hassan Nasrallah, que Israel matou há uma semana, em Beirute. Ontem, o grupo lançou um ataque, com o que chamou "um enxame de *drones*, de uma intensidade rara e contra áreas que têm sido poupadas à permanente troca de fogo que decorre desde Outubro junto à fronteira que separa o Líbano de Israel.

Pelo menos 18 pessoas ficaram feridas nas imediações da cidade israelita de Nahariya e na localidade vizinha de Mazraa (árabe). Entre os feridos, seis são soldados e há um homem que está em estado grave – as IDF disseram que foi atingido por um interceptor disparado pelo sistema de defesa aérea Cúpula de Ferro (*Iron Dome*) que não acertou no *drone* e embateu no solo.

De acordo com a milícia, esta operação visava vingar o ataque israelita que horas antes matara pelo menos cinco dos seus combatentes na cidade libanesa de Mayfadoun, a 30 quilómetros da fronteira. A resposta à morte de Shukr, fez saber o grupo, "ainda está para vir".

"Não procurámos uma escalada até agora, temos lutado em apoio a Gaza, mas tendo em mente o interesse nacional libanês", afirmou Hassan Nasrallah, num discurso de elogio a Shukr, transmitido na televisão. "De cada vez que um dos nossos comandantes era morto, a nossa reacção era intensa, mas sempre ponderada", defendeu. "Mas o assassínio de um líder de topo em

Hassan Nasrallah fez ontem um discurso a assinalar uma semana desde a morte de Fuad Shukr

Dahia [bastião do Hezbollah nos subúrbios de Beirute] deve ser tratado de forma diferente. A nossa resposta virá, se Deus quiser, de nós e do 'eixo da resistência' – e será forte", disse.

Nasrallah referiu-se ainda ao assassínio do chefe político do Hamas, Ismail Haniyeh, morto em Teerão um dia depois de Shukr. A expectativa é que Irão e Hezbollah respondam de forma coordenada – envolvendo, possivelmente, outros membros do "eixo", como os houthis iemenitas e as milícias xiitas do Iraque, que entre segunda e ontem atacaram os militares norte-americanos ali estacionados.

Para o analista especializado em questões militares Amos Harel, "a ameaça do Líbano é actualmente mais perigosa do que a ameaça do Irão, tendo em conta o enorme número de mísseis à disposição do Hezbollah, bem como a proximidade de Israel". Um ataque vindo do Líbano, escreveu Harel no diário *Haaretz*, "poderia visar alvos militares e estratégicos no Norte e no centro do país e incluir fogo pesado a uma escala sem precedentes em Israel".

O jornal libanês *Al-Akhbar*, pró-Hezbollah, escolheu para manchete da sua edição de ontem o título "Mais cedo ou mais tarde, o castigo chegará. Não se deixem enganar", com uma imagem de Telavive. As sugestões de que a resposta do Hezbollah poderia passar por Telavive já tinham surgido na mesma publicação, explicou o jornal *The Times of Israel*, mas vários jornalistas que acompanham o grupo consideram que estas referências devem interpretar-se como uma intenção mais geral de atingir alvos militares no centro de Israel.

Há registo de 13 portugueses no país

Governo tem plano de evacuação "pronto a ser activado" para portugueses no Irão

Liliana Borges

O Governo tem preparado um plano de evacuação para a região do Irão que está "pronto a ser activado assim que necessário". A garantia foi dada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros em resposta ao PÚBLICO, depois de no domingo ter desaconselhado "em absoluto" todas as viagens para o Irão devido à crescente tensão na região, isto depois de o líder do Hamas ter sido assassinado em Teerão.

O executivo mantém o nível de alerta feito no início da semana, embora esclareça que "não pode proibir ninguém" de viajar. No conjunto de alertas feitos, o Governo destaca que, além de as redes sociais estarem bloqueadas, as comunicações para fora do Irão encontram-se restringidas e, por isso, reforça o apelo para que não se desloquem para a região.

Numa nota publicada no Portal das Comunidades, no domingo, o Governo chamou a atenção para a "crescente tensão regional e perigo securitário" no Irão. Na mesma nota, o Governo desaconselhou os portugueses de fazerem qualquer tipo de registo de fotografias ou vídeos, "em particular em qualquer zona evidentemente não turística" na região em causa. Alertou ainda que existe a possibilidade de "encerramento do espaço aéreo do Irão ou cancelamentos de voos por parte de muitas companhias", pedindo aos portugueses que ainda se encontrem no país que saiam, pelo menos "até que a situação regresse a um clima de menor risco".

Aqueles que não conseguirem sair da região devem "abster-se imperiosamente" de participar em qualquer tipo de manifestação ou ajuntamento e afastarem-se de ruas e zonas em que este tipo de acção decorra. São também desaconselhadas viagens à província do Sistão-Baluquistão e deslocações junto às fronteiras do Afeganistão e do Iraque.

Segundo os dados recolhidos pelo Governo, encontram-se actualmente registados 13 portugueses no Irão, além dos diplomatas e funcionários da embaixada de Portugal em Teerão. Para estes, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Ministério da Defesa Nacional têm preparado, em conjunto, um plano de evacuação, caso seja necessário. Além disso, o Governo "tem, em permanência, entidades que planeiam e executam operações de evacuação de cidadãos nacionais em zonas e regiões em conflito", garante o Ministério dos Negócios Estrangeiros na mesma resposta.

Espaço público

Os esquisitos agora são os republicanos

Editorial

David Pontes

Em política, uma mudança tem efeitos até na forma como o outro lado, que não mudou nada, é avaliado. Quando Biden desistiu, o velho passou a ser Donald Trump

Aprender o valor da mudança é perceber como tudo o que parece estar previamente escrito pode subitamente alterar-se, se houver vontade para isso. A história de Portugal para os próximos anos parecia estar escrita, com uma maioria absoluta a garantir estabilidade governativa, até que António Costa decidiu demitir-se. As eleições dos Estados Unidos pareciam estar pré-determinadas até que Joe Biden teve o bom senso de perceber que as suas falhas podiam arrumar com as pretensões democratas.

Em política, uma mudança profunda tem efeitos radicais até na forma como o outro lado, que não mudou nada, é avaliado. Quando Biden, acusado de estar velho demais, desistiu, o velho passou a ser Donald Trump. Quando as aparentes distracções e as claras *gaffes* do Presidente norte-americano deixaram de estar no palco, é o comportamento errático e por vezes mesmo tresloucado do candidato republicano que brilha por baixo dos holofotes.

Se há alguém que incorpora bem este virar de mesa é o candidato a vice-presidente anunciado ontem por Kamala Harris. Foi afinal Tim Walz que começou a tratar como "esquisitas" (em inglês "*weird*") as propostas de Trump e do seu candidato a vice, J.D. Vance, o que a campanha democrática abraçou, ainda antes de se saber que ele seria o escolhido de Harris.

O saco de porrada costumavam ser os democratas graças ao talento de Trump para arranjar alcunhas que pegavam bem nas redes, como o famoso "*crooked* Hillary" ou o "*sleepy* Joe". Os democratas agora decidiram arregaçar as mangas, abandonar um ar de superioridade moral, e ir à guerra com um "esquisito" que encheu as redes e resume bem alguns dos traços da candidatura republicana.

Nem vale muito a pena salientar todo o *curriculum* de Trump que sempre fez dele, para quem recorda os valores tradicionais republicanos, um candidato esquisito. Como não valerá a pena salientar o esquisito que é um dia J.D. Vance se ter lembrado de diminuir as mulheres que optam por não ter filhos, quando um sexto das norte-americanas entre os 40 e os 44 anos nunca teve um filho. Porque cada vez mais esquisito é que os arreigados defensores das liberdades individuais sejam quem mais quer interferir com elas, das orientações sexuais à disposição para se reproduzirem, até aos livros que podem ler.

Por isso a escolha de um político razoavelmente normal como Tim Walz, vindo de uma América rural, antigo professor, treinador de futebol, antigo elemento da Guarda Nacional, pode ser o impulso que os eleitores precisam para se afastar da esquisitice.

CARTAS AO DIRECTOR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

O perigo da guerra nuclear não está extinto

Faz a 6 de agosto e a 9 de agosto 79 anos que a humanidade ficou conhecedora do poder destrutivo, à escala de centenas de milhares de seres humanos mortos instantaneamente ou pouco depois da explosão, de duas bombas, uma de urânio e outra de plutónio, respectivamente, em Hiroxima e Nagasaki. É certo que foi um aviso e o ponto final na II Guerra Mundial no Oriente. Duas grandes cidades que morreram ardidas, reduzidas a cinzas. Essa memória existe no Museu e no Jardim da Paz em Hiroxima e está viva na consciência coletiva de cidadãos do mundo inteiro. O filme *Oppenheimer*, de excecional qualidade e rigor, surgiu no momento certo, em que se reavivam tantãs de guerra sem limites, com enfrentamentos de superpotências armadas com armas nucleares, muito mais potentes que a "*Fat Man*" e a "*Little boy*". (...) Uma guerra nuclear contemporânea seria o suicídio/homicídio universal. E os eventuais poucos sobreviventes, em *bunkers*, hominídeos das cavernas.
José Manuel Jara, Lisboa

A bíblia de Abraão

No PÚBLICO de dia 5 de Agosto, escreve David Dominguez Ramos, advogado e mestre em Direito Internacional, sobre o modo como Israel reage a qualquer crítica a propósito do genocídio que leva a cabo há quase cem anos sobre o povo da ocupada Palestina. Israel diz ter direito de conquistar toda a Palestina, pois esta lhe foi dada por Abraão e apresenta a Bíblia deles (Antigo Testamento) como prova. Eles regem-se pela antiga religião baseada nesse testamento, a qual nem sequer fala em humanidade. (...) Chego a duvidar que o "ataque" de 7 de Outubro que atribuem ao Hamas foi mero pretexto para os ataques mais ferozes sobre a Palestina: nada sobrou, nem escolas, nem hospitais, prédios inteiros. Aliás, há muito tempo que já não há água potável, alimentação, trabalhadores humanitários, médicos. É Abraão que o ordena?
Helena Azul Tomé, Lisboa

Chego a duvidar que o "ataque" de 7 de Outubro que atribuem ao Hamas foi mero pretexto para os ataques mais ferozes sobre a Palestina: nada sobrou, nem escolas, nem hospitais, prédios inteiros. (...) É Abraão que o ordena?

Helena Azul Tomé
Lisboa

Quando vamos reconhecer a Palestina?

No ano de 1975, a Indonésia invadiu Timor-Leste, que ainda se encontrava sob administração portuguesa. Era então primeiro-ministro o almirante Pinheiro de Azevedo.
Uma jornalista perguntou-lhe: então, senhor PM, que decisões vai tomar agora? Pinheiro de Azevedo, que não era homem para se pôr com evasivas, respondeu da seguinte maneira: minha senhora, aqui não se tomam decisões; as decisões tomam-se em Washington, Londres e Moscovo.
Hoje é um pouco diferente, as decisões tomam-se também em Bruxelas. Por isso, senhores activistas, não percam tempo a perguntar ao PM quando vamos reconhecer a Palestina, porque, se ele fosse frontal e directo como Pinheiro de Azevedo, o que diria é "estamos à espera de ordens".
A Espanha já reconheceu, porque a Espanha pode.
Quintino Silva, Paredes de Coura

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM FAIXA DE GAZA

MOHAMMED SALEM/REUTERS

Yara Al-Ghandour foi ferida num ataque israelita juntamente com os seus dois irmãos e a mãe. A menina palestiniana foi fotografada no momento em que recebia tratamento no hospital Nasser, em Khan Younis, no Sul da Faixa de Gaza

Turismo sim, mas q.b.

Continua a grande invasão de turistas. Oiço muitos especialistas a dizer que o turismo não pode crescer assim desmesuradamente. Eu próprio, quando vou à Baixa, sinto-me quase sem respiração envolvido por turistas por todos os lados em grupos com guias ou aos pares. Os *tuk- tuks* param por todo o lado. O lixo é muito e Portugal, para além de Lisboa, Porto e Sintra, é tão bonito. (...) E se vem aí outra covid ou coisa parecida, vamos viver de quê com a escassa exportação que temos? Das 60 medidas anunciadas para o desenvolvimento, 17 são para ajudar o turismo. Fico na expetativa de ouvir alguém com poder dizer, tal como a minha avó dizia quando dava uma receita de culinária: sal, quanto baste. Digo eu: turismo sim, mas quanto baste.
José Rebelo, Caparica

Porque é que a inflação não desce?

Há uns dois anos escrevi uma Carta ao Director defendendo que a suposta “inflação” era, em grande medida, resultado de um aproveitamento da grande distribuição, que, usando o argumento da guerra, do custo do petróleo e de outras coisas, aproveitava para aumentar à bruta os preços dos produtos de consumo (tomates, fruta e tudo o mais). Pouco tempo depois começaram a apresentar as suas contas anuais de 2022 e 2023 e descobrimos que tinham tido lucros fabulosos. Anormais. Claro. Agora já não sou só eu (e mais uns poucos) a denunciar esta origem da “inflação” nos preços no consumo; agora temos, por exemplo, uma economista de renome, a alemã Isabella Weber, que chegou a uma conclusão parecida e que defende que a “inflação” é, em boa medida, resultado de um aproveitamento de alguns para aumentos de preços anormais – e, logo, lucros anormalmente elevados, como em Portugal estamos a ver em vários setores (distribuição, banca). Quem nos defende enquanto consumidores e cidadãos desta “distorção” de mercado?
Fernando Vieira, Lisboa

ESCRITO NA PEDRA

Assim que nascemos, choramos por nos vermos neste imenso palco de loucos
William Shakespeare (1564-1616), poeta e dramaturgo inglês

O NÚMERO

58.641

Número de candidatos ao ensino superior na primeira fase (menos 773 do que no ano passado)

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

A posição do Presidente da República na CPI das gémeas

Jorge Bacelar Gouveia

1. Foi com a maior surpresa que li, na carta que o Presidente da República dirigiu ao presidente da Assembleia da República (AR) em 31 de julho de 2024, a respeito do trabalho que a "CPI das gémeas" desenvolve na AR, a afirmação de que aquele órgão de soberania "apenas responde politicamente perante o Povo que o elegeu" (n.º 2 da carta), retirando daí a consequência de que "não responde, portanto, politicamente pelo desempenho do seu mandato, perante qualquer órgão ou instituição pública" (n.º 3 da carta).

Com o devido respeito, a conceção do estatuto presidencial na CPI que subjaz a essa declaração está deslocada da realidade do nosso Estado de direito, que assenta na Constituição de 1976 (CRP), no Regimento da Assembleia da República (RAR) e na Lei dos Inquéritos Parlamentares (LIP).

2. Desde logo, não se percebe como se pode justificar um direito de não comparecer perante um órgão de soberania para explicar a verdade com base na ideia de que só se responde perante o "Povo que o elegeu" e mais ninguém, a não ser, em termos criminais, perante o STJ.

Primeiro, a afirmação de que o Presidente só responde perante o povo não existe como tal na CRP e até faz lembrar outro artigo de má memória, mas que não é da CRP, antes da Constituição fascizante e salazarista de 1933, em cujo art. 78.º, proémio, se prescrevia: "O Presidente da República responde direta e exclusivamente perante a Nação pelos atos praticados no exercício das suas funções, sendo o exercício destas e a sua magistratura independentes de quaisquer votações da Assembleia Nacional." Aquela disposição, que foi quase transcrita *ipsis verbis* na carta presidencial, só pode existir num "Estado de não direito" ou no antigo Estado Absoluto do *Ancien Régime*, em que vigorava o princípio segundo o qual o rei estaria livre da lei: *princeps legibus solutus*. Não quero, pois, acreditar que se tenha a intenção de recordar tais tempos, pelo que, além de tudo o mais, a metalinguagem que esta frase da mensagem do Presidente suscita é, no mínimo, muito infeliz.

3. Depois, há aqui uma confusão de planos porque a CPI, que se saiba, nunca pretendeu fazer um "golpe de Estado", usurpando os poderes da Justiça: *as CPI fazem uma vigilância político-parlamentar, mas não investigam, julgam ou condenam criminalmente*. Logo, invocar o argumento de que apenas se responde perante o STJ só poderia fazer sentido se se tratasse de uma investigação criminal, quando sabemos que não é – é uma ação de fiscalização político-parlamentar. O RAR é bem claro quando comete importantes poderes às CPI no art. 233: "Os inquéritos parlamentares destinam-se a averiguar do cumprimento da Constituição e das leis e a apreciar os atos do Governo e da Administração."

Aliás, este é um preceito que está em linha com a competência genérica que a CRP atribui à AR e que nestes termos não existe para o Presidente da República, no seu art. 162.º, al. a), como "competência de fiscalização", em cujos termos "compete à Assembleia da República, no exercício de funções de fiscalização: a) Vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os atos do Governo e da Administração".

4. O estatuto do Presidente da República, no caso das gémeas, tem laivos de intervenção administrativa procedimental e, sobretudo, o grande problema que se coloca é determinar se foi cumprido um dos mais relevantes princípios retores da atividade jurídico-pública: *saber se os órgãos do Estado prosseguiram o interesse público ou se prosseguiram interesses privados, como sucede quando há desvio ou abuso de poder, dos quais o Presidente da República, como qualquer organismo público, não pode estar excluído*. Isto sucede mais até por força do juramento, nos termos do qual o Presidente afirma solenemente, de acordo com o art. 127.º, n.º 3, da CRP, que "jura defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa". Ora, a prossecução do interesse público é bem um dos mais evidentes princípios constitucionais que jura cumprir.

Nem sequer a leitura do regime das imunidades presidenciais tem alguma coisa que ver com isto – curiosamente, "imunidades constitucionais" que na Constituição de 1933 estavam associadas àquela referida regra como § único do seu art. 78.º – porque se situa no plano da investigação criminal e quando a CRP refere esta especial modalidade de fiscalização parlamentar dela não isenta ninguém em especial.

Em que ficamos: o Presidente não responde perante ninguém ou responde?

5. Mas o que mais impressiona na declaração presidencial *é a petição de princípio em que a mesma cai quando admite prestar depoimento na CPI, depois de se dizer que o Presidente da República só responde perante o Povo*. Se assim é, o n.º 2 do art. 16.º, n.º 2, da LIP só se poderia considerar inconstitucional porque, ao prever aquela faculdade, faria sempre "rebaixar" a posição presidencial quando respondesse perante uma CPI.

Só que o Presidente, pelos vistos, não a considerou inconstitucional: apesar de não prestar contas a ninguém, ou apenas "ao Povo que o elegeu", seja lá o que isso for, admite a constitucionalidade da norma, que, afinal, tem o resultado de o fazer prestar contas perante uma CPI. Em que ficamos: o Presidente da República não responde perante ninguém ou responde? O facto de ser uma opção não desgradua a resposta a partir do momento em que o Presidente aceite responder...

6. *É justo considerar que esta norma é inconstitucional pela razão inversa: porque coloca o Presidente na posição do "privilégio" – que se agrava quando refere antigos chefes de Estado, que já não são chefes de coisa nenhuma... – de ser o único órgão público que não tem de depor numa CPI, o que nada tem que ver com a sua imunidade criminal*.

Esta exceção mina por completo aquilo que no art. 16.º, n.º 1, da LIP estava bem, e que só devia ser excecionado para permitir o depoimento por escrito, mas atingindo qualquer cidadão: "As comissões parlamentares de inquérito podem convocar qualquer cidadão para depor sobre factos relativos ao inquérito..."

Professor catedrático de Direito e advogado

O inquérito parlamentar pode ou não pode? Não pode!

João Paulo Correia

O inquérito parlamentar (IP) pode mais do que o Ministério Público no âmbito do processo penal? Pode o IP atuar em matéria que é reserva de um juiz, nos termos do artigo 34.° da Constituição? Não, não pode!

A comissão parlamentar de inquérito (CPI) não é um tribunal. Tem os poderes das autoridades judiciárias, exceto naquilo que lhe está vedado pela Constituição. Foi desta forma que o PS interpelou a CPI Gémeas Tratadas com o Medicamento Zolgensma na sua primeira reunião. Estavam em causa requerimentos coercivos que pretendiam aceder a mensagens trocadas por um conjunto de personalidades através das redes sociais e que, em caso de desobediência, sujeitariam os requeridos a sanções criminais.

Entendeu a CPI solicitar parecer ao auditor jurídico da Assembleia da República (AR). Perante um parecer contraditório na fundamentação e equívoco nas conclusões, o Chega abusou do direito potestativo para viabilizar os requerimentos. Uma tentativa desesperada de sobrepor o direito potestativo aos poderes das CPI.

Mais uma vez, o PS opôs-se. O presidente da AR reagiu, pedindo um segundo parecer, desta vez ao conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República (PGR).

Não é altura de alterar o regime jurídico dos inquéritos parlamentares. Desde logo, não é possível alterar as regras com inquéritos parlamentares em curso. Em setembro, uma segunda CPI inicia os seus trabalhos. Por outro lado, importa aguardar o parecer não vinculativo da PGR, que poderá condicionar esta e a próxima CPI, bem como influenciar a alteração das regras dos inquéritos parlamentares. Uma eventual alteração do regime não será para breve.

A abertura de inquérito por parte do Ministério Público e as ações das autoridades judiciárias nas vésperas da CPI suscitaram a perceção do seu interesse público. A exemplo de anteriores inquéritos parlamentares, a CPI decidiu não suspender os seus trabalhos pelo facto de decorrer inquérito no MP. Prevaleceu a separação de poderes de diferentes órgãos de soberania. Aliás, recordamos rapidamente o contributo de determinadas CPI para o interesse público e das ações que se seguiram do lado da justiça.

Temos pela frente mais de 30 audições e há documentação relevante que ainda não chegou aos deputados. Em nome do interesse público, o PS continua empenhado na descoberta da verdade e no respeito pelos direitos e regras constitucionalmente consagrados.

Deputado do PS

Em defesa “concreta” do SNS

João Sedas Nunes

A atual crise das urgências obstétricas vinca no espaço público uma forte pressão sobre o Serviço Nacional de Saúde (SNS) que não é nova. A falta de recursos, materiais e humanos, corroê-lo-á, bem como a confiança de que cuidará dos cidadãos em caso de doença ou acidente. Acompanhando esta desqualificação simbólica do SNS, assiste-se, em paralelo, a um crescimento exponencial dos seguros de saúde. Já é, por exemplo, prática corrente as empresas integrarem-nos nos pacotes laborais. No fim da linha, como efeito perverso, adivinha-se a contração do SNS até ao ponto de se tornar um sistema de saúde apenas para indigentes, aqueles que não têm meios para pagar os seguros que garantem o acesso à “boa medicina” oferecida e concentrada no sector privado.

Este é, como indica o título, um texto em defesa do SNS, mas que toma a forma singular de “testemunho”. Um testemunho factualmente rigoroso que serve, então, um propósito político claro: incensar e defender o Serviço Nacional de Saúde (SNS), provavelmente a mais extraordinária instituição pública que, sem o 25 de abril de 1974, não teria sido criada.

No sábado, 27 de julho, sofri um acidente de bicicleta. Em Lisboa, virando para a Av. Sidónio Pais vindo, no sentido descendente, da Av. Fontes Pereira de Melo, ao transitar da ciclovia para o passeio, não aumentei o ângulo da trajetória o suficiente para impedir que a roda da frente, em vez de subir o passeio, resvalasse na borda deste. A consequência foi “desastrosa”. Todo o peso combinado da bicicleta e do meu corpo “caiu” em cima do meu pé direito provocando uma fractura trimaleolar. Apercebi-me logo da gravidade da situação pelo som da fractura e porque o meu pé virou cerca de 90º à direita.

Voltei a casa no final da tarde de sexta-feira, dia 2 de agosto. Quer dizer que, em menos de uma semana, fui tratado, operado, instruído sobre o que, uma vez em casa, nos primeiros dias, poderia e deveria fazer e recebi alta. Isto, importa sublinhar, no caso de um tipo de lesão traumática que, do ponto de vista clínico, feita a redução inicial (para prevenir o bloqueamento dos vasos sanguíneos e a necrose dos tecidos que poderia determinar uma amputação), não tem indicação para cirurgia prioritária.

Neste curto período conheci a prática clínica de três hospitais. Todos públicos. Após o acidente, fui conduzido ao Hospital de São José. No mesmo dia, ao começo da tarde, segui para o São Francisco Xavier, terminando o dia no Hospital Ortopédico de Sant’Ana na Parede, unidade hospitalar em que fui operado e “residi” até tornar a casa.

A razão para este périplo explica-se rapidamente. Viajei para o São Francisco Xavier porque é o hospital da minha área de residência. Continuei para o Hospital de Sant’Ana porque, ao fim de semana, a urgência de ortopedia do São Francisco Xavier é assegurada por uma equipa de ortopedia do Sant’Ana. Os doentes que atende tornam-se, então, seus doentes e são transportados para o hospital a que “pertencem.”

Não tenho nada a apontar a nenhum dos três hospitais e à conduta dos profissionais de saúde com os quais interagi. E não falo apenas de competência, proficiência e organização. Falo igualmente da empatia, generosidade e bondade humanas que a grande maioria dos profissionais inscreveram na relação comigo.

Desde a primeira hora. Chegado ao São José em estado de choque, a equipa médica, além da redução rapidíssima que operou (a redução consiste grosseiramente em pôr o pé no sítio, procedimento, como se compreenderá, muitíssimo doloroso – até porque tem de ser feito de imediato e sem sedação), identificou com prontidão o registo de comunicação que melhor servia o objetivo de me fazer sair do estado de choque: o humor. De tal modo que estávamos nisto estando, em simultâneo, a galhofar. Por inacreditável que pareça, ri a bom rir naqueles primeiros minutos em que me estabilizaram física e emocionalmente. O estado de choque extinguiu-se aí.

No São Francisco Xavier, entre o mais, sujeitaram-me a vários exames. Cinco ao todo. Três radiografias, um electrocardiograma e uma Tomografia Axial Computadorizada (TAC). O conjunto total não levou mais de 45 minutos a concluir. “Logística”, constate-se, afinada/oleada, prevenindo dilações que são sempre ansiogénicas para um doente em sofrimento físico.

E que dizer do Hospital de Sant’Ana? Três notas breves sobre a qualidade do serviço prestado.

1. Nas muitas ocasiões em que me vi forçado a accionar o dispositivo de chamada da minha cama, não tive uma só vez de insistir. Mais, mesmo comunicando uma queixa a pessoal leigo (por exemplo, uma auxiliar de enfermagem), a resposta clínica que recebia no fim provava que a informação chegara a quem de direito sem desvio/equívoco.

O SNS tem de ser protegido das forças mercantis que, direta e indiretamente, propulsionam a sua conversão numa ‘oferta de práticas clínicas limitada para indigentes’

2. Do pessoal de limpeza aos médicos, quase todos me trataram nas palminhas. Sorrindo, explicando o que eu pedia que fosse explicado, insistindo para que, se precisasse de ajuda, mesmo de noite e madrugada, não hesitasse em pedi-la. Noutros termos, senti-me inscrito num regime de envolvimento humano e não apenas técnico. Eu sei que favoreço a manifestação dessa disposição calorosa (faço questão de recorrer aos códigos do reconhecimento interpessoal). Mas parece-me que essa veemência compassiva é uma propriedade pelo menos tanto da instituição hospitalar quanto das pessoas que nela trabalham.

3. Na cirurgia, pela médica anestesista, foi-me proposto e explicado porquê uma “anestesia sequencial”. Consistiu em, seletivamente, adormecer apenas os membros inferiores (com alguma extensão à zona da bacia). Mantive-me por isso desperto e alerta todo o tempo da cirurgia. Esse tempo acrescido de “plena consciência” foi preenchido, por um lado, participando no jogo dos gracejos e larachas de bloco operatório e, por outro lado, por uma longa cavaqueira com a médica anestesista que cobriu desde a evolução das possibilidades de prática anestésica nos últimos 30 anos à política nacional e internacional, passando pelos cadilhos dos trabalhos paternais e avoengos com crianças de tenra idade. Tanta animação descontraída suavizou a hora de cirurgia. “Passou num instante”, disse para mim no final.

A cereja no topo do bolo. A organização e fluidez dos arranjos médicos-hospitalares culminados por um regime de “bem cuidar” em todos os momentos e circunstâncias.

Quero *até ao fim* evitar o panegírico “abstracto” (manifesto ideológico) sobre os méritos do SNS. O testemunho – incluindo a enorme gratidão que me enche a alma – que aqui lavro servirá *concretamente* essa finalidade. O SNS tem de ser protegido das forças mercantis que, direta e indiretamente, propulsionam a sua conversão numa “oferta de práticas clínicas limitada para indigentes”, transformando, do mesmo passo, a saúde num espaço de bens, produtos e serviços *igualmente* económicos. Há gente que resiste de dentro do sistema a esta *doce* revolução mercantil. Resistamos também *de fora,* procurando-o quando precisamos, em vez de investirmos em seguros de saúde que subordinam a saúde pública a interesses privados de grandes grupos económicos.

Professor e pesquisador em Sociologia, Nova FCSH

Maria João Marques regressa a esta página a 21 de Agosto

NECATI BAHADIR BERMEK/GETTY IMAGES

Três deputados renunciaram ao mandato e 36 suspenderam funções

As trocas de lugares nas bancadas do PS e do PSD, sobretudo relacionadas com saídas e entradas no Governo, levaram ao aumento da paridade na Assembleia da República, que se situa agora nos 35%

Ana Bacelar Begonha

Em quatro meses, o Parlamento assistiu a várias renúncias e suspensões de mandatos que obrigaram à substituição dos deputados eleitos em Março e já tiveram efeitos na paridade do hemiciclo, que se fixa agora nos 35%.

A maioria das alterações decorre da natural transição dos deputados eleitos para o Governo ou dos ex-governantes para o Parlamento, mas há também quem tenha saído para ocupar outros cargos políticos ou por motivos de saúde. Houve mesmo um deputado do PSD que não chegou a assumir funções.

De acordo com o *site* do Parlamento, até agora, só se registaram três renúncias: as de Marta Temido, Francisco Assis e Ana Catarina Mendes, deputados do PS que abdicaram do lugar na Assembleia da República cerca de três meses depois de tomarem posse para, em Julho, assumirem o mandato como eurodeputados no Parlamento Europeu.

Já os deputados que suspenderam o mandato e, consequentemente, os parlamentares temporários que os substituíram são 36:16 do PSD, 17 do PS, um do BE e dois do CDS. No caso do PSD, 14 dos deputados que suspenderam funções fizeram-no porque foram para o Governo, tal como os dois deputados do CDS. Trata-se, por exemplo, de Luís Montenegro, primeiro-ministro, ou de Nuno Melo, ministro da Defesa. A maioria dos deputados efectivos temporários destes partidos são, portanto, parlamentares que estão a substituir membros do executivo desde Abril (os ministros tomaram posse a 2 de Abril e os secretários de Estado no dia 5 do mesmo mês).

No caso do PS, os deputados que suspenderam o mandato são os ex-governantes que foram eleitos nas legislativas, mas que, à data do início da legislatura, ainda estavam em funções no anterior Governo. Foram substituídos temporariamente até à tomada de posse do novo executivo, altura em que cessaram funções e puderam assumir o lugar de deputados. Do lado do BE, Marisa Matias fez uma pausa por motivos de saúde e Isabel Pires substituiu-a entre Abril e Maio.

A maioria dos deputados do PSD e do CDS que subiram para o Governo e dos deputados do PS que substituíram os ex-governantes não estiveram, por isso, em funções mais de uma semana ou dez dias – apenas entre 26 de Março, data da primeira reunião da Assembleia da República, e 2 de Abril ou 5 de Abril, datas em que os membros do Governo assumiram funções. Mas alguns mandatos foram mais curtos, como o de Álvaro Castello Branco, do CDS, que substituiu Nuno Melo quando este integrou o executivo, acabando por suspender o mandato três dias depois porque foi também nomeado secretário de Estado adjunto e da Defesa.

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Marta Temido e Ana Catarina Mendes renunciaram aos mandatos para irem para o Parlamento Europeu

Deputado não tomou posse

Alguns dos deputados temporários regressaram. É o caso de Davide Amado e de Fernando José, do PS, que estavam a substituir as ex-ministras Mariana Vieira da Silva e Ana Catarina Mendes e regressaram ao Parlamento como deputados definitivos quando Marta Temido e Ana Catarina Mendes renunciaram aos respectivos mandatos. O mesmo aconteceu com Sofia Canha, do PS, que substituiu Paulo Cafôfo enquanto era secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e após o líder do PS-Madeira suspender o mandato no Parlamento para ser deputado e líder de bancada na assembleia legislativa regional. No fundo, Paulo Cafôfo suspendeu o mandato duas vezes.

Há também um caso de um deputado temporário que acabou por suspender o mandato. Cristiano Cabrita, do PSD, estava a substituir Miguel Pinto Luz, ministro das Infra-Estruturas e Habitação, mas saiu do Parlamento no final de Abril para se dedicar em exclusivo à vice-presidência da Câmara de Albufeira. O Parlamento ficou, assim, com mais um deputado temporário: o social-democrata Dinis Faísca.

Do lado dos sociais-democratas, houve ainda uma suspensão temporária do deputado Alberto Machado. O parlamentar deu o lugar a Ana Isabel Moreira em Abril, mas regressou em Maio. O PÚBLICO contactou o grupo parlamentar do PSD para saber o motivo da suspensão, mas não obteve resposta.

Além dos deputados que renunciaram ou suspenderam funções, conta-se um que não chegou sequer a tomar posse depois da eleição. Óscar Afonso, do PSD, que é director da Faculdade de Economia do Porto, era o número quatro da lista da AD do Porto, mas foi logo substituído por Carla Barros, a 26 de Março. Existem, portanto, 40 alterações à composição inicial do Parlamento saída das legislativas de 10 de Março.

O *site* da Assembleia da República, contudo, regista 60 alterações, 57 das quais são suspensões e três cessações, visto que todas as saídas de funções são registadas como suspensões. Por exemplo, a saída de Isabel Pires (que estava a substituir Marisa Matias) aquando do regresso da deputada bloquista é vista como uma suspensão.

Estas movimentações já tiveram efeitos na paridade do hemiciclo. A Assembleia tem agora mais sete deputadas, isto é, um aumento de três pontos percentuais, do que aquelas que foram eleitas em Março, como indica o balanço da actividade parlamentar da primeira sessão legislativa de 18 de Julho.

O número de mulheres subiu de 75 para 82 devido às trocas nas bancadas do PSD e do PS, o que significa que existe actualmente uma paridade de 35%. Após as legislativas, estava nos 33%. Os sociais-democratas elegeram inicialmente 53 homens e 25 mulheres, mas têm hoje 50 deputados e 28 deputadas. E os socialistas passaram de 50 parlamentares homens e 28 mulheres para 48 deputados e 30 deputadas.

Renúncias e suspensões têm diminuído

Na última década, o número de renúncias tem flutuado entre as 15 e as 40, consoante a duração das legislaturas. No mandato passado, que durou apenas dois anos, contam-se 15 renúncias, como as de João Matos Fernandes, ex-ministro do PS; Rui Rio, ex-presidente do PSD; Catarina Martins, ex-coordenadora do BE; ou Jerónimo de Sousa, ex-secretário-geral do PCP. Também foram 15 os deputados que renunciaram na legislatura de 2019 a 2022.

Já nas legislaturas que foram até ao fim, o número sobe: o Parlamento regista 31 deputados que renunciaram de 2015 a 2019 e 40 entre 2011 e 2015. Ainda assim, houve uma descida nas renúncias de uma legislatura para a outra e o mesmo aconteceu em relação aos deputados temporários. Na legislatura passada, contam-se 53, ao passo que, de 2019 a 2022, houve 55. **A.B.B.**

Montenegro sacode pressão e vai com Marcelo ao Santa Maria

Fernando Costa

PS acusa Governo de agravar problemas do SNS com o desmantelar da reforma iniciada pelo executivo socialista

O coro de críticas ao Governo devido à crise nas urgências de ginecologia e obstetrícia continua a subir de tom. Cada vez mais pressionado e desafiado a deixar o silêncio e tomar posição, o primeiro-ministro não prestou declarações sobre a situação no Serviço Nacional de Saúde, mas o seu gabinete fez saber que, amanhã, Luís Montenegro visitará serviços hospitalares ao lado do Presidente da República e da ministra da tutela.

Marcelo Rebelo de Sousa e Ana Paula Martins acompanham Montenegro numa visita ao serviço de oncologia e às instalações reabilitadas da Maternidade do Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

O Presidente surge assim ao lado do primeiro-ministro numa altura de particular pressão sobre o Governo, em que os partidos da oposição, da direita à esquerda, acusam o executivo de "ignorar os problemas" no sector da saúde e Montenegro de manter uma "barreira de silêncio" sobre os problemas nas urgências de ginecologia e obstetrícia. Ainda na segunda-feira, enquanto via a Volta a Portugal, Montenegro recusou, em declarações aos jornalistas, comentar a situação nos hospitais.

Para já, coube ao líder parlamentar do PSD fazer a defesa do Governo jogando ao ataque contra os socialistas. Ontem, para rejeitar que a responsabilidade pela crise na saúde possa ser assacada ao Governo, Hugo Soares pediu ao PS para colocar "a mão na consciência", "em vez de se aproveitar dos problemas que deixou" nos mais de oito anos de governação. Os antigos parceiros de "geringonça" do PS também não saíram incólumes, com o social-democrata a dizer que "mesmo o PCP e o BE não estão inocentes".

O líder parlamentar do PSD apelou ainda à "unidade nacional" para enfrentar o "desafio de recuperar o SNS do colapso que resultou dos últimos oito anos".

Também ontem, e já depois de, no domingo, o secretário-geral socialista, Pedro Nuno Santos, ter acusado o primeiro-ministro de "ignorar os problemas" no SNS, o PS iniciou o seu périplo de reuniões com unidades locais de saúde. Depois da reunião com o conselho de administração da Unidade Local de Saúde do Santa Maria – o primeiro encontro no âmbito da iniciativa anunciada segunda-feira e que continua já hoje com uma reunião com a administração da Unidade Local do Arco Ribeirinho (Barreiro) –, a deputada socialista Mariana Vieira da Silva sacudiu as acusações de Hugo Soares e disse que "não aceita lições do PSD nesta matéria".

Governo 'criou instabilidade'

Na linha das críticas feitas do secretário-geral do PS, no dia anterior, a deputada considerou que as mudanças na direcção executiva do SNS, levadas a cabo pelo Governo, serviram para criar "uma pressão adicional" sobre as urgências no Verão. "Não podemos esconder que aquilo a que assistimos a partir de Março foi um desmontar do que estava feito, o afastamento de pessoas, a criação de instabilidade que começa na direcção executiva e acaba no INEM."

"Estamos a viver um agravar da situação face ao ano passado e esse agravar decorre de se ter desmontado as estruturas e a organização que o professor Fernando Araújo e a direcção executiva estavam a fazer das urgências", explicou, em declarações transmitidas pela RTP3. Acrescentou que o PSD não pode pedir consenso depois de "desmontar as reformas que foram feitas". Sobre a visita de Montenegro e Marcelo ao Santa Maria, Vieira da Silva referiu apenas que o Governo está a seguir o "exemplo do PS".

Já João Paulo Correia, coordenador do grupo parlamentar do PS para a área da saúde, ignorou as críticas de Hugo Soares à governação socialista e disse que as declarações do deputado do PSD configuram "um discurso de confissão de responsabilidade e do falhanço do plano de emergência" decidido pelo Governo. E lamentou que tanto o primeiro-ministro quanto a ministra da Saúde se mantenham em silêncio.

À semelhança das críticas que os partidos foram tecendo nos últimos dias, André Ventura disse aos jornalistas, em Setúbal, que "é o momento para dizer que este plano [de emergência] falhou" e que é preciso que o Governo tenha "a humildade de voltar a olhar para a situação e ver o que está mal".

O presidente do Chega defendeu, perante o momento "explosivo" no sector da saúde, a descentralização dos serviços e a melhor remuneração dos profissionais, à semelhança do que pediu o dirigente do PCP Bernardino Soares. Também em declarações reproduzidas pela RTP3, o comunista criticou ainda o facto de o Governo ter atrasado o concurso da colocação de médicos especialistas, incluindo obstetras. "O que [o Governo] está a fazer é a garantir a prioridade aos privados para os contratarem", criticou.

NUNO FERREIRA SANTOS

Cada vez mais pressionado pela oposição, primeiro-ministro manteve o silêncio, mas anunciou visita conjunta com o Presidente

> **Agravar da situação face ao ano passado decorre de se ter desmontado as estruturas e a organização que Fernando Araújo e a direcção executiva estavam a fazer das urgências**
>
> **Mariana Vieira da Silva**
> Deputada do PS

CPI da Santa Casa escrutina gestão até Santana Lopes

Maria Lopes

Comissão parlamentar de inquérito à gestão da Santa Casa de Lisboa parte das propostas feitas por Chega, IL e Bloco

Com o arranque dos trabalhos parlamentares na segunda semana de Setembro, será também lançada mais uma comissão parlamentar de inquérito (CPI), desta vez à gestão estratégica e financeira e à tutela política da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML). Aprovada através de três propostas do Chega, IL e Bloco, a comissão só pode ter um objecto, pelo que os partidos "cozinharam" um texto final" onde conseguiram congregar vontades políticas apesar das diferenças ideológicas.

A CPI vai ser um regresso ao passado da Santa Casa, pelo menos até 2011, quando a instituição era liderada pelo antigo primeiro-ministro e antigo líder do PSD Pedro Santana Lopes, que foi nomeado para o cargo de provedor por Pedro Passos Coelho. Dos nove pontos do objecto da comissão, o primeiro é, desde logo, a inquirição das "decisões de gestão estratégica e financeira efectuadas por parte da SCML, associadas ou subsidiárias, desde 2011, que possam ter contribuído para o desequilíbrio financeiro" da instituição.

Mas também se pretende "avaliar e esclarecer" as decisões tomadas pelas mesas, provedores e membros das administrações das empresas subsidiárias quanto à "diversificação das fontes de financiamento, avaliação do risco, apoio jurídico e financeiro aos negócios efectuados nesse contexto, nomeadamente relacionados com a internacionalização, novas áreas de negócio no âmbito do jogo ou compra de novos equipamentos".

Tutelada pelo Ministério do Trabalho e Segurança Social, também essa responsabilidade será escrutinada, querendo os deputados "avaliar a definição das orientações gerais de gestão e de fiscalização" da SCML.

Daí que os deputados tenham também mandato para "escrutinar o papel e a relação das diferentes tutelas políticas com a SCML e clarificar a intervenção dos XIX, XX, XXI, XXII, XXIII e XXIV governos constitucionais sobre a gestão política e financeira da SCML, designadamente no que respeita aos procedimentos para autorizações de investimentos, à partilha de informação entre os executivos e as sucessivas mesas".

Portugal tem médicos dentistas "em excesso". Número duplicou numa década

O segundo país da União Europeia que mais médicos dentistas formou em 2022 foi Portugal. Temos mais do dobro do rácio recomendado pela OMS, mas nem isso melhora os nossos indicadores de saúde oral

Alexandra Campos

NELSON GARRIDO

A média de diplomados em Medicina Dentária em Portugal está quase três vezes acima da da União Europeia

Portugal foi o segundo país da União Europeia (UE) que mais médicos dentistas formou em 2022, logo a seguir à Roménia. São dados agora divulgados pelo Eurostat, o gabinete de estatística da UE, que foi comparar o número de diplomados em Medicina Dentária nos 27 países em 2022 e encontrou grandes discrepâncias. No total, em 2022 formaram-se 14.313 médicos dentistas em todos os países da UE.

Nesse ano, concluíram a formação em Medicina Dentária 9,05 profissionais por 100 mil habitantes em Portugal, mais ainda do que no ano anterior (8,41), quase três vezes acima da média da UE. Com mais diplomados do que Portugal só a Roménia, que atingiu um rácio de 9,86 dentistas por 100 mil habitantes em 2022. Do lado oposto, Malta, Itália e Países Baixos registaram as taxas mais reduzidas de profissionais formados em 2022 – menos de 1,5 por 100 mil habitantes.

"Há excesso de médicos dentistas em Portugal, o rácio actual é de um médico dentista por 800 habitantes, mais do dobro do que o que a Organização Mundial de Saúde recomenda (1800), e todos os anos saem cada vez mais diplomados das faculdades. O paradoxo é que, em simultâneo, temos dos piores indicadores de saúde oral da UE", contextualiza o presidente do Sindicato dos Médicos Dentistas, João Neto.

Em apenas uma década, duplicou o número de médicos dentistas no país, devido à "falta de regulação dos sucessivos governos", critica. Ao mesmo tempo que "se deixou ir aumentando o *numerus clausus* nas sete faculdades, continua a não existir carreira no SNS". "Estamos a formar para exportar", conclui.

Actualmente, as unidades locais de saúde "nem sabem como hão-de contratar" para os gabinetes dentários dos cuidados de saúde primários. "Há médicos dentistas que estão a trabalhar no SNS de forma irregular como técnicos superiores, que é uma carreira administrativa, não clínica, e outros são contratados com falsos recibos verdes."

E isto acontece num país em que "10% das pessoas são desdentadas totais" e que "é o terceiro da OCDE" onde a população tem mais dificuldade em aceder a cuidados de saúde oral. "O programa do cheque-dentista está obsoleto, com 40% dos vales a não serem, sequer, utilizados pelas pessoas. Não aproveitamos o excesso de médicos dentistas que temos", diz João Neto. Lembra que este é o segundo curso superior "mais oneroso" a seguir ao de Medicina, e que no ano passado duas das três faculdades públicas (Porto e Coimbra) ainda abriram mais vagas.

Resultado? "Há muitos médicos dentistas em situação de subemprego, há casos de colegas explorados, com remunerações de 300 euros brutos por mês, e até já foram identificados casos de colegas que tiveram que recorrer ao banco alimentar", descreve, frisando que "mais de 600" emigram todos os anos.

No país, o retrato é desigual: "Na Madeira, já existe carreira, no Norte há médicos dentistas contratados pela Administração Regional de Saúde, há outros que trabalham no SNS há 30 anos como técnicos superiores, mas que não podem fazer um seguro clínico, enquanto no Sul há ainda outros que são subcontratados por empresas que recebem 22 euros à hora do Estado, mas pagam aos profissionais nove ou dez euros.

Números recentes divulgados pela Ordem dos Médicos Dentistas, mostram que no final de 2022, 12.706 médicos dentistas tinham inscrição activa para o exercício da profissão em Portugal. Nesse ano o número de profissionais com inscrição suspensa na OMD bateu um recorde – 2077.

"Esta é a realidade da medicina dentária em Portugal. Apesar dos mais de 2000 profissionais que têm a inscrição suspensa, e dos mais de 50% que decidiram trabalhar no estrangeiro, o número de médicos dentistas habilitados a exercer a profissão continua a aumentar. Isto é preocupante", alerta Miguel Pavão, bastonário da OMD.

Médicos diplomados: Portugal a meio da tabela

Numa altura em que é notícia a falta de médicos de várias especialidades no SNS, o Eurostat adianta que Portugal está a meio da tabela dos 27 países da União Europeia no número de médicos diplomados em 2022.

Os especialistas não se cansam de sublinhar que não há falta de médicos em Portugal, mas sim que o problema é que faltam médicos no SNS. A comparação internacional efectuada pelo gabinete de estatísticas comunitário comprova isso mesmo: em 2022, em Portugal havia 16,04 médicos licenciados por 100 mil habitantes em Portugal, a 13.ª

taxa mais elevada e superior à média dos 27 Estados-membros.

Nesse ano, as taxas mais elevadas foram registadas na Bulgária (29,49 por 100 mil habitantes), em Malta (27,66) e na Letónia (27,51). Do lado oposto surgiam a Eslovénia, com 11,36 médicos formados por 100 mil habitantes, a Estónia (12,16) e a Alemanha (12,38).

Escolas devem sacrificar projectos para garantir aulas a todos os alunos

Clara Viana

Orientações para 2024/2025 prevêem que "absoluta prioridade" vá para "leccionação da componente curricular"

Garantir aulas a todos os alunos será a tarefa principal das escolas no próximo ano lectivo, mesmo que para tal tenham de suspender projectos ou actividades de enriquecimento curricular. O mote é dado pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) num guião sobre a organização do ano lectivo 2024/2025 divulgado ontem.

"Na distribuição de serviço para o ano lectivo 2024/2025, a leccionação da componente curricular tem absoluta prioridade, em todas as situações, em detrimento de qualquer outro serviço", aponta o MECI na primeira das 14 páginas do documento.

Para garantir a expressão prática desta prioridade, o MECI apresenta alguns exemplos de como tal se poderá fazer. A começar pela "suspensão de actividades de complemento e de enriquecimento curricular (com excepção da educação pré-escolar e do 1.º ciclo), desenvolvimento de projectos, ou outras, mobilizando os docentes afectos a essas actividades ou projectos para leccionarem às turmas" de alunos sem aulas.

O MECI indica também que nos grupos de recrutamento (disciplinas) com mais falta de professores, a distribuição de serviço "privilegia a componente lectiva da disciplina e evita a atribuição de cargos que impliquem redução de horas com turma". Entre os cargos que "comem" horas de aulas, figura o de director de turma. Matemática, Física e Química e Biologia e Geologia estão entre as disciplinas com mais falta de professores.

O ministério aconselha as escolas a recorrer a profissionais não docentes "para desenvolvimento de medidas de apoio à aprendizagem, projectos, actividades de enriquecimento curricular e tarefas de gestão de equipamentos, entre outras". O que poderá passar, por exemplo, por contratar psicólogos para desenvolvimento da medida apoio tutorial", que se destina a alunos com um historial de retenção e que tem sido garantida por docentes. E também a contratação, entre outros, de "técnicos com cursos de formação profissional para manutenção de equipamentos e gestão de redes informáticas", uma medida que tem sido reivindicada por directores de modo a libertar os professores de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) desta tarefa.

DANIEL ROCHA

Guião para o próximo ano lectivo foi divulgado ontem

O guião que seguiu para as escolas contempla várias das medidas incluídas no chamado Plano+Aulas+Sucesso, que foi objecto de negociações com os sindicatos de professores no mês passado, mas que ainda não foi plasmado em decreto-lei.

Em resposta ao PÚBLICO, o MECI especifica que "o decreto-lei que dá corpo às medidas previstas no Plano+Aulas+Sucesso será aprovado em breve em Conselho de Ministros (CM)" e "produzirá efeitos a partir do ano lectivo de 2024/2025". O ministério salienta que o plano "foi apresentado a todos os directores de escolas em diversas reuniões realizadas em Julho e sujeito a duas rondas negociais com sindicatos". E acrescenta que o guião transmite "informação complementar para permitir melhor organização do próximo ano".

No documento, o ministério explicita que as orientações expressas "têm sempre subjacente o respeito da autonomia dos directores e constituem-se como opções que, em cada contexto, cada escola decidirá como implementar, salvaguardando o direito primordial de todos os alunos a receberem a educação pública".

Entre as recomendações aos professores, defende-se uma espécie de princípio de acumulação com a atribuição, por exemplo, "de várias disciplinas numa turma aos docentes com habilitação" para leccionar mais do que uma. O ministério salienta que se reduzirá, assim, "o número de docentes do conselho de turma".

Do MECI vem ainda a confirmação de que "o novo plano de recuperação das aprendizagens, Plano Aprender Mais Agora, deverá ser aprovado em breve em CM": "Está prevista uma apresentação detalhada após as férias de Agosto, tendo em vista a sua aplicação a partir do ano lectivo 2024/2025."

Tribunal de Contas dá ok a ajuste directo do INEM com recado à tutela

Ana Maia e Mariana Oliveira

O Tribunal de Contas (TdC) afinal deu visto ao último ajuste directo assinado pelo Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) em finais de Junho para assegurar o funcionamento de quatro helicópteros para assistência médica. Mas, no documento, os juízes deixam um recado claro ao Ministério da Saúde: para que se possa lançar um concurso, é preciso que o INEM tenha recursos financeiros para o fazer.

O último ajuste directo foi realizado porque o contrato anterior, que vigorou desde o início de Janeiro, terminava no final de Junho e se não fosse prorrogado corria-se o risco de os helicópteros de emergência pararem. Entre os dois ajustes directos, tinha sido lançado um concurso público internacional, que acabou deserto porque os dois únicos concorrentes apresentaram valores superiores ao máximo permitido.

A Avincis, que opera os meios aéreos para o INEM há mais de uma década, continuou a assegurar o serviço. Contudo, desde o início do ano que dos quatro helicópteros que funcionavam 24 horas por dia apenas dois se mantiveram nesse regime, passando os outros dois a funcionar só durante o dia.

A indefinição do Ministério da Saúde, que não autorizou o reforço da verba para lançar um novo concurso, nem deu o aval a um novo ajuste directo, esteve na origem da demissão do anterior presidente do INEM, Luís Meira, que disse ter perdido a confiança na tutela.

Tribunal avisa que, para lançar um concurso, o INEM precisa de ter os recursos financeiros adequados

Na decisão agora proferida, o TdC recomenda, "de forma muito clara", ao Ministério da Saúde que, "se optar pelo recurso ao mercado (...) confira meios financeiros ao INEM para que o preço-base seja ajustado aos preços que aí se praticam, sob pena de o concurso ou ficar deserto ou, como sucedeu, as propostas apresentarem valores superiores ao preço-base".

"Adverte-se a tutela de que, se não o fizer, está, de forma indirecta, a violar, ilegalmente, o princípio da concorrência, princípio esse que é estruturante da contratação pública e da tutela do interesse financeiro do Estado", lê-se na decisão.

Quanto a este ajuste directo, o TdC considera que as circunstâncias são diferentes das do anterior procedimento, que levou os juízes a deixar uma advertência ao INEM por considerar que não tomou as diligências para a abertura de um concurso de forma atempada. "A entidade procurou fazê-lo, avisou e insistiu repetidas vezes junto da tutela para a necessidade de obter cobertura orçamental", diz o TdC.

O PÚBLICO pediu, se sucesso, uma reacção ao Ministério da Saúde à decisão do TdC.

MP quer testemunhas ouvidas em tribunal sem presença de ex-chefes dos Super Dragões

Mariana Oliveira

Fernando Madureira e mais 11 arguidos foram acusados de 31 crimes, dos quais 19 de coacção agravada, na *Operação Pretoriano*

O Ministério Público (MP) quer que mais de 20 testemunhas de acusação da *Operação Pretoriano* sejam ouvidas em tribunal sem a presença do ex-líder dos Super Dragões Fernando Madureira, da sua mulher e de outros dez arguidos, todos acusados ontem de 31 crimes, dos quais 19 de coacção agravada.

Isso mesmo é pedido pela procuradora Graça Ferreira, que assina o despacho final deste inquérito. "A prestação de tal depoimento na mesma sala de julgamento em que se encontram os arguidos poderá constituir assinalável constrangimento comprometedor das finalidades que presidem à produção desse meio de prova, justificando-se que sejam adoptadas medidas que evitem que tais testemunhas se cruzem no mesmo espaço físico com os arguidos e que deponham na sua presença", justifica a magistrada, que ouviu estas pessoas durante a investigação.

E sustenta: "As principais testemunhas de acusação carecem de especial atenção por parte do tribunal tendo em vista a necessidade de prestação de um depoimento que se pretende que seja espontâneo, autêntico, completo e exaustivo, à semelhança do que prestaram em fase de inquérito."

No centro deste caso estão o clima de ameaça e coacção e as agressões levadas a cabo por membros da claque portista na assembleia geral extraordinária do clube realizada em Novembro do ano passado, onde ocorreram vários confrontos. A acusação descreve vários actos de violência que aconteceram nesse dia e fala de um "plano" orquestrado nos dias anteriores pelos arguidos, sobretudo através de redes sociais, mensagens escritas e grupos privados do WhatsApp. O objectivo, diz o MP, era criar "um clima de intimidação e medo tendente a constranger e a coarctar a liberdade de expressão dos sócios presentes na assembleia geral extraordinária".

Nos dias que antecederam a reunião, Fernando Madureira apelou a vários elementos da claque para que arregimentassem pessoas para estarem presentes naquele encontro, determinando mesmo aos chefes de núcleo da claque que levassem um mínimo de quatro pessoas. "Quem falhar sofrerá as consequências", escreveu num grupo de WhatsApp. A mulher reforçou a ideia: "Mas é que estamos mesmo a falar a sério." "Não podemos permitir que enxovalhem o presidente" ou "não é para deixar ninguém filmar" foram algumas das instruções de Sandra Madureira.

Os responsáveis dos Super Dragões usaram diversos estratagemas para conseguir introduzir no Pavilhão Dragão Arena, onde estiveram 1900 pessoas, membros da claque que não eram sócios do FC Porto. Além de ameaças constantes a quem não apoiava a então direcção do clube, liderada por Jorge Nuno Pinto da Costa, os membros dos Super Dragões agrediam e atiravam objectos, como garrafas de vidro ou de plástico cheias, a quem apresentasse uma opinião dissonante ou tentasse gravar um vídeo da assembleia. Houve, aliás, sócios que foram obrigados a ovacionar o então presidente do FC Porto com receio de serem agredidos.

Um dos episódios mais violentos envolve três elementos da mesma família. A claque decidiu retirar todas as pessoas que estavam na bancada norte e João abanou a cabeça, descontente. Foi o suficiente para levar um estalo. O pai foi socorrê-lo e foi agredido a soco e a pontapé. Acabou por cair de costas nas escadas, o que originou a fractura de duas costelas e traumas na cara. A mulher também levou um estalo, que projectou os seus óculos no chão. "Maria ficou muito assustada, em pânico, pois nunca antes vivenciara um clima de tanta violência, encontrando-se actualmente medicada para conseguir descansar", lê-se na acusação.

Além de Madureira e da mulher, foi acusado um funcionário do FC Porto, Fernando Saúl, o então oficial de ligação do clube aos adeptos, e dois chefes de núcleo da claque. Ainda antes da assembleia geral, Saúl já vaticinava: "Vai levar tudo nos cornos."

Do rol de acusados fazem parte 12 arguidos, todos acusados dos mesmos crimes: 19 de coacção agravada; sete de ofensa à integridade física no âmbito de espectáculo desportivo; três de atentado à liberdade de informação; um de instigação pública a um crime e outro de arremesso de objecto. Há ainda um dos arguidos que responde pelo crime de detenção de arma proibida. Para todos, o Ministério Público pede uma sanção acessória: que fiquem interditados de aceder a recintos desportivos por um período entre um e cinco anos.

Segundo a acusação, o casal Madureira, ele presidente e ela vice-presidente da claque, tinham interesse na alteração dos estatutos apresentada pela então direcção do clube, já que era esta que lhe proporcionava os ganhos obtidos com a venda de bilhetes para os jogos de futebol da equipa profissional, essenciais para alimentar a vida de luxo do casal.

A procuradora admite que os elementos dos Super Dragões podem ter tido apoio da cúpula do FC Porto, mas diz que não foi feita prova dessa colaboração. "Uma boa parte das testemunhas ouvidas referiu, acentuando essa nota, a passividade e imperturbabilidade com que os acontecimentos foram acompanhados pela Mesa da Assembleia Geral", refere a magistrada, que, contudo, sublinha que tal pode ter várias explicações.

Destaca ainda a surpresa no facto de, quando foram analisadas as imagens de videovigilância do Pavilhão Dragão Arena, onde decorreu a reunião, se ter constatado que, na altura "coincidente com um pico de agressividade e alteração na ordem da assembleia", as câmaras tinham sido "subitamente mudadas para outro ponto desse espaço, não se tendo perscrutado motivo atendível para súbita alteração".

A magistrada afirma que tal poderia ser visto "como expressão de prévia conivência com os serviços de segurança do FC Porto no sentido de ocultar os comportamentos do líder dos Super Dragões", contudo, conclui que "tais suspeitas não foram robustecidas pela prova realizada".

Os eventuais crimes associados à venda de bilhetes falsos ou à distribuição irregular de ingressos ainda estão a ser objecto de investigação, no âmbito de um outro inquérito para onde foram remetidos os 42 mil euros apreendidos em dinheiro ao casal Madureira e os três carros, dois BMW e um Porsche, igualmente confiscados pelas autoridades.

Madureira é o único arguido deste caso que ainda permanece em prisão preventiva, uma medida de coacção que o Ministério Público entende que se deve manter, apesar de há uns dias a defesa do antigo líder da claque portista ter pedido a sua substituição por apresentações às autoridades ou por prisão domiciliária. Há ainda um outro arguido, Vítor Silva, que está obrigado a permanecer na habitação, com pulseira electrónica.

PAULO PIMENTA

Fernando Madureira é o único arguido deste processo que continua em prisão preventiva

Procuradora quer julgamento à porta fechada

O Ministério Público quer realizar o julgamento do ex-líder dos Super Dragões Fernando Madureira e de mais 11 elementos da claque portista à porta fechada por temer "agitações e tumultos". A procuradora que assina a acusação sublinha que há "fundado receio de incursões de elementos simpatizantes ou associados dos Super Dragões e apoiantes dos arguidos, em especial, do arguido Fernando Madureira, que possam perturbar o decurso dos trabalhos se não forem tomadas medidas restritivas do acesso à sala de audiências".

O Ministério Público pede ao tribunal que o julgamento decorra com exclusão de publicidade, argumentando que a produção de prova deve decorrer "de forma resguardada e serena". Não é ainda claro se a comunicação social vai poder acompanhar o julgamento. Certo é que há vários jornalistas entre as vítimas dos elementos da claque portista, com a acusação a descrever os adeptos a rodear os veículos da SIC e da CMTV e a bater nas viaturas. "Por força desta actuação, os jornalistas tiveram medo de ser agredidos, abandonando o local, vendo-se impedidos de exercer as suas funções", lê-se na acusação.

Está a nascer uma orquestra na Bairrada onde tocam músicos e não músicos

Projecto cultural está a ser promovido pela associação Promob, de Bustos. Primeiros sons serão dedicados a Fausto Bordalo Dias, recentemente falecido. Primeiros ensaios estão marcados para Setembro

Maria José Santana

Chama-se Barroca, Orquestra Não Convencional da Bairrada, e pretende reunir pessoas de todas as idades e habilidades musicais, celebrando a importância da cultura e da criação em comunidade. O projecto nasce pelas mãos da Promob – Associação de Promoção e Mobilização da Comunidade e abre as portas a músicos profissionais, amadores, mas também aos que nunca tocaram um instrumento musical. Os primeiros ensaios irão decorrer em Setembro e, de acordo com o que adiantou ao PÚBLICO Ricardo Regalado, presidente da colectividade sediada em Bustos, Oliveira do Bairro, irão contemplar sonoridades dedicadas ao músico Fausto Bordalo Dias, recentemente falecido. "Era algo que já tínhamos em mente, com a possibilidade de o convidarmos para vir cá, mas infelizmente isso já não será possível. De qualquer das formas, iremos homenageá-lo", afirma Ricardo Regalado.

A Orquestra Barroca foi criada com a perspectiva de promover a unidade, o convívio e a identidade (ao mesmo tempo que a diversidade) cultural, através da música. "Acreditamos que a música é uma linguagem universal que transcende barreiras e une as pessoas. Não importa se são músicos experientes, entusiastas desta arte ou pessoas que não têm qualquer experiência musical, a Barroca tem as portas abertas a todos [estão abertas as inscrições]. Esperamos, em conjunto, criar algo bonito, enquanto construímos (ou reforçamos) a comunidade", destaca a associação bairradina.

Repetir a experiência

Já não é a primeira vez que a Promob avança com uma experiência deste género. "Em 2017, criámos uma orquestra comunitária só para um concerto específico, de homenagem a Zeca Afonso", recorda Ricardo Regalado. Uma experiência que veio demonstrar que "participar numa actividade cultural como uma orquestra comunitária enriquece a vida dos indivíduos, mas também fortalece o sentido de pertença e a coesão social", destaca. O dirigente da associação salienta ainda que, através da música, os participantes terão a oportunidade não só de fazer uso da sua criatividade, descobrindo novas aptidões e interesses, como também de colaborar e estreitar laços com outros membros da comunidade, construindo um ambiente de apoio e inclusão.

A Orquestra Não Convencional da Bairrada pretende reunir pessoas de todas as idades e habilidades musicais

ADRIANO MIRANDA

Já não é a primeira vez que a associação realiza uma experiência semelhante. Em 2017 criou uma orquestra comunitária para homenagear Zeca Afonso. O objectivo é estreitar laços entre os membros da comunidade

Caberá ao maestro Carlos Raposo dirigir a nova orquestra – tal como aconteceu nesse anterior projecto dedicado a Zeca Afonso –, que também tem o propósito de "valorizar a música portuguesa", afiança o presidente da associação cultural nascida de um movimento cívico. "Surgiu na altura do encerramento do Colégio Frei Gil. Com o fim dos contratos de associação, gerou-se um movimento para lutar pela manutenção da escola e ainda conseguimos angariar 12.000 euros para pagar propinas aos alunos", recorda Ricardo Regalado. O colégio acabou por fechar – entretanto, a autarquia adquiriu as suas instalações e integrou-as na oferta pública de ensino –, mas "a energia humana e o dinheiro angariado nesse movimento foram aproveitados para dar lugar à associação", acrescenta.

Fora dos grandes centros

Com poucos anos de existência, a Promob já conseguiu comprar uma sede própria – um antigo armazém de móveis, localizado em Bustos –, que espera vir a reabilitar nos próximos anos de forma a acolher os seus projectos e também os da comunidade. "Para já, ainda somos nós o motor, mas a ideia é que as pessoas tenham a oportunidade de promover nas nossas instalações as suas próprias criações e iniciativas", refere.

Entre as principais iniciativas da associação está o Festival Semente, que, todos os anos, ocupa a vila da Mamarrosa, no mesmo município, com uma feira do livro e da árvore e uma programação cultural diversificada. Destaque também para o Concurso Literário Professora Rosinda de Oliveira, que perpetua o nome de uma professora da comunidade e já premiou mais de cinco dezenas de trabalhos. Iniciativas que, em conjunto com as oficinas de fotografia e as feiras de Natal, demonstram que é possível fazer a cultura acontecer fora das grandes cidades. A Orquestra Barroca promete ser mais um (bom) exemplo disso mesmo.

A CP tem um dilema: pórticos nas estações ou sistema aberto

A CP-Comboios de Portugal gasta 320 mil euros por ano para manter as barreiras de acesso a funcionar, mas não conhece o impacto deste sistema na redução da taxa de fraude

Carlos Cipriano

Estimular o uso dos transportes públicos tornou-se um dos objectivos de todos os governos, tendo em conta o congestionamento rodoviário das cidades, a falta de estacionamento e, sobretudo, a emissão de CO2 e a necessidade de ter cidades sustentáveis e alinhadas com o combate às condições climáticas. Para isso, as autoridades têm vindo a aprovar medidas que tornem os transportes públicos mais atractivos, que vão da redução tarifária à eliminação de barreiras entre o passageiro e o acesso ao comboio ou ao metro.

Jorge Delgado, ex-secretário de Estado da Mobilidade Urbana do Governo de António Costa, parafraseando a canção de Sérgio Godinho, dizia que a mobilidade dos cidadãos, a par da paz, do pão, habitação, saúde e educação, também é sinónimo de liberdade. Mas esta ideia colide, na prática, com as barreiras físicas à entrada dos transportes públicos.

No caso dos comboios suburbanos, Portugal apresenta uma situação caricata: no Grande Porto não há quaisquer obstáculos para aceder às plataformas de embarque, bastando validar o título de transporte, e em Lisboa há um — igualmente caricato — sistema misto em que umas estações têm pórticos e outras não.

Das 36 estações das linhas de Cascais, Sintra e Azambuja, só 20 têm pórticos (a que a CP chama *gates*) para controlar o título de transporte dos passageiros. Na Linha de Sintra, todas as 16 estações estão "fechadas" com esse sistema, enquanto na Azambuja todas estão "abertas", pois não há qualquer obstáculo no acesso aos comboios. Na Linha de Cascais, só quatro (Cais do Sodré, Oeiras, Carcavelos e Cascais) têm pórticos de acesso às plataformas. Algés também estava "fechada", mas desde que a

RUI GAUDÊNCIO

Na Linha de Cascais, só quatro estações, incluindo Cais do Sodré, têm pórticos de acesso às plataformas dos comboios

estação sofreu uma inundação, em 7 de Dezembro de 2022, que deixou todos os equipamentos inoperacionais, a CP optou por não os reparar e limitou-se a instalar validadores.

Nos números fornecidos pela transportadora nota-se que quatro estações (Cais do Sodré, Rossio, Cacém e Amadora) representam 41% do total de validações das 20 estações "fechadas".

Em tempos, o projecto da CP era o de fechar todas as estações com a instalação de pórticos no acesso às plataformas, criando, assim, um obstáculo físico entre o passageiro e o comboio. Mas, como muitas vezes acontece, estes projectos ficam a meio. Hoje, e de acordo com fonte oficial, a CP diz que "a selecção das estações para a instalação das *gates* foi feita com base numa análise que identificou estas estações como tendo um tráfego de passageiros elevado, o que implicava um risco maior de entradas e saídas sem validação, resultando numa perda significativa de receita".

E por que não foi aplicada essa lógica no Porto? A empresa responde que "em Lisboa o número de passageiros é significativamente maior, o que aumenta o risco de entradas e saídas sem validação". Mas a principal razão é esta: "O modelo de distribuição da receita proveniente dos títulos Navegante entre os diferentes operadores da Área Metropolitana de Lisboa justifica a necessidade das *gates* para minimizar a perda de receita e assegurar a sustentabilidade financeira da CP."

A transportadora pública tem mais receio de perder dinheiro por uma injusta distribuição do bolo das receitas totais da Área Metropolitana de Lisboa do que pelo aumento da taxa de fraude que o desmantelamento dos pórticos poderia proporcionar. A mesma fonte diz que "a CP gostaria que no futuro não fosse necessário o controlo de acesso através de *gates* nas estações, mas esse objectivo depende da evolução dos sistemas de bilhética nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, bem como das políticas tarifárias". Até lá, a empresa diz que não há condições para avançar com essa estratégia, "pois a CP seria significativamente prejudicada, considerando o modelo actual de distribuição de receita proveniente dos títulos Navegante entre os diferentes operadores".

Quanto à taxa de fraude nas estações "fechadas" e "abertas", a transportadora não faz ideia do dinheiro que perde numas e noutras. "Não temos uma percentagem exacta de passageiros sem títulos de transporte, mas observamos que, sempre que existem acções de fiscalização, o número de passageiros sem bilhete é significativamente maior nas estações sem *gates*", diz a CP.

No entanto, em 2010, quando introduziu as barreiras nas estações, um porta-voz da empresa dizia que estas iriam reduzir a taxa de fraude em mais de metade. E apontava ainda que estações "fechadas" aumentavam a sensação de segurança transmitida aos passageiros porque só nelas entrava quem tinha bilhete. Um terceiro argumento tinha a ver com o conhecimento exacto dos fluxos de passageiros entre estações, o que poderia ajudar a programar a oferta. Foi tudo isto que levou a empresa a investir 13 milhões de euros neste projecto.

Hoje, manter as *gates* operacionais custa à CP 320 mil euros por ano, que a empresa paga à Yunex Traffic Portugal (que não é a fabricante original), após concurso público realizado em 2019.

Há 14 anos, quando a CP introduziu barreiras nas estações, houve quadros da (então) Refer que lamentaram a forma abrupta como a empresa o fez, interditando assim o livre acesso à gare do Rossio, que tinha sido recentemente remodelada, e cujos painéis de azulejos deixaram de poder ser livremente visitáveis.

Sistema aberto

Enquanto isto, no Norte, não há barreiras nas estações do comboio nem do metro. Vale a pena revisitar o projecto do metro do Porto quando começou a ser montado ainda em finais dos anos 90 e que seria inaugurado em 2002 com um inovador sistema de acesso às estações sem quaisquer barreiras. Manuel Paulo Teixeira era um dos responsáveis pela arquitectura, traçado ferroviário e urbanismo do projecto. Foi também um dos pais do Andante, que se revelou um sucesso por uniformizar num só título vários tipos de bilhete.

O agora administrador da TIP (Transportes Intermodais do Porto) contou ao PÚBLICO que foi controverso na época decidir um sistema aberto de acesso ao metro. "O que tem de imperar numa decisão deste tipo são, essencialmente, três coisas: o factor segurança, o controlo da receita e a acessibilidade", explicou.

Na altura, no rescaldo de uma vaga de atentados terroristas na Europa, a tendência securitária apontava até para a instalação de barreiras altas, que identificassem um a um os passageiros e controlasse o título de transporte. Um sistema destes foi tentado pelo Metro de Nova Iorque, mas os protestos da população levaram as autoridades a abandoná-lo.

"Não quisemos impor esse sacrifício à generalidade dos clientes só para se poder detectar uma pessoa com más intenções, até porque não tínhamos em Portugal os mesmos problemas de segurança de outros países", diz Manuel Paulo Teixeira. Por outro lado, segurança é também poder evacuar uma multidão em caso de urgência "e quando não há barreiras essa evacuação é muito mais rápida e segura porque as portas automáticas não ocupam espaço".

Já quanto ao controlo da receita, o desenvolvimento da bilhética sem contacto (na altura uma inovação), a par de um algoritmo que identificava os fluxos de passageiros com apenas a validação na entrada do metro, permite obter com um elevado rigor a matriz de origens e destinos dos clientes e a consequente redistribuição da receita entre os mais de 20 operadores do Andante.

O combate à fraude é feito por equipas de fiscalização que abordam os passageiros nas estações ou dentro das composições. "Ou desenhamos sistemas para quem compra o bilhete, que é a maioria das pessoas, ou desenhamos tudo para impedir os infractores e nesse caso o sistema fica altamente disruptivo para o cumpridor", diz Manuel Paulo Teixeira. "Pelo menos não tratamos as pessoas, logo à cabeça, como infractoras!", conclui.

Por fim, a questão da acessibilidade a pessoas com deficiência, a idosos e adultos com carrinhos de bebé ficou obviamente muito mais facilitada. "Reunimo-nos com várias associações de pessoas com deficiência e muitos até ficaram surpreendidos com o nosso contacto e preocupação. É óbvio que todos aplaudem um sistema aberto no qual podem circular sem barreiras, bastando apenas validar o bilhete antes de entrar no comboio."

> **Ou desenhamos sistemas para quem compra o bilhete, ou desenhamos tudo para impedir os infractores e o sistema fica disruptivo para o cumpridor**
>
> **Manuel Paulo Teixeira**
> Administrador da TIP

MIGUEL MANSO

Manuel Paulo Teixeira diz que o metro do Porto é uma referência internacional de boas práticas nesta área e que por isso tem sido visitado por outras empresas congéneres. Admite que a maioria dos metros têm sistemas fechados e que o acesso sem barreiras é mais característico dos metros ligeiros, mas também alerta que "existe um mercado deste tipo de equipamentos" que pressiona bastante para a sua implementação.

José Manuel Viegas, especialista em Transportes, coloca o foco na necessidade de se pagar um serviço que não é gratuito e que "ou é pago pelos passageiros ou é pago pelos contribuintes". Para isso é preciso fazer contas sobre as perdas de receita que possam existir não havendo cancelas nos acessos às estações e aquilo que se poupa na manutenção daqueles sistemas. "A CP tem a obrigação de saber qual a sua perda de receita por fraude tarifária da mesma forma que um supermercado tem uma boa estimativa das taxas de roubos", diz. E dá o exemplo do metro de Berlim, que é de livre acesso, devendo os passageiros validar o título de transporte, mas onde há uma noção clara da taxa de fraude e existe uma fiscalização muito eficaz.

Em França, a região parisiense – que tem um sistema fechado – ostenta a maior taxa de fraude da Europa. Segundo um estudo da OCDE, já com seis anos, no metro e no RER (metro rápido), essa taxa é de 8,9% contra uma média de 3,1% nas restantes capitais europeias. Mas, como alerta José Manuel Viegas, estes números são variáveis em função das crises económicas e das convulsões sociais do momento. "Quem parte montras e incendeia carros nas ruas não paga seguramente para andar de metro, independentemente de haver ou não cancelas no seu acesso", diz. Aliás, os franceses dizem jocosamente que um dos desportos nacionais é o "salto do pórtico", referindo-se à grande quantidade de pessoas que passam por cima das cancelas.

No caso da CP, o ex-secretário-geral do ITF (International Transport Forum) na OCDE diz que não tem muito sentido que haja estações com barreiras e outras de livre acesso à plataforma, mas que é necessário calcular os custos da sua desactivação. "Há um princípio fundamental que é o de pagar o serviço de transporte e, se há pessoas que tentam não pagar, então temos de fazer contas", explica.

O especialista alerta que, mesmo com os 320 mil euros que a CP pouparia ao não ter de pagar a manutenção das barreiras, esse montante, traduzido em salários a pagar a revisores, não representaria um número suficiente de pessoas para efectuar uma fiscalização eficaz.

Bolsas estabilizam com recuperação no Japão, mas incerteza mantém-se

Rosa Soares

Investidores mais calmos regressam às compras, mas dependência de dados económicos e Médio Oriente geram volatilidade

Ainda não é a bonança depois da tempestade, mas os mercados bolsistas registaram nesta terça-feira uma forte recuperação, depois do pânico da véspera. A nota continua, no entanto, a ser de forte volatilidade, a reflectir a incerteza face à evolução da maior economia do mundo, a norte-americana, mas também da segunda maior, a chinesa, bem como o receio de um agravamento do conflito no Médio Oriente.

Apesar destas incertezas, os maiores índices bolsistas voltaram aos ganhos, de forma impressionante na bolsa japonesa (+10%), o que ajudou a uma abertura positiva na Europa e ainda a um arranque animador em Wall Street, permitindo a recuperação de parte das quedas da véspera, a maior dos últimos dois anos no caso deste último mercado.

A meio da sessão, um dos principais índices norte-americanos, o S&P 500, subia 2%, depois de ter perdido 3% na primeira sessão da semana. Também o Dow Jones subia perto de 1,5%, ainda longe da desvalorização de 2,60% da véspera, e o tecnológico Nasdaq era o que mais subia, 2,16%, depois da queda anterior de 3,43%.

Refira-se que a forte queda dos mercados accionistas desta segunda-feira ficou a dever-se à vincada desvalorização da bolsa japonesa – com o Nikkei a perder 12,4%, naquela que foi a maior queda dos últimos 40 anos, explicada essencialmente por "questões locais" –, mas também à divulgação, na última sexta-feira, de dados do mercado de trabalho norte-americano, relativos a Julho.

Este indicador revelou uma redução no ritmo de criação de emprego, o que contrasta com fortes subidas nos últimos anos, criando o receio em torno de uma recessão da economia, numa altura em que a Reserva Federal (Fed) tem insistido em manter as taxas de juro em valores elevados, mais concretamente no intervalo entre 5,25% e 5,5%. Uma situação que levou mesmo muitos economistas a admitir que os bancos centrais podem ter ido longe de mais.

KIMIMASA MAYAMA/EPA

Bolsas mundiais vivem dias de agitação e incerteza

Entretanto, a publicação, na tarde de segunda-feira, dos números da actividade de serviços nos Estados Unidos, que se situou em 51,4 pontos em Julho, após 48,8 em Junho, contribuiu para uma maior confiança dos investidores. A este indicador juntaram-se ainda as declarações do presidente da Reserva Federal (Fed) de Chicago, Austan Goolsbee, que afastou a possibilidade de a maior economia do mundo entrar em recessão.

Em forte volatilidade esteve a negociação dos contratos de futuros sobre o petróleo, que ao início da manhã negociaram em alta, depois em queda, voltando novamente a terreno positivo com a força dos índices bolsistas.

A marcar o ritmo desta matéria-prima está, essencialmente, o receio de uma escalada no conflito no Médio Oriente, mas também uma queda na produção no maior campo petrolífero de Sharara, na Líbia, e ainda uma esperada redução da procura por parte da economia chinesa.

Os mercados accionistas europeus, que na véspera acompanharam os restantes nas quedas, registaram esta terça-feira um comportamento misto, mostrando, mais uma vez, a forte dependência face ao que se passa do outro lado do Atlântico e a nível global. Empurrados pelo Nikkei e pelo Topixx, este último com uma subida de 9,3%, os principais índices europeus arrancaram a subir, embora com valorizações modestas, à excepção do Cac de Paris, que permaneceu no "vermelho".

Mas rapidamente as praças europeias voltaram às quedas, embora ligeiras, com alguns índices ainda a conseguirem amealhar escassos ganhos na recta final da sessão, "contagiados" pela abertura positiva de Wall Street. Foi o caso do pan-europeu Stoxx 600, que fechou a subir 0,29%, muito longe de recuperar da perda de 3,5% de segunda-feira, e do Dax alemão, que se ficou por 0,09%. Para além do Cac, encerrou negativo o Ibex espanhol (-0,13%) e o principal índice português, o PSI, deslizou 0,19%.

Insolvência da Inapa era "evitável", lamenta Comissão Executiva

A comissão executiva da Inapa afirma que a Parpública foi alertada para o facto de a insolvência súbita, "mas evitável", afectar directamente 1400 trabalhadores e inviabilizar a compra da empresa por um grupo mundial de distribuição de papel.

Na carta de despedida aos colaboradores, a que Lusa teve acesso esta terça-feira, a gestão recorda que a assembleia geral realizada em Maio passado, por ocasião da aprovação das contas por parte dos accionistas presentes, recebeu, "mais uma vez, um voto de confiança por proposta da Parpública, tal como, aliás, nos anos anteriores".

Ora, "estes votos de confiança da entidade representante do Estado contrastam, no entanto, com a falta de apoio ao longo destes anos na viabilização da restruturação da dívida" e "contrastam ainda com a postura recente por parte da Parpública, que, apesar de conversas em curso há meses, só na fase final revelou a existência de uma instrução vinculante do secretário de Estado do anterior Governo que proibia qualquer aporte financeiro à Inapa", refere a comissão executiva. E "contrastam finalmente com a falta de um apoio meramente temporário numa situação de falência iminente, totalmente evitável", considera o órgão.

A comissão executiva da Inapa refere que, recentemente, solicitou aos accionistas qualificados – Parpública, Nova Expressão e Novo Banco – "um empréstimo de curto prazo no valor de 12 milhões de euros, a ser integralmente reembolsado até Outubro de 2024". "[Esta necessidade,] pontual na altura do Verão devido à sazonalidade do negócio do papel que todos conhecemos, foi particularmente agravada num contexto de crescente diminuição dos limites de crédito por parte dos nossos fornecedores de papel, com impacto na nossa capacidade comercial", argumenta a comissão executiva.

Liderança da Inapa critica decisão da Parpública, tutelada pelo ministro das Finanças

"Esta solução de curto prazo, que foi apresentada aos accionistas de referência, mereceu o apoio expresso dos accionistas privados Novo Banco e Nova Expressão, que destacamos e agradecemos", prossegue.

"Infelizmente, e mais uma vez, faltou o apoio da Parpública para a concretização de uma solução equitativa já suportada pelos accionistas privados, que teria evitado a insolvência na Alemanha e o contágio imediato e inevitável à Inapa IPG e a todo o grupo", lamenta a comissão executiva, que esclarece que "nunca esteve em causa um apoio de 12 milhões de euros por parte da Parpública, mas sim um financiamento de 8,4 milhões de euros, proporcional à sua participação no capital" da empresa.

"Tratava-se de um empréstimo de curto prazo, a três meses, e remunerado a uma taxa de juro de mercado", reforça.

Kamala Harris escolhe Tim Walz para candidato a vice-presidente

"É a honra de uma vida juntar-me a Kamala Harris nesta campanha. Vou dar tudo", disse o governador do Minnesota, estado onde promoveu uma agenda política progressista

Paulo Narigão Reis

A candidata do Partido Democrata à presidência dos EUA, Kamala Harris, escolheu o governador do Minnesota, Tim Walz, para ser o seu vice-presidente na corrida às eleições presidenciais de 5 de Novembro. "Tenho o orgulho de anunciar que pedi ao governador Walz para ser o meu candidato a vice-presidente", anunciou ontem Harris numa publicação na rede social Instagram, depois de vários órgãos de comunicação social norte-americanos terem avançado a notícia de que Walz era o eleito pela actual vice-presidente dos EUA.

"Uma das coisas que me chamaram à atenção em Tim é como as suas convicções na luta pelas famílias de classe média são profundas. É pessoal", disse a política da Califórnia, que garantiu a nomeação como candidata do Partido Democrata à presidência dos EUA depois da desistência de Joe Biden.

A apresentação formal de Tim Walz como candidato aconteceu ontem à noite num comício em Filadélfia, no estado da Pensilvânia, tiro de partida para uma digressão de cinco dias por cidades nos estados que irão provavelmente decidir as eleições de 5 de Novembro: Wisconsin, Michigan, Carolina do Norte, Geórgia, Arizona e Nevada.

"É a honra de uma vida juntar-me a Kamala Harris nesta campanha. Vou dar tudo", disse Walz na rede social X, nas suas primeiras palavras como candidato. "A vice-presidente Harris está a mostrar-nos a política do que é possível. Faz-me lembrar um pouco o primeiro dia de aulas. Por isso, vamos a isto! Juntem-se a nós", acrescentou.

Após um processo de selecção que durou duas semanas, a lista de potenciais candidatos a vice-presidente ficou reduzida a dois, Walz e o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro, que era visto como grande favorito pela sua popularidade, mesmo entre o eleitorado republicano, num estado que será decisivo para vencer as eleições presidenciais.

Walz, um veterano de 60 anos da Guarda Nacional do Exército dos EUA, antigo professor e treinador de futebol americano numa escola do Nebrasca, o seu estado natal, foi eleito para Câmara dos Representantes dos EUA em 2006, onde serviu durante 12 anos antes de vencer as eleições para governador do Minnesota em 2018. Enquanto governador do Minnesota, Walz promoveu uma agenda progressista que incluiu refeições escolares gratuitas, políticas de combate às alterações climáticas, reduções de impostos para a classe média e licenças pagas alargadas para os trabalhadores do estado, sendo também um defensor dos direitos reprodutivos das mulheres.

STEPHEN MATUREN/GETTY IMAGES

Tim Walz disse que a escolha para candidato vice-presidente de Kamala Harris "é a honra de uma vida"

KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES

"[Tim Walz] cresceu numa pequena cidade do Nebrasca, passando os verões a trabalhar na quinta da família. O seu pai morreu de cancro quando ele tinha 19 anos e a sua família dependia dos cheques da Segurança Social para fazer face às despesas. Aos 17 anos, alistou-se na Guarda Nacional e serviu durante 24 anos. Utilizou os benefícios da GI Bill [programa de apoio aos veteranos das Forças Armadas norte-americanas] para ir para a faculdade e tornar-se professor. Foi treinador de futebol e conselheiro da Gay-Straight Alliance", escreveu Kamala Harris na publicação no Instagram, antes de enumerar os motivos pelos quais Walz é, na sua opinião, a escolha certa para disputar as eleições de Novembro contra a dupla Trump-Vance: "Trabalhou com os republicanos para aprovar investimentos em infra-estruturas. Reduziu os impostos para as famílias trabalhadoras. Aprovou uma lei que prevê licenças familiares e médicas remuneradas para as famílias do Minnesota." A candidata democrata à presidência dos EUA destacou ainda o facto de o Minnesota ter sido o primeiro estado a aprovar uma lei que prevê a protecção constitucional do aborto depois de o Supremo Tribunal ter anulado a decisão *Roe v. Wade*.

Os republicanos "*weird*"

Tim Walz era um relativo desconhecido a nível nacional até entrar para a lista de potenciais candidatos a vice-presidente de Kamala Harris e, nas últimas semanas, acabou por se tornar central na campanha democrata após ter dado uma entrevista em que qualificou Donald Trump e o candidato do Partido Republicano a vice-presidente, J.D. Vance, como "esquisitos" ("*weird*"). O adjectivo começou imediatamente a ganhar lastro nas redes sociais e acabou por ser adoptado pela campanha de Kamala Harris, para irritação dos republicanos, desde Trump a vários congressistas e senadores.

"As pessoas do outro lado são esquisitas ('*weird*'). Querem tirar-nos os livros. Querem entrar pelas vossas salas de exames", disse Walz na referida entrevista, no final de Julho, referindo-se à proibição de livros e de consultas de reprodução das mulheres com os médicos advogadas em alguns estados republicanos. Mas, como explicou depois, não são só as políticas ultraconservadoras que fazem Trump merecedor do epíteto "*weird*". "Na campanha, ele fala de Hannibal Lecter, de electrocutar tubarões e de qualquer coisa maluca que lhe venha à cabeça", lembrou Walz.

Ao decidir-se por Walz, Harris escolhe assim um político popular da região do Midwest, governador de um estado que tem votado de forma consistente no Partido Democrata, mas que está, geograficamente, próximo do Wisconsin e do Michigan, dois dos chamados "*swing states*" que serão decisivos para chegar aos 270 votos necessários para obter a maioria no Colégio Eleitoral.

É precisamente o apelo que Walz, que cresceu numa pequena cidade do Nebrasca, poderá ter junto do eleitorado rural e branco não só no Midwest com também no Arizona e no Nevada, estados do Sudoeste onde a eleição será bastante disputada, que terá influenciado a escolha de Harris, uma californiana filha de imigrantes da Jamaica e da Índia.

"[Tim Walz] é um democrata do coração da América", elogiou Nancy Pelosi, antiga presidente da Câmara dos Representantes e que, segundo a imprensa norte-americana, foi uma das grandes defensoras da escolha do governador do Minnesota durante o processo de selecção. Já Barack Obama, o último dos "barões" do Partido Democrata a apoiar a candidatura de Kamala Harris, definiu Tim Walz como o "parceiro ideal" para a candidata democrata.

Do lado republicano, Donald Trump não perdeu tempo a lançar críticas a Tim Walz. Momentos depois de a escolha de Harris para a vice-presidência se ter tornado pública, o ex-Presidente e candidato republicano à presidência dos EUA escreveu, num *email* destinado à recolha de donativos, que Walz seria o "pior vice-presidente da história" e classificando o governador do Minnesota como "perigosamente liberal".

"Ele vai libertar o inferno na terra, vai queimar biliões de dólares e abrir a fronteira aos criminosos", afirmou Trump, rematando: "Ele é assim tão mau."

A reparação histórica que Portugal deve a Angola é não andar a dizer que "descobriu Angola"

António Rodrigues

Marcelo esteve bem ao falar de reparações históricas, diz abel Chivukuvuku, mas, "se for reparação material, não tem valor"

Quando se tem uma história comum de 500 anos "é inútil não considerar como prioritária a relação de Angola com Portugal". Falamos "a mesma língua, temos hábitos comuns, até sabores comuns e, sobretudo relações familiares"; logo, quando o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa falou na necessidade de reparações às antigas colónias, Abel Chivukuvuku, número dois da oposição angolana, acha que o chefe de Estado "esteve certo, mas não está certo".

Para Chivukuvuku, o Presidente esteve bem quando se referiu às reparações históricas. Esteve "incorrecto" foi ao "não elaborar o que é isso de reparações". "É dinheiro? Porque, do meu ponto de vista, se for reparação material, não tem valor", garantiu o antigo conselheiro de Jonas Savimbi e actual número dois da Frente Patriótica Unida, que nas últimas eleições conseguiu eleger 90 deputados.

"Os males que podem ter existido em 500 anos não são quantificáveis", aquilo que teria "valor", isso sim, "seria dar uma substância filosófica e conceptual diferente" àquilo que foi a história dos dois países e das suas relações, defende Chivukuvuku, em declarações ao PÚBLICO, falando em nome da coligação opositora que engloba a UNITA, o seu movimento PRA-JA Servir Angola, o Bloco Democrático e membros da sociedade civil. "Vale mais reparar corrigindo conceitos" do que usar a calculadora para apaziguar a má consciência.

"Por exemplo, é discutível o conceito dos descobrimentos. É preciso corrigir isso. Porquê? Porque você vem a minha casa e encontra-me. Vai dizer que descobriu? Não descobriu, encontrou-me. Os portugueses foram ao contacto, passaram a interagir com, e isso tem de ficar claro, historicamente: Portugal não descobriu Angola."

Foram os primeiros europeus a chegar, mas encontraram "civilizações, havia gente". Chivukuvuku admite que "havia, com certeza, uma superioridade de força dos europeus em relação aos africanos, porque já tinham pólvora e os africanos não tinham, mas, de qualquer modo, Portugal não encontrou povos completamente primitivos" – por exemplo, "o reino do Congo era uma civilização já estabelecida e funcional".

NUNO FERREIRA SANTOS

Abel Chivukuvuku é o número dois da coligação opositora

Aquando da recente visita do primeiro-ministro, Luís Montenegro, a Angola, entre 23 e 25 de Julho, o Presidente angolano, João Lourenço, respondeu à questão da reparação histórica, dizendo que o país vai completar 50 anos para o ano, e "se durante 49 anos" não levantou a questão, "nunca" a irá levantar. Para o chefe de Estado angolano, trata-se de uma questão parecida com a definição de fronteiras entre países: "Quando esta questão é levantada, traz muita discussão e solução nenhuma."

Em Abril, quando falou do assunto, Marcelo Rebelo de Sousa disse que Portugal tinha "obrigação de liderar" o processo de reparação aos países que foram colonizados, sob pena de perder "capacidade de diálogo". O Presidente referiu, especificamente, que o processo não tinha de passar por "pagar indemnizações", mas que poderia ser através do perdão da dívida aos países que foram colonizados ou dando "estatuto de mobilidade" aos nacionais dos países de língua oficial portuguesa.

> **Que se corrijam os conceitos, que se diga que "os portugueses vieram ao contacto com civilizações", que "as encontraram, passaram a interagir, mas não descobriram", afirma Abel Chivukuvuku**

Chivukuvu acha que "encontrar um modelo humano mais aprofundado" entre os dois países é uma forma de reparação – por exemplo, no "tratamento recíproco, tanto dos luso-angolanos ou descendentes angolanos aqui em Portugal, como a maneira com que os portugueses são tratados nos países africanos de língua portuguesa".

"[De outro modo,] como é que vamos avaliar a dimensão da reparação material no caso de Portugal, com o tráfico de cerca de 60 milhões de pessoas? Isso vale o quê? Quanto vale o sofrimento desses 60 milhões de pessoas? Quanto valem as comunidades que ficaram destroçadas?", insiste o deputado angolano da oposição.

Que se corrijam, pois, os conceitos, que se diga que "os portugueses vieram ao contacto com civilizações", que "as encontraram, passaram a interagir, mas não descobriram". Para Chivukuvuku "é preciso entrar nessas dimensões", que, apesar de "muito mais abstractas", representam um lado "histórico muito mais profundo". E uma forma mais real de lidar com o passado colonial.

O líder do PRA-JA veio a Portugal, juntamente com os líderes da UNITA, Adalberto Costa Júnior, e do Bloco Democrático, Filomeno Vieira Lopes, para encontros com forças políticas portuguesas e outras organizações, de modo a transmitir os pontos de vista da oposição angolana sobre este e outros assuntos do seu país que não conseguiram transmitir a Luís Montenegro, em Luanda, porque o primeiro-ministro não se encontrou com eles.

Venezuela: González e Corina na mira da justiça enquanto regime reforça *"operação tun-tun"*

Leonete Botelho

UE pede fim de "intimidação judicial" no país. EUA, Colômbia e Brasil insistem na transparência e no diálogo

Multiplicam-se as denúncias de detenções arbitrárias por polícias e milícias armadas pró-Maduro na Venezuela, tanto de representantes de diferentes partidos da oposição como de cidadãos anónimos, a cujas portas batem pela manhã para os deter, sem mandados de captura, naquilo que o próprio regime chama *"operação tun-tun"* (onomatopeia relativa ao bater à porta dos visados, o "truz-truz"). O regime aumenta a repressão e colocou sob investigação criminal os seus principais opositores, Edmundo González – que reivindica a vitória nas urnas – e María Corina Machado, a líder do partido Vente Venezuela.

A abertura do processo contra os líderes da oposição por alegados crimes como instigação à insurreição ou conspiração foi anunciada na segunda-feira à noite pelo procurador-geral do país, Tarek Saab, na sequência de uma carta publicada na rede social X por Edmundo González e María Corina Machado, apelando às forças de segurança para que "se coloquem ao lado do povo" e respeitem os resultados das eleições que dizem ter ganho.

Ontem, o porta-voz do chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, pediu ao Governo de Maduro que pare com "a campanha de intimidação judicial" contra os opositores. Por seu lado, o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Matthew Miller, disse que os EUA estão em contacto próximo com o Brasil, México e Colômbia, três países liderados pela esquerda democrática, sobre um caminho para a Venezuela. Esclareceu, no entanto, que embora tenham reconhecido Edmundo González Urrutia como vencedor das eleições presidenciais, os EUA ainda não o reconhecem como Presidente.

"Embora a posição dos EUA ainda não esteja clara, a oposição e Maduro devem chegar a um acordo político porque, caso contrário, o êxodo e a guerra eclodirão em toda a América", alertou o Presidente da Colômbia, Gustavo Petro, numa mensagem na rede social X. "O meu Governo não cai na estratégia da guerra e da separação dos povos. O caminho é buscar a verdade e, a partir dela, alcançar soluções a favor da democracia", acrescentou Petro, sublinhando que a Colômbia e a Venezuela são "povos vizinhos e irmãos", mas "estão numa situação extremamente vulnerável, e a primeira coisa que devemos defender é o povo e a paz".

Mais cauteloso, o Presidente brasileiro Lula da Silva insistiu na segunda-feira, a partir do Chile, no "respeito pela soberania popular" e na "transparência dos resultados" e disse que tem empreendido iniciativas em conjunto com o colombiano Gustavo Petro e o mexicano Andrés Manuel López Obrador no sentido de "promover o entendimento entre o Governo e a oposição", sem dar mais detalhes. Já José Raúl Mulino, Presidente do Panamá, convocou uma cúpula de presidentes da região para encontrar uma solução para a crise .

A esperança na via diplomática e nas pressões internacionais continua a alimentar a determinação da oposição. Ontem, María Corina Machado publicou no X uma mensagem de incentivo aos seus seguidores na qual sugere existir uma estratégia para o que está por vir na Venezuela. "Isolados seríamos muito mais fracos e isso não vai acontecer", afirma, insistindo que o processo "é irreversível e vai até ao fim". "O medo não vai nos paralisar, vamos superá-lo. Não sairemos das ruas", garante.

Nicolás Maduro apelou ao povo que desinstale o WhatsApp, rede que considera estar a ser usada por "criminosos"

Mas o medo já saiu à rua. Nos dois últimos dias não houve protestos contra a vitória anunciada de Maduro, estando antes em marcha o contra-ataque do regime intitulado *"operação tun-tun"*, com a qual as forças de segurança venezuelanas entram em casa dos alegados autores de crimes violentos durante os protestos para os deter, mesmo sem mandados de captura. Três grupos de defesa dos direitos humanos disseram à Reuters que as forças de segurança estão a trabalhar intensamente para capturar manifestantes, incluindo uma centena de menores. A Human Rights Watch avançou mesmo ter recebido "relatos credíveis de 24 mortes" nos protestos após as eleições.

Rodeado de altas patentes das forças armadas e da polícia, o ministro da Defesa da Venezuela reafirmou entretanto a "lealdade absoluta" dos militares ao regime.

Sheikh Hasina, de lutadora pela democracia a inimiga dos estudantes do Bangladesh

André Certã

Primeira-ministra desde 2009, demitiu-se e foi obrigada a sair do país devido a grandes e violentos protestos

Sheikh Hasina Wajed, de 76 anos, primeira-ministra do Bangladesh que se demitiu e fugiu do país nesta segunda-feira, tornou-se um nome sinónimo do seu partido, a Liga Awami, que liderava desde 1981 e cujo nome de família (neste caso Sheikh) está intimamente ligado à independência do Bangladesh, conseguida em 1971 após uma curta mas violenta guerra de independência, que se prolongou de Março a Dezembro desse ano.

Hasina nasceu em 1947, numa família muçulmana na região do Paquistão conhecida então por "Bengala Oriental" (mais tarde por "Paquistão Oriental") e é da família que vêm as ligações políticas. O seu pai, Sheikh Mujibur Rahman, é considerado o principal pai fundador do Bangladesh, tendo sido o primeiro Presidente do Bangladesh e o fundador da Liga Awami em 1971, bem como a agora ala estudantil do partido, que foi fundada em 1948, um ano depois de Sheikh Hasina ter nascido.

Enquanto estudava na faculdade, Hasina tornou-se popular como uma líder na organização estudantil que tinha sido formada pelo pai. No entanto, a sua entrada na política foi interrompida quando o seu pai foi deposto e, juntamente com muitos dos seus familiares, assassinado em 1975, obrigando-a a fugir para a Índia pela primeira vez, onde permaneceu até 1981.

NARONG SANGNAK/EPA

Várias figuras da oposição foram detidas nos últimos anos pela mão do Governo de Sheikh Hasina

Quando regressou ao Bangladesh, Hasina iniciou o seu percurso na liderança da Liga Awami, numa altura em que governava o Partido Nacionalista do Bangladesh, PNB, partido de centro-direita então chefiado pelo seu líder histórico, Ziaur Rahman.

Em 1982, o Bangladesh sofreu um golpe de Estado, o que levou a nove anos de ditadura militar no país depois de um novo assassinato: o de Ziaur Rahman. Hasina acabaria por ter um primeiro mandato à frente dos destinos do país entre 1996 e 2001, depois de intensa competição com a sua principal rival política, Khaleda Zia, filha de Ziaur Rahman que detinha então as rédeas do PNB. A líder da Liga Awami acabaria por sair do poder para lhe suceder Zia. Depois de sair do governo, em 2002, Hasina fugiu novamente do Bangladesh devido a conflitos políticos e acusações de corrupção, regressando em 2004.

Em 2007, tanto Sheikh Hasina como Khaleda Zia foram presas num novo golpe militar que culminou com um governo de gestão instalado pelo Exército. Quando o governo de gestão aceitou a realização de eleições no fim de 2008, Hasina e a Liga Awami alcançaram uma maioria esmagadora, tendo a vencedora tomado posse como primeira-ministra em 2009.

Acusações de autoritarismo

Durante os mais de 15 anos de Sheikh Hasina a governar o Bangladesh, o país viveu uma verdadeira explosão económica. No entanto, o seu Governo foi alvo de várias acusações de autoritarismo por parte de opositores e organizações internacionais. Nas últimas eleições, vários membros do Partido Nacionalista do Bangladesh foram presos. Khaleda Zia, que ainda lidera o PNB, tinha sido presa em 2018 por acusações de corrupção. Muhammed Yunus, vencedor do Prémio Nobel da Paz em 2006, foi detido no início de 2014.

Depois de uma decisão de um tribunal superior do país de Junho deste ano ter revertido a abolição de um sistema de quotas na função pública para veteranos instalado por Sheikh Mujibur Rahman logo a seguir à independência do país, Hasina decidiu não voltar a reformar ou a abolir o sistema antigo. A abolição desse sistema de quotas, decretada pela primeira-ministra em 2018, só tinha sido levada a cabo após se terem verificado grandes protestos nas ruas.

A resposta à reintrodução das quotas foi a mesma que em 2018, com protestos estudantis no início de Julho. Em resposta, Hasina chamou aos manifestantes "terroristas" e "*razakars*", um termo ofensivo no Bangladesh dado aos naturais do país que apoiaram o Paquistão na guerra de independência.

Estas declarações atiraram achas para a fogueira e intensificaram os protestos, que causaram perto de 300 mortos em confrontos com a polícia. Vários recolheres obrigatórios foram sendo declarados, os *campi* das universidades onde começaram os protestos – a maioria na capital de Daca – foram encerrados e o acesso à Internet foi cortado.

Mesmo quando o Supremo Tribunal anulou a decisão e a primeira-ministra recuou na medida, voltando a alterar o sistema de quotas, os protestos continuaram nas ruas, passando a ser exigido que Hasina apresentasse um pedido de desculpas pelas mortes. Quando o pedido de desculpas não chegou, o tom endureceu para um pedido de demissão da primeira-ministra. O domingo passado foi um dos dias mais mortíferos, com a morte de 90 pessoas.

A demissão da primeira-ministra foi anunciada no mesmo dia em que os estudantes marcaram uma marcha com destino à residência oficial da primeira-ministra. Hasina, depois de se demitir, entrou num helicóptero em direcção à Índia, sendo a terceira vez que é obrigada a exilar-se.

Mais de 400 detidos em motins racistas no Reino Unido

Carolina Amado

Em menos de uma semana, foram detidas mais de 400 pessoas no Reino Unido por envolvimento em confrontos violentos e ataques racistas. O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, presidiu na noite de ontem a uma nova reunião do comité de emergência Cobra, em que participaram ministros, chefes de polícia e serviços de segurança para decidir as medidas a tomar nos próximos dias.

As comunidades britânicas "estarão seguras", assegurou Starmer no final da reunião de emergência, acrescentando que espera ver "sentenças significativas até ao final desta semana". "Isso deverá enviar uma mensagem forte a qualquer pessoa envolvida, quer directamente quer *online*, de que é provável que seja apanhada no prazo de uma semana e de que ninguém, mas mesmo ninguém, se deve envolver nesta desordem."

Mais de 400 pessoas foram detidas em várias cidades britânicas pela participação em motins racistas e de extrema-direita nos últimos dias. Dessas, cerca de uma centena já foi constituída arguida e acusada pela justiça britânica. Em resposta aos confrontos nas ruas, foram destacados mais 2200 agentes das forças de segurança para combater a violência extremista.

As tensões aumentaram em Inglaterra e na Irlanda do Norte depois do ataque com arma branca numa aula de dança na cidade de Southport, a 29 de Julho, que matou três crianças entre os seis e os nove anos. Uma delas, Alice Aguiar, tinha nacionalidade portuguesa.

Resposta policial a protesto de grupos de extrema-direita

O autor do crime, de 17 anos, nasceu no País de Gales e é filho de pais ruandeses, mas uma onda de desinformação nas redes sociais descrevia-o como um requerente de asilo que tinha atravessado o canal da Mancha e entrado em Inglaterra, o que levou à escalada da violência pelos grupos de extrema-direita e a apelos a deportações em larga escala.

Na noite de 29 de Julho, membros da English Defense League, grupo de extrema-direita e anti-islão, foram até Southport e atacaram uma mesquita, queimaram carros e envolveram-se em confrontos com a polícia. Desde então, são múltiplos os relatos de vandalismo e ameaças, agressões, insultos racistas, fogo posto ou pilhagens em várias cidades de Inglaterra. Na Irlanda do Norte, um homem com cerca de 50 anos foi hospitalizado em estado grave, após ter sido atacado por uma multidão na segunda-feira à noite, em Belfast.

Os responsáveis terão pisado repetidamente a cabeça da vítima, já no chão, enquanto outros cidadãos tentavam criar um escudo humano à sua volta. As autoridades estão a tratar o caso como um crime de ódio.

Ontem, um homem de 28 anos tornou-se o primeiro a ser condenado por incitamento ao ódio racial durante os motins, após ter publicado na rede social Facebook mensagens sobre o ataque a um hotel que albergava requerentes de asilo, perto de Rotherham. Está em prisão preventiva e conhecerá a pena a cumprir na sexta-feira.

O homem das Flores ainda nos confunde: agora, como antes, é uma questão de tamanho

Osso fragmentado mostra que, pelo menos há 700 mil anos, o *Homo floresiensis* media um metro – menos seis centímetros do que se estimava. A história continua a dar voltas e voltas

Tiago Ramalho

Se há história que teima em acrescentar capítulos à história da evolução humana é a do homem das Flores – ou *Homo floresiensis*. Até à descoberta dos seus primeiros fósseis, em 2003, nas Flores (Indonésia), nunca se tinha visto um humano tão pequeno: esses fósseis, com cerca de 60 mil anos, pertenciam a um adulto com 1,06 metros de altura. Mas em duas décadas tudo muda e o fóssil de um osso do braço fragmentado acrescenta mais uma volta à história. Afinal, há 700 mil anos (idade deste osso) este *Homo floresiensis* mediria ainda menos – apenas um metro, estima-se.

A confusão reinstala-se. Na verdade, no que toca a este humano arcaico, a confusão sempre esteve presente. Desde a descoberta dos seus primeiros fósseis que a sua presença nas Flores complexificou a emaranhada árvore da evolução humana. Esta nova espécie de humanos deixava a dúvida: ter-se-á o *Homo floresiensis* cruzado connosco, *Homo sapiens*? Não é implausível, já que há vestígios de humanos modernos no Sudeste asiático com 50 mil anos. Ora, isto pode significar que nos últimos 50 mil anos, além dos neandertais, dos denisovanos e dos humanos modernos, poderá ter havido uma quarta espécie de humanos a conviver – algo inesperado. E esta é só parte do enredo novelesco.

Os fósseis agora analisados, e oriundos do sítio arqueológico de Mata Menge, têm 700 mil anos, sendo bastante mais antigos do que o homem das Flores original – retirado de outra gruta (Liang Bua), datado de 50 mil a 60 mil anos e que, na verdade, era uma mulher. Ora, além de estes registos provarem a longa estadia deste *Homo floresiensis*, a análise dos dentes, dos fragmentos de ossos e, especialmente, do úmero (osso mais longo do braço) mostram que estes hominíneos seriam ainda mais baixos do que o estimado anteriormente.

Através do úmero de um dos dez

GERRIT VAN DEN BERGH

espécimes identificados entre estes fósseis – pelo menos dois eram crianças –, a estimativa da altura tem maior precisão do que através de fragmentos do crânio. "No início, nem reconhecemos o fragmento de úmero, que estava partido em vários pedaços, como pertencente ao hominíneo, porque esperávamos que o construtor de ferramentas [os *Homo floresiensis*] de Mata Menge fosse um *Homo erectus* maior", explica Gert van den Bergh, investigador da Universidade de Wollongong (Austrália) e um dos autores do estudo agora publicado na revista *Nature Communications*.

Sim, estes humanos antigos eram construtores, como provam as ferramentas encontradas em Mata Menge e que datam de até há um milhão de anos – o que abre a possibilidade de estes hominíneos já terem pisado a ilha precisamente há um milhão de anos. Além disso, os ocupantes das Flores cozinhariam com fogo e, muito provavelmente, tinham alguns animais desta ilha isolada como principal alimento: ratazanas gigantes ou estegodontes (uma espécie extinta de pequenos elefantes).

A estatura do homem das Flores não poupou comparações e ainda hoje esta espécie de humanos é conhecida como *hobbits*, tal como as personagens baixas de *O Hobbit* e de *O Senhor dos Anéis*, livros escritos por J. R. R. Tolkien ainda nos anos 1930 e 1950, bem antes de se descobrirem estes hominíneos.

O facto é que nunca se encontraram humanos tão pequenos. O *Homo habilis*, o primeiro representante do nosso género (o *Homo*), que viveu há 2,8 a 780 mil anos em África, tinha em média 1,2 metros de altura, por exemplo. E se está a pensar na hipótese de haver alguma patologia associada ou de estes espécimes serem anões, a ciência também já explorou isso. Ao longo destas duas décadas, desde a publicação dos primeiros registos do homem das Flores, surgiram hipóteses de cretinismo, síndrome de Down ou nanismo, mas não há qualquer prova científica que valide essas possibilidades.

O valor de seis centímetros

Uma coisa é certa: o *Homo floresiensis* é a espécie mais pequena de um humano que conhecemos. Mas será esta diferença de seis centímetros entre o fóssil de um adulto com 700 mil anos (considerado pela equipa de cientistas como um tipo mais antigo de *Homo floresiensis*) e de outro com 60 mil anos relevante? "Com o pequeno número de fósseis [encontrados], é difícil saber se isto assinala uma mudança real no tamanho ou se eles seriam mais ou menos do mesmo tamanho e apenas encontrámos indivíduos mais pequenos num local e maiores noutro", sublinha Karen Baab, investigadora na Universidade Midwestern (Estados Unidos) que não participou neste estudo, em resposta ao PÚBLICO.

Uma visão que Gert van den Bergh corrobora: "O fóssil de *Homo floresiensis* de Liang Bua poderia ser excepcionalmente grande dentro da população de há 60 mil anos. Só podemos especular porque eram mais pequenos há 700 mil anos", diz também ao PÚBLICO. As mudanças climáticas naquele intervalo de mais de 500 mil anos são uma hipótese a explorar, por exemplo – mas, para já, são mesmo apenas uma hipótese.

Quanto valem estes seis centímetros de diferença então? Não sabemos bem. Pode ser obra do acaso, ou seja, dos fósseis que foram encontrados nas Flores. Ou pode ser produto da evolução e adaptação ao isolamento insular, por exemplo. Será difícil ter uma justificação plausível sem novos fósseis que permitam, por exemplo, fazer análises de ADN – algo que devido à fragilidade dos fósseis até agora descobertos na ilha não foi possível.

A paisagem da ilha há 700 mil anos era bastante peculiar. Já estávamos cientes da presença de ratazanas gigantes e estegodontes, mas há mais: crocodilos, dragões de Komodo e aves. Aliás, o registo arqueológico mostra que os répteis (e predadores) poderiam crescer até três metros de comprimento.

O que nos leva a outra pergunta por responder: como é que o *Homo floresiensis* se tornou tão pequeno? Até o distante *Homo habilis* era mais alto. "Isto sugere que os répteis enormes não eram uma ameaça à existência a longo prazo das populações de humanos arcaicos nas Flores", explica Gert van den Bergh.

Ser pequeno não era um problema

YOUSUKE KAIFU

YOUSUKE KAIFU

O fragmento do úmero (ao centro) de um humano arcaico foi encontrado no sítio de Mata Menge, na Indonésia, e é bastante mais pequeno, à escala, do que o que já conhecemos de espécimes do homem das Flores descobertos nas últimas duas décadas

para sobreviver, mas não há, uma vez mais, explicação para a evolução deste homem das Flores.

Há, claro, várias hipóteses. Ser mais pequeno ajuda face à menor disponibilidade de comida e o facto de não existirem enormes predadores mamíferos (como leões ou tigres) também torna dispensável um corpo, como avança a equipa de investigação da Universidade de Wollongong.

O enigma do *Homo erectus*

As dúvidas para a evolução humana não ficam por aqui – é um enredo novelesco, de facto. Uma das questões que se poderão colocar é se os fósseis de Mata Menge são da mesma espécie dos inicialmente encontrados em Liang Bua, em 2003. Sendo dois grupos de hominíneos baixos numa ilha pequena e de acesso muito difícil, o mais provável será serem da mesma espécie, embora os fósseis agora revelados (foram identificados entre 2013 e 2016) notem grandes diferenças. Além disso, como nota Karen Baab, "este estudo não mostra especificidades anatómicas que liguem os hominíneos destes dois locais".

Mas se assumirmos que são dois representantes – distantes no tempo – da mesma espécie, sobra ainda outra questão. Serão descendentes do *Homo erectus*? Essa é a hipótese mais popular para a equipa que publica este trabalho na *Nature Communications*.

"Os molares e pré-molares de Mata Menge são muito similares na forma com os do *Homo erectus*, embora muito mais pequenos, e também muito similares em tamanho e forma aos *Homo floresiensis* de Liang Bua", nota Gert van den Bergh. Como a identificação de hominíneos é sobretudo baseada em ossos e dentes, a associação de ambos os fósseis a esta espécie de humanos arcaicos é clara para os investigadores que publicam o estudo. A aproximação deste *Homo floresiensis* ao *Homo erectus* também é sugerida pela equipa, mas esse é um salto ainda maior.

E um salto que Karen Baab, que não participou neste trabalho, não está preparada para dar – recomenda-se o "saudável cepticismo". Há ainda uma outra hipótese geralmente avançada para o aparecimento destes *hobbits*. Uma descendência de uma espécie ainda mais primitiva, e já baixa, o *Homo habilis* (cuja presença só está confirmada em África). Além disso, os molares também são diferentes desta espécie ainda mais antiga, o que coloca ainda mais reticências a esta teoria do que à do *Homo erectus*.

Há mais um capítulo para a encruzilhada do homem das Flores na evolução humana. Desde a mulher encontrada nesta ilha da Indonésia em 2003 que os avanços e recuos na história dos seres humanos têm sido uma constante. De enigma em enigma e de fósseis em fósseis, sobram mais perguntas do que certezas sobre este pequeno humano de outros tempos – é assim a ciência.

A (i)literacia em ciência: profissionais de relevo mas com CV martelados

Opinião

Ricardo Jorge Dinis-Oliveira

A agência de investigação espanhola suspendeu a colaboração com o reitor da Universidade de Salamanca, Juan Manuel Corchado, pendendo sobre ele críticas da parte de sociedades científicas, políticos e professores. O reitor e especialista em inteligência artificial terá sobrevalorizado as autocitações (só num trabalho, 227 vezes) em detrimento da discussão entre pares.

Mas qual é o drama das autocitações? É prática nova na ciência? Infelizmente, não há novidade.

A má conduta científica (uma forma mais amenizada e com menos retórica do que fraude científica) está no auge e com a covid-19 bateu no fundo, vivendo ainda hoje a avalanche de *retractions* (retirada do valor científico de um artigo) compiladas na Retraction Watch Database. Infelizmente será a ponta do icebergue.

O que nos deve preocupar é que são poucos aqueles que conseguem interpretar a própria ciência, o que significa o conteúdo de um *curriculum* académico-científico ou de um artigo científico. É, portanto, necessário, ensinar uma boa dose de ciência, nomeadamente de bibliometria e de integridade científica. Caso contrário, valorizam-se as métricas – que são muitas vezes manipuladas.

A bibliometria é uma área de estudo que aplica métodos quantitativos e estatísticos para analisar publicações científicas. Entre as plataformas mais conceituadas estão a *Web of Science e a Scopus*.

Por outro lado, a integridade na ciência tem de ser cultivada nas universidades enquanto expoente máximo do conhecimento e iniciada desde os primeiros anos de formação académica. Esta refere-se aos princípios éticos e padrões de conduta que orientam a prática científica e é largamente influenciada pelo ambiente ensino-aprendizagem-avaliação. Mantê-la é fundamental para assegurar os valores da ciência como a honestidade, confiabilidade, respeito e a responsabilidade.

É com pesar que vemos que hoje é fácil construir um *curriculum* científico – e muitas empresas já se dedicam a prestar esse serviço, como são o caso das revistas e os congressos predadores. Portanto, é fácil atirar areia para os olhos dos avaliadores com a bibliometria, conseguindo-se cargos de relevo. E mais insólito é que já se pode comprar autorias em artigos em áreas científicas para as quais não se tem qualquer relação de conhecimento. É pagar e consegue-se. Índices como o Fator de Impacto de revistas científicas e o Índice H, que é largamente inflacionado pelas autocitações, são exemplos de métricas que não refletem tudo.

> **A integridade na ciência tem de ser cultivada nas universidades enquanto expoente máximo do conhecimento e iniciada desde os primeiros anos de formação académica**

Falta literacia para perceber que estamos perante uma produção científica intencionalmente fabricada, falsificada ou plagiada (conhecida pela sigla FFP em inglês).

Mas podemos fugir da bibliometria? Não podemos! Se, por um lado, existe uma enorme *pressure to publish*, por outro lado, quem avalia o ensino superior e as unidades de investigação pouco sabe do que significam as entrelinhas. Felizmente muitos investigadores fazem ciência pela boa ciência, livres de pressões. Mas são geradas injustiças quando se comparam os currículos baseados em métricas. "Nem tudo o que pode ser contado conta, e nem tudo o que conta pode ser contado" - frase atribuída a Albert Einstein.

Mas devemos deitar fora a bibliometria? Não, porque fornece ferramentas valiosas para medir e avaliar a qualidade da produção científica, enquanto a integridade assegura que essa produção seja confiável e ética. Juntos, esses elementos ajudam a promover uma ciência robusta, transparente e respeitável.

Tem de ser combatida a cultura do *publish or perish* (isto é, publicar ou perecer) intrínseca à pressão intensa sobre os investigadores, que os leva a evoluir para os caminhos da "ciência rápida", com consequente impacto significativo na forma como é conduzida, avaliada e percebida. Atribuir a menores de idade a autoria de artigos científicos é afundar a verdade científica, mas é já a estratégia de alguns familiares para que os seus descendentes tenham maior sucesso na hora de ingressarem numa universidade ou mercado profissional.

O segredo é ser genuíno e honesto no que se descobre e escreve.

Professor catedrático de Toxicologia e Ciências Forenses; Instituto Universitário de Ciências da Saúde; Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Carlos Pereira leva à Suíça o seu cinema em permanente estado de procura

Português a estudar na Alemanha, o realizador está pelo segundo ano consecutivo no concurso de curtas-metragens de Locarno, com *Icebergs*. Marta Mateus e Denise Fernandes também estarão presentes

Jorge Mourinha

Há um ano, Carlos Pereira (Lisboa, 1989) via a sua curta-metragem *Slimane* ter estreia mundial no concurso do Festival de Locarno, Leopardos do Amanhã. Nos 12 meses entretanto decorridos, *Slimane* venceu o prémio de Melhor Curta-Metragem Alemã atribuído pela crítica germânica; esteve na competição de curtas do IndieLisboa; e ganhou há poucas semanas o concurso secundário Take One! do Curtas Vila do Conde.

Um percurso que desemboca, agora, na sua nova curta, *Icebergs*, que tem estreia mundial amanhã e está a concurso em Locarno, cuja 77.ª edição se inicia hoje e se prolonga até dia 17. Carlos Pereira é um de três cineastas portugueses nas competições 2024 do festival suíço: no Concurso Internacional, Marta Mateus apresenta a sua primeira longa-metragem, *Fogo do Vento*, e, na secção paralela Cineastas do Presente, Denise Fernandes estreia-se também na longa com *Hanami*. A presença portuguesa no festival completa-se, fora de competição, com o veterano Edgar Pêra e *Cartas Telepáticas*.

O leitor terá, no entanto, reparado que *Slimane* venceu um prémio de "melhor curta alemã". Não é erro. Carlos Pereira é português, e estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), onde foi colega de curso de Jorge Jácome, mas reside há vários anos em Berlim, onde é aluno da Academia Alemã de Cinema e Televisão (DFFB, na sigla original). Tanto *Slimane* como *Icebergs* foram obras produzidas no contexto do seu curso, e, por isso, são filmes alemães.

Por videochamada a partir da capital alemã, o cineasta explica ao PÚBLICO que o seu desejo de sair de Portugal existia desde a adolescência. "Sempre senti que Portugal seria apenas uma casa de partida e que precisava de mais qualquer coisa para chegar a ser eu próprio", diz, citando a influência juvenil de... *A Residência Espanhola*, o fenómeno de popularidade do francês Cédric Klapisch. "Foi aí que decidi: 'Tenho de sair, tenho de ir viver, não sei bem o quê.'" Quando entrou para a DFFB – um entre nove alunos aceites num ano com 700 candidatos – tinha já "uma maturidade diferente e também uma vontade de filmar muito diferente", que gerou uma "catarata de inspiração", como diz ao PÚBLICO.

Inspiração que explica em parte o curto intervalo entre *Slimane* e *Icebergs*. "Mas é mais o meu estado pessoal que contribui para isso. Mesmo na DFFB, tenho sido um caso extraordinário de rapidez – as pessoas que filmam lá têm tendência a levar muito mais tempo entre projectos." Embora o curso tenha uma duração oficial de quatro anos, os alunos acabam por ficar muito mais tempo ligados à escola: "Não temos exames ou testes, apenas seminários de frequência obrigatória e depois a possibilidade de criar." O seu filme de "fim de curso" será a longa *Remote Islands*, escrita durante uma residência em Fårö, na Fundação Ingmar Bergman, em 2022, e que irá apresentar este ano em Locarno com vista a futuros financiamentos.

Até lá, *Icebergs* é já a quinta curta de Carlos Pereira, depois de *Longe* (2010), que rodou na ESTC e esteve no Curtas Vila do Conde em 2010, *Histórias de Fantasmas* (2018), que passou no IndieLisboa, *Vulkan* (2022) e *Slimane*. O seu cinema não se inscreve, no entanto, naquilo que é identificado globalmente como português – Carlos Pereira não esconde a sua dívida à alemã Angela Schanelec, figura de ponta da escola de Berlim (cujo nome mais reconhecido é Christian Petzold). "Quando vejo os filmes dela, sinto que a minha vida interior, a minha forma de olhar para o mundo, está representada", diz. "Mas, ao mesmo tempo, o cinema que continua mais próximo de mim talvez seja o português. Portugal é, e será sempre, o meu ponto de partida, esteticamente. Há uns anos, eu diria que estou a fazer filmes portugueses na Alemanha – mas hoje em dia já não sei se é isso..."

Regressa à sua aspiração de viajar: "Gosto de filmar nos sítios onde estou, e como moro em Berlim há quase nove anos já estou bastante inspirado por aquilo que vivo aqui. Não sou só português, porque já tenho outras cidades, outros países, dentro de mim. Sou uma ideia híbrida de qualquer coisa. E não quero ficar fixado num país ou num determinado olhar sobre um país, mas sim continuar em permanente estado de procura, sempre relacionado com coisas que vivi ou que são próximas de mim."

DR

A curta-metragem *Slimane* foi produzida no âmbito da formação avançada que Carlos Pereira está a fazer na Academia Alemã de Cinema e Televisão, em Berlim

> **"Há uns anos eu diria que estou a fazer filmes portugueses na Alemanha, hoje já não sei se é isso..."**

O Leopardo mostra a sua raça

Denise Fernandes e Marta Mateus são os dois nomes que se juntam este ano à já longa lista de cineastas portugueses que mereceram a melhor atenção do Festival de Locarno — onde em anos anteriores foram já premiados Gonçalo Tocha, João Pedro Rodrigues, Joaquim Pinto e Nuno Rafael, José Álvaro de Morais, Pedro Costa e Vitalina Varela, entre outros. O festival continua a ser ponto de passagem obrigatório para o cinema de autor global — mas a aposta em cinematografias e autores desconhecidos coexiste com um público generalista, atraído pela localização paradisíaca da vila à beira do lago Maggiore e pelo ecrã ao ar livre da Piazza Grande.

Em 2023, foi o Irão que venceu o Leopardo de Ouro, com o filme clandestino *Critical Zone*, de Ali Ahmadzadeh. Este ano, reencontramos a concurso nomes feitos como os mestres asiáticos Hong Sang-soo e Wang Bing (ambos já premiados em Locarno), o expoente da escola de Berlim Christoph Hochhäusler, o experimentalista britânico Ben Rivers ou o francês Virgil Vernie, a par de cineastas recém-chegados ao circuito, como o turco Gürcan Keltek, os irmãos suíços Ramon e Silvan Zürcher ou a iraquiana radicada na Áustria Kurdwin Ayub.

Juntam-se uma retrospectiva que celebra o centenário dos estúdios Columbia Pictures e prémios de carreira a Jane Campion, Alfonso Cuarón e à produtora Stacey Sher.

O eclectismo é assumido por Giona Nazzaro, director artístico do festival desde 2021, depois de ter sido programador em Roterdão e Veneza, e que tem vindo a procurar um equilíbrio difícil entre a reputação de festival de descobertas e a necessidade de responder ao caderno de encargos institucional. Até aqui, o público tem ido ao seu encontro; a ver o que 2024 trará.

House of the Dragon terá mais duas temporadas

Joana Amaral Cardoso

O criador da série, Ryan Condal, confirmou em conferência de imprensa quando irá filmar a terceira temporada

O autor da série *House of the Dragon*, um dos actuais fenómenos audiovisuais de massas – relativo, na era da televisão pulverizada entre digital e linear –, disse anteontem que só se farão mais duas temporadas do programa. Numa conferência de imprensa virtual, em que o PÚBLICO foi o único órgão de informação português presente, Ryan Condal indicou ainda o que os espectadores que por estas horas estarão a ver o final da segunda temporada menos querem ouvir: que provavelmente só haverá mais episódios em 2026.

The Queen That Ever Was, o oitavo e último episódio da segunda temporada de *House of the Dragon*, foi para o ar no domingo à noite na HBO nos EUA e ficou anteontem disponível na plataforma de *streaming* Max em Portugal. Com menos dois episódios do que é tradicional nestas séries (contando não só a primeira temporada desta história de um momento crítico da dinastia Targaryen mas também com as oito temporadas de *A Guerra dos Tronos* cujo universo partilha), a prequela tem muitas expectativas depositadas sobre os seus ombros.

De acordo com os dados da HBO, detentora da plataforma Max, o final foi visto em directo por 8,9 milhões de espectadores após uma temporada que não foi tão bem recebida, inicialmente, pelos audímetros norte-americanos. Agora, cada uma destas oito horas de televisão conta já com uma audiência média de 25 milhões de pessoas só nos EUA – menos quatro milhões por episódio do que a primeira temporada. Ainda assim, os números não têm par no canal *premium*, superando *The Last of Us* e sendo a eterna número dois após o *blockbuster A Guerra dos Tronos*.

Sobre o futuro da série só mesmo Ryan Condal pode falar. E foi nesta conferência de imprensa virtual que revelou casualmente que tem tudo pensado para quatro temporadas. "Estamos a escrever a terceira temporada", disse aos jornalistas, esclarecendo mais à frente: "Penso que serão quatro", falando sobre o total de temporadas de que precisa para contar a história da Dança dos Dragões a partir da história de George R.R. Martin plasmada nos livros *Sangue e Fogo*.

Tal como esta, a próxima temporada terá apenas oito episódios – o que, dadas as críticas dos espectadores quanto à quilometragem que esperavam ter coberto nesta leva de episódios e ao facto de ter ficado guardada para a terceira temporada uma batalha muito esperada, pode contribuir para mais frustração do público. Ainda assim, há que contextualizar: "Se a temporada foi a corrida ao armamento de ambos os lados, e a Guerra Fria, na terceira temporada as coisas começam a ferver", garantiu Condal.

E também é verdade que a economia televisiva mudou e que há mais contenção e menos riscos. "Se fossem só dragões a lutar com dragões, ficaríamos entediados e falidos muito rapidamente", disse ainda no encontro virtual com os jornalistas.

HBO/MAX

Emma D'Arcy como Rhaenyra Targaryen e o dragão fêmea *Syrax* em *House of the Dragon*

"[a batalha] será a maior coisa que fizemos até agora. Queremos ter o tempo e o espaço para o fazer a um nível que excite e satisfaça os fãs como merecem", disse Ryan Condal

Condal falou precisamente de recursos quando tentou explicar algumas escolhas feitas para terminar a série, focando-se "no destino final e para onde vamos".

"A série requer uma quantidade tremenda de recursos, construção [de cenários e adereços], armaduras, figurinos, efeitos visuais", explicou. As contas pesam e os gastos têm de ser distribuídos – foi o que ficou no ar. Para o futuro próximo – próximo para eles que irão filmar já no início de 2025 –, ficará a tal batalha. "Será a maior coisa que fizemos até agora. Queremos ter o tempo e o espaço para o fazer a um nível que excite e satisfaça os fãs como merecem. Por isso, peço desculpa pela espera."

Já aquando da estreia desta série prequela de *A Guerra dos Tronos*, Condal era cauteloso quanto ao número de temporadas que tornava público que gostaria de fazer. "Temos uma ideia e um objectivo, mas ainda não sabemos de quanta pista precisamos para lá chegar", dizia ao PÚBLICO numa conversa com outros jornalistas em Amesterdão em Agosto de 2022.

Não só porque ainda tinha de passar o teste do público, mas também porque o seu orçamento não é comparável ao dado às últimas temporadas de *A Guerra dos Tronos*, frisou várias vezes. Nos últimos anos, a bolha do *streaming* não rebentou mas começou a encolher e, entre fusões, despedimentos e outros negócios, os bolsos do audiovisual digital já têm fundo e tentam manter a mesma escala mas com menos gastos nos catálogos.

Entretanto, o *franchise Tronos* continua e a próxima série a estrear-se será *A Knight of the Seven Kingdoms*, baseada nas novelas de Martin sobre Dunk e Egg. A produção começou em Junho na Irlanda e a acção passa-se um século antes do visto em *A Guerra dos Tronos*, numa série de aventuras de um jovem cavaleiro, Ser Duncan the Tall, e o seu escudeiro, Egg, que esconde um segredo. O elenco conta com Peter Claffey e Dexter Sol Ansell, Finn Bennett, Bertie Carvel, Tanzyn Crawford, Daniel Ings, Sam Spruell. A série é assinada por Martin e Ira Parker e tem entre os produtores executivos Ryan Condal.

Em Setembro, *Grand Tour*, de Miguel Gomes, estreia-se em Portugal e no Festival de Cinema de Nova Iorque

Grand Tour, de Miguel Gomes, vai ter estreia norte-americana no contexto do Festival de Cinema de Nova Iorque, que começa a 27 de Setembro, foi ontem anunciado. Para a sua 62.ª edição, o festival revelou uma selecção de 32 títulos, entre o que já foi exibido e premiado noutros festivais e nos quais consta o filme que valeu ao português o Prémio de Realização em Maio, em Cannes.

Grand Tour, que o Festival de Nova Iorque descreve como "esplêndido e comovente", chegará à cidade norte-americana depois da estreia comercial nas salas portuguesas, marcada para 19 de Setembro com distribuição assegurada pela Nos. Que, entre os meses de Setembro e Outubro, vai colocar no mercado nacional uma mão-cheia de títulos portugueses: *Dulcineia*, de Artur Serra Araújo, o filme de Gomes, *Mãos no Fogo*, de Margarida Gil, *O Melhor dos Mundos*, de Rita Nunes, e *Os Papéis do Inglês*, de Sérgio Graciano.

A produtora Uma Pedra no Sapato já anunciara em Junho que os direitos de exibição de *Grand Tour* foram vendidos para 65 países e que a estreia estava assegurada "em praticamente todos os territórios europeus e na maior parte dos países da Eurásia, da América do Norte e América Latina, em várias nações da Ásia e na Oceânia".

Protagonizado por Gonçalo Waddington e Crista Alfaiate, que interpretam dois amantes que percorrem a Ásia no século XIX, o filme também integra esta semana o Festival de Cinema de Melbourne, na Austrália.

No Festival de Nova Iorque, além de *Grand Tour*, estarão também títulos como *Misericórdia*, do francês Alain Guiraudie (co-produção portuguesa pela Rosa Filmes), *Anora*, o filme que valeu ao norte-americano Sean Baker a Palma de Ouro em Cannes, *The Seed of the Sacred Fig*, do iraniano Mohammad Rasoulof, Prémio Especial do Júri nesse festival, recebido pelo próprio realizador semanas depois de ter fugido do seu país, onde arriscava pena de prisão, e *Dahomey*, da francesa Mati Diop, Urso de Ouro em Berlim.

Crista Alfaiate, a Molly de *Grand Tour*. O filme de Miguel Gomes estreia-se em Portugal a 19 de Setembro

A abertura caberá a *Nickel Boys*, de RaMell Ross, a partir do romance *Os Rapazes de Nickel*, do escritor Colson Whitehead.

O espanhol Pedro Almodóvar apresentará em Nova Iorque, depois de estar em concurso na 81.ª edição do Festival de Veneza, *The Room Next Door*, a sua primeira longa-metragem em inglês, com Julianne Moore e Tilda Swinton. O canadiano David Cronenberg mostrará *The Shrouds*, outro dos títulos de Cannes.

Em estreia mundial, a 14 de Outubro, será a vez do filme de encerramento, *Blitz*, de Steve McQueen, história de um miúdo de nove anos que a mãe envia para o campo inglês durante o bombardeamento de Londres na Segunda Guerra Mundial.
PÚBLICO/Lusa

KIM KYUNG-HOON/REUTERS

Mijaín López com a medalha de ouro ao peito, a quinta, nos quintos Jogos em que compete

A última luta de Mijaín que ganha o ouro e bate Phelps

Aos 42 anos, veio a Paris numa luta contra si próprio. Por isso é que garantiu que não volta mais. Sai, 20 anos depois, como campeão da longevidade. Chama-se saber sair

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Mijaín López está habituado a fazer tudo com recurso à força. E está habituado a vencer na vida através disso. Entre a força do hábito e o hábito da força, o atleta cubano tornou-se, ontem, o primeiro na história dos Jogos Olímpicos a conquistar cinco vezes o ouro na mesma modalidade, em cinco edições diferentes. Vamos repetir, para evitar dúvidas: cinco vezes a mesma prova, em cinco edições diferentes dos Jogos. A este nível nem Michael Phelps, que ficou nas quatro.

O pelouro de Mijaín é o da luta greco-romana. Desde que apareceu pela primeira vez, em Atenas 2004, só nessa estreia falhou o ouro. Participa sempre na mais alta categoria de peso – e sim, ele é uma autêntica "besta" – e não tem dado grandes hipóteses a ninguém. O cubano foi a Paris como foi aos outros Jogos todos: citando Nelly Furtado no Euro 2004 – precisamente no ano em que Mijaín se estreou em Jogos –, ele tem lá ido *como uma força que ninguém pode parar*.

O leitor mais perspicaz poderá estar já a fazer contas de cabeça. Se este indivíduo apareceu pela primeira vez em Atenas 2004, e se ainda cá anda em Paris 2024, das duas uma: ou apareceu ainda criança ou já é uma "carcaça". Mas está errado em qualquer das vertentes.

Sim, Mijaín ganhou nesta terça-feira, já com quase 42 anos. Mas está longe de ser um "velhote", porque ninguém merece esse epíteto se acabou de vencer um ouro olímpico numa modalidade que exige força e disponibilidade físicas tremendas.

Mijaín veio, ainda assim, numa luta contra si próprio. E é por isso que garantiu ao PÚBLICO, ainda sem saber se iria à final, que esta é a última presença olímpica. "Sim, é o fim", disparou o "guerreiro de Cuba", sem margem para dúvidas.

E se algumas existissem, ele dissipou-as no final do combate pela medalha de ouro. Descalçou-se, beijou os sapatos, ergueu-os no ar, colocou-os no meio do tapete e foi-se embora, de punho em riste e a dizer adeus.

Apostamos que Mijaín conseguiria até mover e projectar um elefante, quanto mais um mero lutador olímpico

Modalidade parece simples

Esta é uma das modalidades fundadoras dos Jogos – o nome "luta greco-romana" denuncia logo essa condição – e, até ver, é vedada às mulheres, mantendo os preceitos iniciais da modalidade. É um dos nove representantes da edição inicial, em 1896, e mantém, a nível de regras, quase tudo na mesma.

Ao bater o chileno Yasmani Acosta, e mesmo antes disso, pareceu que o que Mijaín teve de fazer para chegar aqui foi simples. Para um leigo em luta greco-romana, parece até algo rudimentar.

Dois atletas passam seis minutos a empurrarem-se mutuamente, sem poderem executar socos, pontapés ou qualquer outro estratagema criativo para derrubar o adversário.

Podem apenas empurrar-se através da força superior, não podendo executar manobras na parte inferior do corpo adversário. O objectivo é, com recurso a essa força superior, derrubar o adversário ou apenas somar pontos através de movimentos de controlo e desequilíbrio, por exemplo. Ou penalizações ao rival.

Simples? Nas regras, sim. Na prática, derrubar montanhas daquelas não é labor acessível para quase ninguém.

Vinte anos de experiência

No caso de Mijaín, arriscamos dizer, apesar do assumido parco conhecimento, que não parece ser um atleta muito dinâmico – pelo menos nesta fase da carreira.

Os adversários, pelo menos dois deles, pareceram ser mais enérgicos e variados na forma de atacar. Mas Mijaín vai lá pela força, que se mantém, e pela estratégia de não forçar ataques inócuos. Os 130 quilos de força bruta ajudam, claro, mas isso também os outros têm. O que não têm é 20 anos de experiência olímpica.

É também essa sabedoria que lhe permite evitar penalizações, algo com um impacto tremendo nesta modalidade, como um penálti no futebol.

Um lutador penalizado deve deitar-se no chão, como um real castigo, e deixar que o adversário pegue nele e faça o que conseguir – e apostamos que Mijaín conseguiria até mover e projectar um elefante, quanto mais um mero lutador olímpico.

Acompanhado pelo treinador Raúl Díaz, que já foi seleccionador português, apontou, no final, que vai mesmo deixar a modalidade. "Já são muitos anos e quero dedicar-me à família. O trabalho é demasiado duro durante quatro anos", apontou, referindo-se ao esforço de um novo ciclo olímpico.

A sair da zona mista, o lutador foi confrontado com uma videochamada. Do lado de lá, apareciam a cara e voz de Miguel Díaz-Canel, Presidente de Cuba. Não era possível ouvir tudo, mas o Presidente cubano mostrou, entre outras coisas, o orgulho do país. "Tenho muito orgulho de seres cubano. Espero que sejas o último cubano a sair de Paris. Viva Cuba!". "Viva!", gritou Mijaín, levando o punho cerrado ao ar.

Foram 20 anos de carreira olímpica e, aos 46 anos, seria bem maior a probabilidade de manchar o CV olímpico em Los Angeles do que prolongar o legado único. Chama-se saber sair.

Basquetebol

Patty, um atleta "mais interessado no mundo do que no basquetebol"

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Bolas laranja, racismo, livros infantis, filantropia e activismo. Patty Mills é uma figura de culto na Austrália

Acabou a ginástica e chegou o basquetebol olímpico a Paris. Sim, no primeiro jogo de basquetebol dos Jogos na Arena Bercy havia, pela Sérvia, Nikola Jokic. Mas os australianos não permitiriam que a grande ovação da tarde não fosse para Patty Mills. Primeiro, a Arena Bercy derreteu-se por Simone. Depois, por Rebeca. Agora, Patty. Mais logo, haverá Estados Unidos, mas isso fica para depois.

Aos 35 anos, Mills é o líder da forte selecção australiana – no campo, mas também fora dele. Tornou-se uma figura de culto e mais do que um artista com uma bola laranja.

"Não podemos ser o que não vemos. E vejam o que é que as nossas crianças podem ver agora", chegou a dizer o australiano, referindo-se à forma como chegou ao topo do basquetebol vindo de origens indígenas australianas e depois de sair fresco e leve de dentro da nuvem do racismo.

E a premissa de dar algo às crianças é até mais literal do que apenas um exemplo a seguir. Patty Mills já escreveu uma série de quatro livros infantis que contam a história de um basquetebolista negro que sofreu racismo e que chegou ao topo. Num registo autobiográfico, pelo menos em parte, o australiano tem mesmo mostrado às crianças o que podem ser.

Mills diz-nos, no final da derrota frente à Sérvia, que espera inspirar os jovens. "Vivemos para estes momentos. Como crianças no quintal, na Austrália, imaginamo-nos aqui nos Jogos Olímpicos a tentarmos o lançamento decisivo. Espero inspirar outras como eu", aponta o jogador que recebeu, em 2022, o prémio anual da NBA atribuído a figuras que "exemplificam os ideais de desportivismo no campo com comportamento ético, jogo limpo e integridade".

Mas trata-se de mais do que isso. Greg Popovich, lendário treinador que o acompanhou nos San Antonio Spurs, chegou a dizer que o australiano "se tornou alguém muito mais interessado no mundo do que no basquetebol". "Tornou-se um grande cidadão do mundo", acrescentou.

Com uma longa carreira na NBA, Patty Mills já levou para casa mais de 80 milhões de euros e tem feito questão de os partilhar. É responsável por financiar a purificação da água em regiões australianas sem água potável e, na luta contra o racismo, tem "ido a todas".

Aplica parte do salário em iniciativas como Black Lives Matter, Black Deaths in Custody e We Got You e criou ele próprio uma fundação, a Team Mills Foundation, que desenvolve causas de conservação do ambiente e vida selvagem, fornecimento de água potável e apoio a abrigos para mulheres e crianças, e dar voz a minorias étnicas.

Mills faz um pouco de tudo no activismo, depois de ter sido, ele próprio, uma vítima de racismo. Na escola, desde que os pais se mudaram para a capital Camberra, garante ter sido destratado e agredido por colegas e até professores e auxiliares, "por ser o único negro na sala".

"Quanto melhor me sair no desporto, menos sucesso terá o racismo", chegou a dizer Patty. E ele tem-se saído bem.

Aos 35 anos, está no final de uma carreira já longa, com um título na NBA. Quando chegou aos Spurs, fez parte do lote de "auxiliares" do trio de Tim Duncan, Tony Parker e Manu Ginobili, acabando, mais tarde, por assumir o papel do argentino como jogador saído do banco.

DANIEL KOPATSCH/GETTY IMAGES

Patty Mills, basquetebolista australiano, tem preocupações que vão muito para lá do desporto

O dono da bola em Paris

Mills, sempre enérgico e agressivo, habituou Popovich a ter ali uma arma no seu segundo cinco, até pela capacidade de lançar de longe, diversificando uma equipa que tinha no poste Duncan a grande figura.

Estes são os quintos Jogos Olímpicos de Mills, aventura que começou em 2008, na China, e já se tornou, durante a prova de Paris, o quinto melhor marcador da história dos Jogos: ultrapassou o ex-colega Ginobili e tem à frente Luís Scola, Paul Gasol, Andrew Gaze, também australiano, e o brasileiro Oscar Schmidt.

Ontem, Mills tomou conta de Paris. Vinte pontos na primeira parte e uma confiança tremenda no um contra um. Mills prestou-se até a movimentos "à Éder" – aqueles em que o estádio está a gritar "não chutes", mas ele chuta na mesma.

Ele lançava, apesar de, na bancada, haver um "*don't do it*" – ele fazia e marcava, de onde quer que fosse, e mesmo com adversários "pendurados" em cima.

Mills estava em campo há demasiado tempo para quem tem 35 anos, mas, com a mão tão quente, o treinador não poderia tirá-lo. O técnico estava só à espera de que a mão de Mills arrefecesse e, quando o n.º 5 falhou um triplo, foi directo para o banco. Saiu com o pavilhão rendido e sob um tremendo aplauso – mesmo de alguns adeptos sérvios.

Fazer uma segunda parte do mesmo nível seria utópico, mas fez o suficiente para guiar os australianos até ao prolongamento, com um lançamento a três segundos do final. Caíram, depois, no prolongamento, mas Mills foi o melhor marcador, com 26 pontos.

A parte boa de tudo isto é que podemos ver um desempenho estrelar do jogador sobre o qual já sabíamos que iríamos escrever, fosse qual fosse o desfecho – pontaria e sorte. A parte má é que, quanto melhor fosse Mills, e quanta mais atenção "pedisse" dos *media*, mais difícil seria termos espaço para falar com ele no final. Nem para uma perguntinha deu. Não se pode ter tudo.

ANDREW BOYERS/REUTERS

Os portugueses tiveram um bom desempenho nas águas de Marselha

Balanço

O dia dos portugueses nos Jogos: mais ao mar do que à terra

Leonor Alhinho

Os Jogos Olímpicos continuam e com eles os portugueses em competição. Ontem Cátia Azevedo, atleta dos 400 metros, ficou-se pelas repescagens ao ser quinta na terceira série. A atleta detém o recorde nacional com 50,59 segundos. Contudo, ontem ficou-se pelos 52,04s. Apesar de ser o seu melhor tempo desta época, o resultado não foi suficiente para avançar para as meias-finais. A atleta do Sporting ficou, portanto, com o 38.º lugar, depois do 17.º em Tóquio 2020 e do 31.º no Rio 2016.

Também Agate de Sousa ficou pelo caminho ao concluir o Grupo A de qualificação em 13.º lugar no salto em comprimento. Depois de um salto nulo, a atleta do Benfica conseguiu a sua melhor marca do dia com 6,34 metros. Ainda assim, ficou longe dos 7,03m que tem como melhor marca pessoal e até mesmo dos 6,59m da francesa Hilary Kptacha, a última apurada para a final.

Leandro Ramos, lançador do dardo, também se ficou pelo apuramento para a final, com o 14.º lugar do Grupo A. O atleta de Oliveira do Bairro fez um primeiro lançamento de 75,73 metros, mas fez dois lançamentos nulos. "Não percebo o que aconteceu", disse sobre o momento em que conseguiu apenas um lançamento válido e quase 10 metros abaixo do seu recorde pessoal (84,78m).

"Mas acho que o mais importante para os portugueses perceberem é que sou o único que abriu caminho. Fui o primeiro no Europeu, o primeiro no Mundial, o primeiro nos Jogos, há que respeitar isso. Eu e o meu treinador, Carlos Tribuna, estamos a abrir caminho até às medalhas. Há que ter paciência", o atleta de 23 anos.

Quanto a Fatoumata Diallo, nos 400 metros barreiras, falhou a ida à final, ao ser sexta na segunda série das meias-finais, com 54,93s, mais 28 centésimos do que o seu recorde nacional de 54,65s.

Apenas Salomé Afonso redimiu o dia do atletismo português ao conseguir o apuramento directo para as meias-finais dos 1500 metros, sendo quinta classificada na terceira série. Na ronda, apuravam-se directamente as primeiras seis classificadas de cada uma das três séries.

A atleta do Sporting foi quinta com 4m04,42s, batendo a sua melhor marca pessoal (4m06,04s). "Estou extremamente feliz", disse a atleta que disputará amanhã as meias-finais às 19h35 locais, 18h35 de Lisboa.

As provas marítimas sorriram mais aos portugueses. A velejadora portuguesa Mafalda Pires de Lima manteve o 14.º lugar na disciplina *kite*, depois de ter sido nona na única regata disputada esta terça-feira em Marselha, devido às condições de vento.

A atleta conseguiu a sua segunda melhor classificação, apenas superada pelo oitavo lugar conseguido na primeira regata. Após a realização de seis regatas, Mafalda Pires de Lima ocupa a 14.ª posição, com 59 pontos, a 14 do 10.º lugar, o último que dá acesso às meias-finais. Hoje disputam-se as últimas regatas de qualificação.

Os canoístas João Ribeiro e Messias Baptista, campeões mundiais em título, qualificaram-se directamente para as meias-finais da prova de K2 500 metros, ao serem segundos classificados da primeira série.

João Ribeiro e Messias Batista cumpriram a prova em 1m28,10s, batidos apenas pelos alemães Jabob Schopf e Max Lemke (1m28,03s), nas eliminatórias em que os dois primeiros seguem para as meias-finais directamente e os restantes para os "quartos". As meias-finais de K2 500 metros estão marcadas para sexta-feira, pelas 11h10 locais (10h10 em Lisboa), tal como a final principal, que se realiza pelas 13h30 (12h30 de Lisboa).

Os velejadores Carolina João e Diogo Costa qualificaram-se para a "*medal race*" da classe 470, ao terminarem a jornada na quinta posição da geral. Em Marselha, a dupla portuguesa foi segunda na sétima regata e oitava na seguinte, com as duas últimas regatas do dia a serem canceladas, somando 49 pontos.

A "*medal race*" da classe 470 está agendada para hoje, às 15h30 locais (14h30 em Lisboa), com os pontos conquistados na regata decisiva a valerem a dobrar. Neste momento, a dupla portuguesa tem 49 pontos, estando a 14 da terceira posição. **com Lusa**

Agenda dos portugueses

PARIS 2024

As horas estão no horário de Lisboa

Hoje

8h30	**Teresa Portela**	Canoagem K1 500m F	Qualificação
9h40	**Fernando Pimenta**	Canoagem K1 1000m M	Qualificação
11h03	**Mafalda Pires de Lima**	Vela *Kite* F	Regatas de 7 a 16
11h30	**Thomás Augusto**	Skate Parque M	Preliminar
14h43	**Carolina João/Diogo Costa**	Vela 470 misto	Medal Race
18h15	**Pedro Pichardo e Tiago Pereira**	Atletismo triplo salto M	Qualificação

Finais

Hoje

Atletismo	Maratona Marcha Mista	6h30
Vela	ILCA 7 F	11h13
Escalada	Rápida F	11h54
Vela	ILCA 7 M	12h13
Vela	Multihull-Nacra misto	13h43
Halterofilismo	61kg M	14h00
Vela	470 misto	14h43
Skate	Parque M	16h30
Atletismo	Salto com vara F	17h15
Ciclismo	Perseguição M	17h33
Luta	77kg M	a partir das 17h15
Luta	97kg M	a partir das 17h15
Luta	50kg F	a partir das 17h15
Ciclismo	Perseguição F	17h57
Atletismo	Salto com vara F	18h30
Ciclismo	Perseguição M	18h28
Natação artística	Prova acrobática equipas	18h30
Halterofilismo	49kg F	18h30
Atletismo	Disco M	19h25
Taekwondo	-49kg F	20h19
Atletismo	400m M	20h20
Taekwondo	-58kg M	20h37
Atletismo	3000m obst. M	20h43
Boxe	63,5kg M	21h34
Boxe	80kg M	21h51

Medalheiro

				Total
1. **EUA**	24	31	31	86
2. **China**	22	20	16	58
3. **Austrália**	14	12	9	35
4. **França**	13	16	19	48
5. **Grã-Bretanha**	12	15	19	46
6. **Coreia do Sul**	11	8	7	26
7. **Japão**	11	6	12	29
8. **Itália**	9	10	7	26
9. **Países Baixos**	8	5	6	19
10. **Alemanha**	8	5	4	17
69. **Portugal**	0	0	1	1

SARAH MEYSSONNIER/REUTERS

Basquetebol

A França avançou e "Wemby" brilhou aos bocadinhos

EVELYN HOCKSTEIN/REUTERS

Victor Wembanyama não fez uma grande exibição contra o Canadá mas é idolatrado pelos franceses

Marco Vaza, em Paris

Não foi o melhor dos jogos para o jovem prodígio francês do basquetebol, mas os "*bleus*" continuam na luta pelo título

Como em qualquer liceu deste mundo que tenha pavilhão de Educação Física, o Arena Bercy passou de arena de ginástica a campo de basquetebol de um dia para o outro. Depois de ter sido deslocalizado para Lille durante a fase de grupos, o basquetebol olímpico entrou em Paris para os quartos-de-final e já não vai sair de cá. Consigo, trouxe a selecção francesa e o próximo "messias" do basquetebol mundial, Victor Wembanyama. Já sabemos o que ele joga nos San Antonio Spurs da NBA, como tem sido nos Jogos Olímpicos?

Escolhemos mal o dia para ver Wemby, mas era por uma questão de proximidade. Entrou no cinco inicial, foi o primeiro jogador a tocar na bola, a marcar os últimos pontos dos "*bleus*" no jogo e a conquistar o último ressalto. Pelo meio, uma tarde "*comme si, comme ça*" de Victor, muito pouca influência ofensiva (apenas sete pontos, com 2/10 em lançamentos de campo), mas grande presença defensiva (12 ressaltos) e desarmes de lançamento na altura certa (na estatística oficial está um, mas de certeza que foram dois).

A certa altura, o povo até sentiu que "Wemby" precisava de ajuda e começou com um "Olé Wemby", depois de ele ter concretizado à segunda um lançamento mesmo ao pé do cesto para o qual não precisa de saltar.

Foram muitos falhanços, mas também algumas amostras do "unicórnio" que ele pode vir a ser – passes por trás das costas, mobilidade, agilidade, coordenação motora. Vimos um bocadinho disso tudo neste jogo dos quartos-de-final em que a França abateu o Canadá por 82-73. Mas só um bocadinho.

"Wemby" é um fenómeno de 2,21m, com todas as ferramentas físicas, técnicas e mentais para o basquetebol. É um sobredotado, o chamado talento único numa geração que acabou de chegar à NBA e à selecção francesa. Tem sorte em ambos os casos – nos Spurs, tem um dos melhores treinadores de todos os tempos para o ensinar, Greg Popovich, na França tem os veteranos, como Evan Fournier, Nic Batum e outros, para dar estrutura. Se o "unicórnio" está numa noite em que não faz a diferença, vêm os outros e tratam do assunto.

Foi o que aconteceu. Os franceses começaram por dar um amasso nos canadianos, que são, essencialmente, uma equipa da NBA – Shai-Gilgeous Alexander, RJ Barrett, Jamal Murray, Lu Dort, entre outros. E "Wemby" pouco se via. Quem se mostrava muito era Guerschon Yabusele, um daqueles que não deram na NBA, mas que brilha na EuroLiga com o Real Madrid. Marcou os primeiros dez pontos do jogo – e seria o melhor marcador da França, com 22.

A França nunca deixou de estar na frente do marcador e o Arena Bercy explodia a cada cesto – como têm explodido todos os recintos olímpicos sempre que os franceses ganham alguma coisa. "Wemby" falhava os lançamentos longos, os mais próximos e os lances livres. A certa altura, tinha tantas faltas pessoais como pontos marcados e passou largos minutos no banco, a fazer companhia a Rudy Gobert (que saiu do cinco inicial), enquanto Yabusele, Isaia Cordinier e, mais para o final, Fournier atacavam com sucesso o cesto canadiano.

O Canadá, que era um dos candidatos às medalhas com todo o talento de NBA que tem, ainda tentou a reconquista do resultado, com uma exibição solitária de Gilgeous-Alexander. Mas os franceses estavam demasiado energizados e confiantes para deixar o jogo fugir perante o seu público e nos seus Jogos Olímpicos frente a um adversário que os derrotou no último Mundial e num jogo de preparação pré-olímpico – seguiram para as meias-finais, onde irão defrontar a Alemanha, actual campeã mundial, triunfante sobre a Grécia.

O público não levou a mal a primeira noite olímpica de "Wemby" em Paris. Até havia gente na bancada a pedir-lhe a camisola, "*Wemby, ton maillot stp [si'll te plait]*" porque havia cheiro a vitória e a medalha no ar – a França foi vice-campeã olímpica em Tóquio e espera, no mínimo, a mesma prata em Paris. E até houve uma "Marselhesa" cantada de improviso durante o jogo.

O jovem de 20 anos foi um dos que passaram na zona mista e pararam para falar com os jornalistas, que tiveram de apontar os microfones e os telemóveis bem para cima, para ouvir as palavras que vêm acima dos dois metros de altitude. "Wemby" reconheceu que não foi, de facto, uma das suas melhores tardes, mas foi o colectivo que fez tudo.

"O objectivo era envolver a equipa toda. Não quis forçar as coisas, apenas fazer os lançamentos que me eram oferecidos. Se tivesse acertado os meus lançamentos, teríamos garantido a vitória mais cedo", disse num inglês perfeito.

Depois, apenas "*questions en français*" para Victor e ele explicou que é esta a intensidade que a França tem de manter para os próximos jogos e que as lições dos jogos menos conseguidos na fase de grupos estão aprendidas para serem aplicadas no jogo seguinte porque "o quarto lugar é o pior de todos".

Se os franceses ganharem à Alemanha, avançam para a final, onde será bem provável que voltem a encontrar o Team USA na sua versão mais dominadora dos últimos anos e reforçada com Joel Embiid, o camaronês dos Philadelphia 76'ers que escolheu jogar pelos EUA e recusou um lugar na equipa francesa. Por isso, é o jogador mais vaiado de todos no basquetebol olímpico, como se viu ontem no confronto com o Brasil, em que ele se alimentou da hostilidade para ser dominante. Será o vilão perfeito para a história de "Wemby", o herói da casa, nos Jogos Olímpicos.

Medicina desportiva

"Há muitas vidas que mudam após o fim dos Jogos"

Pedro Keul

Jaime Milheiro, director clínico da Federação Portuguesa de Canoagem, lembra os elevados níveis de stress da alta competição

Presentemente em Paris, integrado na comitiva olímpica na qualidade de director clínico da Federação Portuguesa de Canoagem, Jaime Milheiro fala da sua especialidade médica dedicada à alta performance e "muito abrangente", pois têm de se dominar os conceitos de fisiologia, endocrinologia, psicologia, nutrição.

"Sou responsável pelo departamento que se debruça sobre a recuperação, por dar condições aos atletas para executarem o treino prescrito pelos treinadores e garantir que o treino vá no caminho do sucesso positivo", resume Jaime Milheiro.

"Para além do treino e do exercício, eles têm de estar absolutamente coordenados, não é só treinar e comer. A coordenação é fundamental, mas no fundo é isso que eu faço e entro também nas questões mais clínicas do atleta – ainda agora um atleta enviou-me uma fotografia por causa de um problema na pele. Também tenho consultores comigo, para as questões cardiológicas, por exemplo", explica.

Para o médico especialista em Medicina Desportiva e Medicina Física e Reabilitação, cada atleta é um caso específico e é necessário controlos e exames periódicos para recolher o máximo de informação. "É a chamada metrologia. É importante saber que a medicina desportiva está na fase 3.0, que é o conhecimento das cargas internas. O treinador faz a colheita dos dados do treino (a chamada carga externa) e cada vez mais temos de ter maior noção dessa carga interna. Recolhemos dados consoante o período da época; neste momento de Jogos Olímpicos, o acompanhamento analítico de marcadores é semanal. Existem também escalas de humor, de bem-estar, e isso implica uma comunicação muito forte com os treinadores, é um trabalho de equipa. Para se ter resultados a este nível, é necessária uma coesão muito forte com o líder da equipa, que é o treinador, e nós todos trabalhamos para esse líder, para que possa ter o melhor sucesso no seu desempenho. Este é o segundo ciclo olímpico em que estou na canoagem e, portanto, temos dados de alguns atletas que vêm do ciclo anterior, desde Tóquio, com oito anos, que associamos aos dados obtidos nos treinos", revela Jaime Milheiro.

Trabalhar com atletas que lutam pelos primeiros lugares exige a atenção a todos os pormenores, pois as diferenças nos resultados finais são por vezes mínimas. "Estamos a trabalhar com pessoas cujo objectivo é serem campeões olímpicos, os melhores dos melhores. Fernando Pimenta e João Ribeiro foram campeões do mundo em 2023 e agora, na última Taça do Mundo, foram ambos ao pódio. Quando não ganham já ganharam e quando não ganham perdem por umas décimas, centésimas. Este é um mundo muito a preto e branco. A definição do nosso sucesso é baseado naquela medalha", frisa.

Avaliar o limite de um atleta é por vezes difícil, porque depende da capacidade de cada um em lidar com a dor, o que nem sempre é fácil de medir. "Neste tipo de modalidades, o limitador da performance é a dor. Nós temos marcadores de dor e às vezes são coisas mais do foro mental e psicológico que é a capacidade de aguentar a dor. Tenho uma perspectiva muito global de como é que se poderá tirar essa décima ou centésima. Há uma componente muito mental, por isso é que hoje em dia se fala em '*mental coach*', termo que não existia antes."

Jaime Milheiro é um dos médicos que integram a equipa olímpica nacional

> **Uma das razões do menor sucesso é o efeito eucalipto do futebol. Mas não é uma crítica ao futebol, porque fez o seu trabalho**
>
> **Jaime Milheiro**
> Médico

E em termos psicológicos, Jaime Milheiro lembra igualmente os atletas de que têm igualmente de lidar com o insucesso, após dedicarem anos da sua vida à concretização de um objectivo desportivo. "Há muitas vidas que mudam após o dia 12 de Agosto, e há muita gente que não tem noção disso. É um mundo altamente ansiogénico, onde todos querem estar, mas não sabem o que isso exige. Todos os elementos, treinadores, *staff*, que estão aqui têm de estar no seu máximo, não é só os atletas. Por exemplo, se um atleta não consegue o apuramento para os Jogos Olímpicos ou para o Campeonato do Mundo, vai para casa ou para o hotel e tem de repensar a vida toda. O sistema português também não ajuda, porque a bolsa termina. Agora, está um pouco melhor porque antes o pós-carreira era um vazio, uma coisa tenebrosa, mental e financeiramente. Sei muito bem que quando acabarem estes Jogos há pessoas que vão mudar de vida", adianta Jaime Milheiro.

Num mundo globalizado, poucos ou nenhuns segredos existem em termos da medicina desportiva, mas há um aspecto mais importantes do que o conhecimento científico. "Há muita coisa que é o terreno que nos dá. Acho que a experiência em medicina desportiva no alto rendimento conta, ganha-se uma sensibilidade. Trabalho com muitos atletas, do ciclismo, ténis, ginástica... e cada modalidade tem a sua particularidade. A nutrição, por exemplo, é das coisas mais paradoxais; há pessoas que levam caminhos opostos e têm os mesmos resultados. Eu, com a minha experiência, vou tentando o que é melhor para cada atleta e com quem trabalho há alguns anos já dá para perceber o que resulta melhor. Também não podemos trabalhar com muitos atletas ao mesmo tempo porque exigem muito do nosso tempo, da nossa dedicação e da nossa disponibilidade", explica o director clínico.

"Há dois caminhos a potenciar: o da recuperação e o da estimulação. O estímulo não tem respostas infinitas, por isso temos de saber qual é o momento certo de estimular. Há uma coisa que gostava de frisar: as coisas com que me identifico e proponho não significa que sejam as certas e as outras as erradas. Às vezes, caminhos quase opostos resultam no sucesso. Outra frase que digo constantemente é que paramos de crescer quando deixamos de aprender", acrescentou.

Com recordes a serem frequentemente quebrados, a pergunta que muitos fazem (e já há algum tempo) é se haverá um limite ou não para o ser humano? "Lembra-se do *sir* Roger Bennister, que baixou o recorde da milha em menos de quatro minutos? Também diziam que era impossível... Somos cada vez mais altos, mais fortes. Armand Duplantis cresceu com uma vara na mão e esta é uma história de sucesso; as que não têm sucesso não se conhecem", afirma Jaime Milheiro.

O tema da especialização precoce dos atletas em detrimento dos estudos leva o médico a analisar e resumir a situação do desporto no nosso país: "A combinação entre o ensino e o desporto em Portugal é inexistente. Há uma nítida tentativa de melhorar, mas o sistema não deixa. Uma das razões do menor sucesso é o efeito eucalipto do futebol. Mas não é uma crítica ao futebol, porque fez o seu trabalho, porque trabalharam para isso; há 20 anos não tínhamos futebolistas entre os atletas mais bem pagos, era o Michael Schumacher, o Tiger Woods, o Michael Jordan... Costumo dizer que em Portugal só temos duas modalidades: futebol e as modalidades."

Recente doutorado com uma tese sobre o antienvelhecimento, Jaime Milheiro confirma que as carreiras desportivas têm tendência a prolongar-se. "Apresentei na minha tese: o alongar da carreira tem a ver com a ciência ao serviço, em especial nos desportos de *endurance*. Não nas provas de *sprint*, desportos de esforço anaeróbico, porque as fibras rápidas, com o tempo, transformam-se em fibras lentas. Houve um estudo apresentado em 2023 que demonstra que há cada vez mais medalhados mais velhos e atletas com carreiras de 20 anos, em especial, nas modalidades de *endurance*. O Fernando Pimenta e João Ribeiro fazem 35 anos na semana após o final dos Jogos Olímpicos", lembra Jaime Milheiro.

Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º Piso 4050-318 Porto | Tel. 22 615 10 00 lojaporto@publico.pt De seg a sex das 09H às 18H

CLASSIFICADOS

CONSELHO METROPOLITANO DO PORTO

EDITAL

EDUARDO VÍTOR RODRIGUES, Presidente do Conselho Metropolitano do Porto,
FAZ SABER, em cumprimento do disposto no artigo 56º. do Anexo I da Lei nº. 75/2013, de 12 de setembro, aplicado por força do disposto no artigo 104º. da citada Lei, **que, na 40ª. reunião ordinária do Conselho Metropolitano do Porto, realizada em 26 de julho de 2024,** na Sede da Área Metropolitana do Porto, Porto, **foram tomadas as seguintes deliberações:**

Período da Ordem do Dia:
1. Ata da reunião do Conselho Metropolitano do Porto de 28 de junho de 2024:
Aprovada, por unanimidade, pelos presentes na reunião de 28 de junho de 2024.
2. Aprovação do candidato a membro da Comissão Executiva Metropolitana, a submeter a votação nas Assembleias Municipais:
Adiada.
3. Deliberação sobre o dia e hora em que devem decorrer as votações (em simultâneo) nas 17 Assembleias Municipais, para aprovação de candidato a membro da comissão executiva metropolitana:
Adiada.
4. Alteração Orçamental N.º 04/2024 - Alteração Modificativa n.º 3 do orçamento AMP 2024:
Aprovada, por unanimidade.
5. Alteração Orçamental N.º 05/2024 - Alteração Permutativa n.º 2 do orçamento da AMP 2024:
Aprovada, por unanimidade.
6. Alteração Orçamental N.º 06/2024 - Alteração Modificativa n.º 4 do orçamento AMP 2024:
Aprovada, por unanimidade.
7. Proposta de celebração de protocolo de financiamento entre a AMP e os Municípios da AMP, no âmbito do Programa RecolhaBio 2023:
Aprovada, por unanimidade.
8. Proposta de celebração de protocolo entre a AMP e o Fundo Ambiental, no âmbito do Programa RecolhaBio 2024:
Aprovada, por unanimidade.
9. Proposta de celebração da 1ª. Adenda ao Protocolo de colaboração técnica e financeira celebrado com os Municípios da AMP, para implementação de projetos piloto de rega sustentável:
Aprovada, por unanimidade.
10. Protocolo de colaboração entre a AMP, a DGEstE, a DGE e a ANQEP, para implementação de um projeto de intervenção no desenvolvimento vocacional nos contextos de educação e formação da AMP:
Aprovado, por unanimidade.
11. Contrato interadministrativo para realização de um projeto-piloto através de sensibilização e comunicação de proximidade para redução de ignições nas Serras do Porto:
Aprovado, por unanimidade.
12. Compromissos plurianuais assumidos ao abrigo da autorização prévia genérica concedida pelo órgão deliberativo:
Foi dado conhecimento.
13. PDCT AMP 2020 (Pacto de Desenvolvimento e Coesão Territorial) – ponto de situação:
Foi feito o ponto de situação.
14. Outros assuntos de interesse metropolitano:
14.1. Eleição de um Vice-Presidente do Conselho Metropolitano do Porto:
Aprovada, por unanimidade, com 12 votos a favor, em votação por escrutínio secreto, não tendo participado na votação os Municípios de Arouca, Maia, Porto, Santa Maria da Feira e Vale de Cambra, por ainda não se encontrarem presentes na reunião, a proposta: - Presidente da Câmara Municipal da **Póvoa de Varzim**, Engº. **Aires** Henrique Couto **Pereira**.
Porto, 26 de julho de 2024

O Presidente do Conselho Metropolitano do Porto,
Eduardo Vítor Rodrigues

Edital n.º 128/2024

José Manuel Pereira Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal de Valongo, faz público que:
Nos termos do disposto nos artigos 10.º e 11.º da Lei n.º 168/99, de 18 de setembro, (Código das Expropriações), foi tomada em reunião de câmara de 2023.05.18 a deliberação da qual consta a intenção de requerer a expropriação dos terrenos necessários para tornar exequível a obra "Circuito Pedonal do Rio Ferreira, em Campo.
Na sequência da citada deliberação, encontra-se igualmente nesta Edilidade, uma proposta de aquisição, pela via do direito privado, das parcelas de terreno identificada em planta cadastral como "8" e "12" abaixo identificadas.

Parcela 8
Proprietário – Condóminos do Prédio sito na Rua Central de Campo 1290, 1296, 1298, 1300, 1308, 1316, 1318 e 1320, 4440-035 Campo - Valongo
Área – 430,00m²
Custo do terreno – 430,00 m² x € 6,58 / m² = € 2.829,40
Benfeitorias: Choupos – 4 x € 22,00 = 88,00
Ocupação da área sobrante:
Área – 366,00m²
Custo do terreno – 366,00 m² x € 6,58 / m² = € 2.408,28
TOTAL – € 5.325,68,00
Classificação do terreno – Espaço Agrícola e Estrutura Ecológica Municipal. RAN, REN, Zonas Ameaçadas pelas Cheias
Identificação do prédio de onde é destacada a parcela:
Artigo Matricial – Urbano 8783 da freguesia de Campo e Sobrado
Registo Predial – N.º 3066/20020307

Parcela 12
Proprietário – Condóminos do Prédio sito na Rua Central de Campo 1410, 1420, 1430, 1440, 1450, 1460 e 1470, 4440-039 Campo - Valongo
Área – 544,00m²
Custo do terreno – 544,00 m² x € 6,58 / m² = € 3.579,52
Benfeitorias: Choupos – 10 x € 22,00 = 220,00
Ocupação da área sobrante:
Área – 1.450,00m²
Custo do terreno – 1.450,00 m² x € 6,58 / m² = € 9.541,00
TOTAL – € 13.340,52,00
Classificação do terreno – Espaço Agrícola e Estrutura Ecológica Municipal. RAN, REN, Zonas Ameaçadas pelas Cheias
Identificação do prédio de onde é destacada a parcela:
Artigo Matricial – Urbano 7696 da freguesia de Campo e Sobrado
Registo Predial – N.º 2168/19970929

Segundo as propostas de aquisição referidas, fundamentadas em avaliação feita por perito da lista oficial, a Câmara Municipal propõe-se pagar pelas citadas parcelas de terreno a importância de acima indicada.
Em conformidade com o preconizado no n.º 4 e n.º 5 do artigo 11.º do citado artigo e diploma legal, o(s) proprietário(s) e demais interessados, têm 30 (trinta) dias, a contar da data da publicação no jornal, do presente edital, para dizerem o que se lhes oferecer sobre a proposta apresentada, podendo a sua contraproposta ter como referência o valor que for determinado em avaliação documentada por relatório elaborado por perito da sua escolha.
Mais se informa que o processo administrativo se encontra disponível para consulta, pelos interessados, nos serviços do Departamento de Obras, Projetos e Mobilidade desta Câmara Municipal, sito na Rua Aldeia dos Lavradores, n.º 240, 4445-640, Ermesinde, sujeito a agendamento prévio através do endereço dopm@cm-valongo.pt ou do telefone 967 101 028.
Valongo e Paços do Concelho, ao primeiro dia do mês de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
José Manuel Ribeiro, Dr.

Diário de Um Cientista

De pantufas, mergulhado no genoma de baleias e parasitas sem nome

A história de como mergulhei num mundo (que não era o meu) para procurar parasitas escondidos em baleias. E tudo sem sair de casa

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Façatodos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

Página 6

Joaquim Filipe Faria Texto
André Carrilho Ilustração

Ao olhar para os artigos que publiquei enquanto biólogo, é impossível não soltar uma risada subtil ao passar os olhos sobre um trabalho em específico, cuja presença faz o meu currículo académico parecer um daqueles desafios de "encontre o intruso". Estou a falar de um artigo acerca de uma baleia nos mares da China, destacando-se entre todos os outros que se debruçam exclusivamente sobre répteis.

E como é que isto acontece? Como é que eu, a trabalhar no Biopolis-Cibio com sardaniscas desde o meu primeiro estágio científico em 2015, agora, que me aproximo do fim do meu doutoramento, fui mergulhar na singular aventura de estudar algo relacionado com baleias? E mais: como é que o fiz sentado à minha secretária do início ao fim, sem nunca deixar o conforto de casa?

Ora, estávamos em Maio de 2020, e o Governo de Portugal tinha acabado de decretar o estado de calamidade devido à pandemia de covid-19. Apesar de ter passado os primeiros meses do confinamento sem grandes problemas (inteiramente focado em escrever a minha candidatura para uma bolsa de doutoramento da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), para poder arrancar com essa aventura em Setembro desse ano), via-me agora forçado à estagnação do confinamento, que não me permitia continuar os projectos em curso, já que estes requeriam que passasse bastante tempo no laboratório, que tinha aplicado políticas de acesso bastante restritivas.

Perguntei então ao meu orientador se haveria algo mais teórico que pudesse fazer, como um artigo de revisão (um tipo de artigo que visa sumarizar os estudos de vários outros investigadores acerca de um tema) ou algo do género. Não muito entusiasmado com a ideia de um artigo de revisão – nem eu honestamente, mas foi o que na altura me ocorreu – ele lembrou-se de que, numa altura em que estava a trabalhar com parasitas de focas, ao procurar numa base de dados de sequências de ADN algo que correspondesse ao parasita que ele estava a estudar, obteve uma correspondência quase perfeita com o ADN de uma baleia! Mais especificamente, de um cachalote.

Como devem imaginar, grandes baleias e parasitas microscópicos não são exactamente próximos, assim como não o é o seu ADN, pelo que algo de muito errado se passava aqui. Como se não bastasse, o ADN da baleia em questão deveria ser o genoma (a totalidade da informação contida no ADN de um ser vivo) de referência para a espécie.

E foi assim que eu, até àquele momento a fazer carreira como herpetólogo (um biólogo que estuda répteis e anfíbios), dei comigo numa demanda para desvendar este bizarro mistério do que se passava com o único genoma de cachalote disponível naquele enorme arquivo de ADN.

Arquivos de ADN

Antes de avançarmos, vamos só aqui repescar uns conceitos dos parágrafos anteriores, para vos familiarizar com o que uma investigação deste género envolve. Quando estamos a estudar a informação genética de seres vivos, precisamos muitas vezes de "ler" o seu ADN. Para isso, através de um processo laboratorial que se chama "sequenciação", conseguimos identificar a sequência das moléculas que compõem o ADN – cuja ordem faz com que cada ser tenha um ADN único – e transpor essa sequência para um conjunto de letras que podemos então analisar, com fim a respondermos às questões da nossa investigação.

Mais tarde, ao publicarmos os nossos resultados, temos também de disponibilizar estas sequências num arquivo *online* de acesso público, por motivos de transparência científica. Qualquer pessoa pode então aceder a esses arquivos e a toda a informação genética neles contida, assim como procurar correspondências entre as sequências de ADN lá guardadas e outras que estejam a analisar.

Um grupo de cientistas teria então sequenciado o genoma deste cachalote, disponibilizando a sequência de ADN numa destas bases de dados. Mas, como já mencionei, algo estava errado, pois partes da sequência apareciam como correspondência quase perfeita ao ADN do parasita que o meu orientador estava a analisar. Pondo mãos à obra – mas deixando-me estar de pantufas, porque se estamos fechados em casa, há que aproveitar –, comecei por recolher toda a informação genética acerca deste género de parasitas que existia no arquivo.

Munido de várias dezenas de sequências de ADN, comparava-as com o genoma do cachalote, e ia, aos poucos, identificando as porções do genoma do cachalote que na realidade correspondiam ao parasita. No fim de contas, consegui encontrar, ali perdida no genoma do cachalote, uma quantidade de informação genética bastante considerável, que me permitiu avançar para a questão seguinte: o que é que aquele ADN do parasita estava a fazer ali?

Aproveitando aqui para mais um parêntesis antes de avançarmos, convém "apresentar-vos" o parasita de que tanto tenho falado. Ora, este parasita pertencia ao género *Sarcocystis*, um grupo de parasitas unicelulares que inclui mais de uma centena de espécies, capazes de infectar uma enorme variedade de mamíferos (incluindo vários tipos de gado e por vezes até o ser humano), aves e répteis.

O ciclo de vida mais comum destes parasitas requer dois hospedeiros, normalmente um predador enquanto hospedeiro definitivo e a sua presa enquanto hospedeiro intermédio. O parasita reproduz-se no sistema digestivo do hospedeiro definitivo (predador) e é expelido pelas fezes, para o solo, onde entra em contacto com o hospedeiro intermédio (presa), que o acaba por, de alguma forma, o ingerir. Uma vez ingerido pelo hospedeiro intermédio (presa), o parasita instala-se no tecido muscular deste até que o hospedeiro definitivo (predador) se alimente dele, voltando o parasita ao sistema digestivo do hospedeiro definitivo (predador) e recomeçando o ciclo.

Mas, agora que o apresentámos, continuemos: o que é que ele estava a fazer no genoma do cachalote? De um ponto de vista laboratorial, a resposta é simples: o cachalote estava infectado com o parasita, que se teria instalado no tecido da amostra usada para sequenciar o genoma do cachalote, contaminando os resultados da sequenciação com o ADN do parasita. E como na altura havia muito poucas sequências do parasita disponíveis no arquivo para fazer a correspondência, esta contaminação passou despercebida.

Mas é de um ponto de vista de taxonomia (a disciplina da biologia responsável por identificar e nomear espécies) e de ecologia que a situação se torna interessante. A minha identificação deste género de parasita num cachalote não era exactamente uma novidade, visto que já tinham sido detectadas infecções semelhantes num outro cachalote e noutras espécies de mamíferos marinhos (focas, ursos-polares e golfinhos).

No entanto, as análises ao ADN desses parasitas, para identificar a sua relação com as espécies conhecidas na altura, atribuíram essas infecções à espécie *Sarcocystis canis*, conhecida por infectar cães, lobos e raposas. Ora, mais uma vez, um cão e uma baleia não são a mesma coisa, e muito menos partilham o mesmo tipo de habitat, pelo que seria estranhíssimo que partilhassem a mesma espécie de parasita.

Refazendo as análises dos outros investigadores, mas incluindo agora as sequências de ADN do parasita que estavam perdidas no genoma do cachalote, foi possível dar uma nova luz à organização das espécies do género. A inclusão desta nova informação esclareceu parte da confusão que antes existia e, apesar de não ser o suficiente para designar uma nova espécie, deu provas claras da existência de não uma, mas pelo menos duas espécies não-identificadas deste parasita a ocorrer em mamíferos marinhos - uma em cachalotes e focas, e outra em golfinhos.

Desfecho em aberto

Até aqui, tudo bem. Ou não, pois na verdade o mistério adensa-se: se se recordam, disse-vos que este género de parasitas requer dois hospedeiros diferentes, um predador e uma presa, e que é conhecido por infectar mamíferos, répteis e aves. Ora, predador já o temos, o nosso cachalote. No entanto, na sua dieta constam apenas peixes e moluscos, que não deveriam ser portadores do parasita. Para desvendar esta parte do mistério, bem, já precisava de tirar as pantufas e partir para os mares da China, o que na altura não ia ser muito fácil de coordenar com o doutoramento que estava prestes a começar. Portanto, achei que seria de bom senso deixar essa parte a outros investigadores, com mais experiência com esses animais e com o meio marinho, e esperar que a minha contribuição os ajude nas suas buscas científicas enquanto eu regresso às sardaniscas de que tanto gosto.

Pois, porque, como já disse antes, não é com baleias que preencho o meu dia-a-dia de biólogo, mas com cobras e lagartos. Os parasitas, esses, sim, são o elo que liga este aos meus restantes trabalhos, especialmente ao meu doutoramento (cuja tese espero entregar e defender em breve), em que estudo uns outros parasitas... nas sardaniscas. Interessam-me duas coisas: como é que os parasitas – algo semelhantes aos que causam malária no ser humano – afectam as sardaniscas (e outros lagartos) e como é que as alterações climáticas recentes têm afectado a distribuição e dinâmicas infecciosas destes parasitas. Este doutoramento que já me levou a três países e dois continentes. Mas isso ficará para contar noutra altura.

Voltando ao "mergulho", acho que estamos a chegar ao fim desta minha pequena e bizarra aventura, durante a qual desenvolvi, em pleno confinamento, toda uma investigação científica sem precisar de vestir a bata e ir para o laboratório. Algo que sem dúvida foge um bocado ao nosso imaginário de o que é e o que faz um cientista.

O primeiro manuscrito seria submetido em finais de Fevereiro de 2021 e – passados todos os trâmites necessários a uma publicação científica rigorosa, que levaram quase um ano – o artigo final publicado em Fevereiro de 2022, na *Folia Parasitologica*, uma revista internacional da Academia de Ciências da República Checa. E apesar de representar apenas um pequeno passo na compreensão da diversidade destes parasitas, acho que não deixa de ser espantosa a quantidade de nova informação que foi possível encontrar desta forma.

Faz-me pensar que outras pepitas de conhecimento andarão perdidas por aí, escondidas à vista de todos e à espera de que alguém – aborrecido por não poder sair de casa – as vá desenterrar.

Joaquim Filipe Faria

Estudante de doutoramento

Mestre em Biodiversidade, Genética e Evolução pela Universidade do Porto, prossigo a carreira académica como doutorando no

Biopolis-Cibio, onde realizo a minha investigação científica desde 2015. Paralelamente, recebi também educação nas artes plásticas e música. O meu currículo conta já vários artigos, exposições e concertos, e também sou actualmente violinista na Orquestra Clássica da FEUP.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Filogenética Aplicada (AP)

O som das independências africanas

ARQUIVO ZÉ MANEL FORTES

Guiné-Bissau

No país de Amílcar Cabral, a música esteve na dianteira da luta

A década de 70 estava a começar quando José Carlos Schwarz e os Cobiana Djazz cantaram *Mindjeres di panu preto* na Emissora Nacional, onde até então jamais se ouvira crioulo. A independência da Guiné-Bissau também passou por aí

Mário Lopes

Havia um ano que os Cobiana Djazz de José Carlos Schwarz e Aliu Bari ensaiavam, preparando um novo som, uma abordagem moderna às expressões tradicionais da música guineense. Queriam recuperar uma tradição cultural que o colonialismo ostracizara e que a vida nos centros urbanos esquecera ou menorizava, e usá-la para reflectir um novo tempo, o seu, o da luta pela libertação. Queriam gravar as suas canções, mas não tinham ao seu alcance meios técnicos ou estúdios onde o fazer. A solução veio do local mais improvável. Da Emissora Nacional em Bissau.

Foi na alvorada da década de 1970 que na rádio estatal portuguesa se ouviu crioulo pela primeira vez. Quatro canções, entre elas *Estin*, sobre um camarada de armas tombado na luta, e *Mindjeris di panu pretu*, dando voz às mulheres que choravam o sangue dos filhos mortos. Esta última tornar-se-ia o hino não oficial da Guiné-Bissau. Na emissora da potência colonial, o país testemunhou uma fresta a abrir-se, em som e palavra, para o futuro da independência, proclamada unilateralmente pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) a 24 de Setembro de 1973 e reconhecida por Portugal a 10 de Setembro de 1974.

"Era praticamente impensável no tempo colonial ouvir-se música guineense em crioulo [na rádio]. Só se ouvia fados e canções modernas europeias. A ideia era coarctar a possibilidade de afirmação da cultura guineense", diz ao PÚBLICO Julião Soares Sousa, doutor em História Contemporânea, autor de *Amílcar Cabral (1924-1973) – Vida e Morte de Um Revolucionário Africano* (Nova Vega, 2011), investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. "O Cobiana [Djazz] a cantar em crioulo era uma emoção tão grande para nós. Finalmente podemos cantar em crioulo", diz a partir dos Estados Unidos, onde reside há quase quatro décadas, Zé Manel Fortes, baterista dos Super Mama Djombo, banda maior da história guineense, e dono de uma marcante carreira a solo, já na Guiné independente, pela crítica contundente aos rumos que o país seguia, tudo explicado no álbum *Tustumunhos Di Aonti*...(1982).

Foi Octávio Barbosa, "Cancan",

Na foto principal, Zé Manel, que começou como baterista dos míticos Super Mama Djombo e depois seguiu carreira a solo

militar no Exército português e jovem radialista ao serviço da Emissora Nacional, que lançou a ideia a José Carlos Schwarz. Iria gravar um ensaio da sua banda e difundi-la no seu programa. "Ajudava à mobilização", recorda em *José Carlos Schwarz, A Voz do Povo*, documentário realizado por Adulai Djamanca, estreado em 2006. Foi uma acção em duas frentes. Fizeram-se chegar cópias das gravações a Conacri e as duas Guinés, a que permanecia sob domínio colonial português e a dos territórios libertados pelo PAIGC, ouviram em simultâneo as canções. O impacto é imediato. "Julgo que um ataque de bomba a Bissau teria menos efeito psicológico do que essa música", diz Cancan no documentário, com Aliu Bari a comentar que, de um dia para o outro, os Cobiana Djazz se transformaram em estrelas que a população guineense em Bissau admirava e interpelava na rua.

Não era só a qualidade da música, lamento tão dorido quanto majestoso, sublimação em voz autoral da voz colectiva dos folclores locais. Era ouvir quem, num território sob jugo colonial, cantasse a sua música, naquele momento, no crioulo que era e é língua franca da Guiné-Bissau, país-tapeçaria formado por tantos povos e culturas, fulas, balantas, mandingas, bijagós, papéis, manjacos – cerca de 10% da população falava português, o crioulo era falado por cerca de 50%.

Foi uma afirmação de identidade, um acto político, não menos. "Se quiser dominar um povo, a primeira coisa que faz é fechar a sua cultura e pô-lo a seguir a minha", descreve Zé Manel. "Quando se divide entre pessoa civilizada e não civilizada, o que é que isso quer dizer? Havia uma propaganda para dizer que a cultura africana é inferior. Para o dominador, a sua cultura é sempre superior."

O número de bandas explode nesta altura, com dezenas de novos protagonistas que, nas cidades, abandonam progressivamente as versões de Roberto Carlos e dos Beatles em favor da contribuição para a construção da música moderna guineense, apondo guitarras e baixo eléctrico, bateria, teclados ou sopros às raízes tradicionais, ouvidos atentos também ao que germinara ao redor – os Bembeya Jazz da Guiné-Conacri, os OK Jazz do congolês Franco, o makossa dos Camarões, a rumba congolesa, o *highlife* do Gana, entre outros.

Ironicamente, a emissão histórica dos Cobiana Djazz surge num programa criado no âmbito da estratégia "Por Uma Guiné Melhor", delineada por António de Spínola, governador da Guiné entre 1968 e 1973, que se anunciava de diálogo e abertura aos anseios da população negligenciada pelo colonialismo, forma de tentar conter o apoio crescente desta ao PAIGC, mas que acabaria por ser vista pelos locais como pouco convincente operação de charme do poder colonial.

"Se o domínio imperialista tem como necessidade vital praticar a opressão cultural, a libertação nacional é, necessariamente, um acto de cultura", declarou em Julho de 1972 na sede da UNESCO, em Paris, Amílcar Cabral, o mítico líder do PAIGC, herói das independências da Guiné-Bissau e Cabo Verde, poucos meses antes do seu assassinato, em Conacri, a 20 de Janeiro do ano seguinte. Esta visão foi determinante para a música guineense que surge e se desenvolve no período da luta anticolonialista – pelo que resgatou e por aquilo que inspirou nesse movimento de resgate.

Uma operação de resgate

"No início da luta armada, Cabral sempre afirmou que tinha havido um silenciamento cultural imposto por séculos de dominação colonial. Se o colonialismo tinha imposto a sua dominação através da cultura, a luta pela libertação nacional tinha de ser vista como uma forma de resgatar a cultura guineense", afirma Julião Soares Sousa. Daí a fundação da Rádio Libertação, pelo PAIGC, que emitia desde Conacri para a Guiné-Bissau e Cabo Verde. Uma das prioridades, explica o investigador, era passar músicas tradicionais dos diferentes grupos étnicos do país, "para difundir o ideário nacionalista e o ser guineense", servindo "a mobilização e consciencialização". Destacam-se neste período, conta o investigador, nomes como José Lopes, N'Fore Sambu ou N'Famara Mané.

Na Bissau colonial, essa operação de resgate fazia o seu caminho. Zé Manel, que diz ao PÚBLICO não saber a diferença "entre ser músico e não ser músico" – começou muito cedo, com sete anos já tocava percussão, a tumba, e não mais parou –, começara uma banda nos escuteiros com alguns amigos. Chamavam-se Sete Guinéus. A procura de outro tipo de som, com guitarras eléctricas e baixo, tira a banda do escutismo. Quando pensam em apresentar-se num festival, um novo membro, o guitarrista solo Jorge Medina, sugere uma mudança de nome. "Sete Guinéus é um nome português, não dá. Temos de ter um nome tradicional da Guiné", recorda Zé Manel. Sugere Mama Djombo – "o nome do espírito feminino da floresta, uma mulher idosa, a avó", evocado por muitos guerrilheiros para protecção nos combates contra as tropas portuguesas.

Tocavam em Bissau, Bafatá, Canchungo, em baptizados, casamentos, aniversários, "pequenas festividades". Zé Manel tinha 11 anos. Estávamos em 1968, e a luta armada era para ele uma coisa distante, algo de que os mais velhos falavam ora entredentes, ora nomeando uns misteriosos "terroristas" que ele não via. Tudo isso mudaria rapidamente. O exemplo dos Cobiana Djazz de José Carlos Schwarz e Aliu Bari, o primeiro de uma enorme sensibilidade poética, o segundo guitarrista profundo conhecedor das tradições guineenses, ambos de grande coragem política, funciona como um primeiro despertar – a banda contava também, entre outros, com o letrista e vocalista Ernesto Dabó. A prisão de ambos, juntamente com o baixista Ducko Castro Fernandes, em 1972, quando as autoridades portuguesas descobrem que, integrados no Exército português, desenvolviam acções clandestinas na guerrilha urbana em Bissau, inflama os espíritos e acelera a transformação da música moderna guineense – da experiência do encarceramento na colónia penal da ilha das Galinhas nascerá um dos clássicos de José Carlos Schwarz, *Djiu di Galinha*.

A prisão de José Carlos Schwarz, Aliu Bari e Ducko Castro Fernandes, dos Cobiana Jazz, acelera a transformação da música moderna guineense

Sem estúdios de gravação no território – o primeiro grupo guineense a gravar um disco, em Março de 1973, em Lisboa, é a nova banda de Ducko Castro Fernandes e de Ernesto Dabó, os Djorçon –, a música difundia-se através da rádio e ao vivo, num país dividido em duas realidades, a das zonas libertadas, rurais, controladas pelo PAIGC, e a Guiné sob domínio português, essencialmente urbana. Como nos conta Julião Soares Sousa, na primeira ouvia-se principalmente a música tradicional, na segunda os grupos modernos que electrificavam o gumbé, género musical guineense por excelência. "Podemos considerar o gumbé uma Babel da cultura tradicional guineense", ilustra o historiador. "Mas não podemos esquecer os outros géneros a que está ligado, a música mandinga, com a sua *kora* tradicional, a música dos balantas, dos mancanhos, dos bijagós. E extravasa fronteiras. Não está fechado sobre si mesmo."

A partir daquele momento, em cada bairro, uma banda, como recorda Zé Manel. Nomes como os N'Kassa Cobra, imparável máquina de baile gumbé, ou os Capa Negra, formados por estudantes, e onde encontrávamos Sidónio Pais, autor de *Kilis ku kata muri* e futuro fundador, em Lisboa, depois da independência, de outra banda marcante, os Sábá Miniambá.

Compromisso e dissidência

O momento da libertação eleva a explosão criativa, o desejo de ter na música um prolongamento da criação de um país novo, por fim independente. "Era uma alegria muito grande. Estávamos realmente com aquele espírito 'Deus desceu aqui, agora vamos para a glória. Temos a nossa independência, vamos dirigir o nosso país. Tudo vai mudar'." Os Super Mama Djombo e os Cobiana Djazz viajavam com a comitiva presidencial em visitas de Estado para mostrar e promover a cultura guineense. Gravavam álbuns como *Na Cambança* e *Festival*, no caso dos primeiros, *José Carlos Schwarz e Cobiana Djazz – Vol. 1* e *Vol. 2*, no dos segundos.

No país, multiplicavam-se concertos e organizavam-se festivais; as rádios promoviam e difundiam gravações feitas nos seus estúdios, música revolucionária para um país no fervor da independência – foi assim, gravando as suas canções nas emissoras locais, que Zé Manel saltou do fundo do palco, da bateria, para a ribalta, lançando-se numa carreira a solo. "Naquela altura, como ainda acontece hoje, a rádio era o maior veículo de difusão cultural. Era a única forma de se chegar a um espectro maior de pessoas, foi na rádio que [os grupos] gravaram as suas primeiras peças musicais", afirma Julião Soares Sousa. "Na fase da resistência, a Rádio Libertação teve um papel preponderante que, após a independência, a Rádio Nacional continuou a ter."

Os músicos, porém, não serenaram. Independência conquistada, continuaram a sua missão enquanto vozes de alerta e de crítica social e política. Os Sábá Miniambá gravam dois discos em Lisboa, no final dos anos 1970, *Guiné-Bissau* e *Sábá Miniambá*, que, críticos do regime de então, presidido por Luís Cabral, serão proibidos na Radiodifusão Nacional. José Carlos Schwarz, que se torna político activo enquanto responsável pelo Departamento de Arte e Cultura no Governo guineense, faz ouvir o seu descontentamento com o rumo do país e acaba enviado para longe, representante diplomático em Cuba, país onde viria a morrer de forma trágica e precoce, num acidente de aviação, a 27 de Maio de 1977. Tinha 27 anos e deixou um álbum editado postumamente, *Djiu Di Galinha*, gravado em Nova Iorque com a lendária cantora sul-africana Miriam Makeba.

Zé Manel, por sua vez, grava e edita o primeiro álbum a solo em 1982, *Tustumunhos Di Aonti...*, onde, em canções como *Barbade dentro di barbade*, critica o que considerava um perigoso resvalar para o autoritarismo na Guiné-Bissau. No ano seguinte, chega a Portugal com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar música. Não regressará. "Tinha cantado tantas coisas, criticado o Governo... a minha família achou que não devia voltar. Não era seguro." Partiu para França, mas um ano depois aterrava na Califórnia, onde vive até hoje. Prossegue o percurso a solo (editou *Nha Alma* em 2018) e os seus Super Mama Djombo, que são também os de Adriano Atchutchi, líder musical desde os anos 1970, ou do vocalista Malan Mané, mantêm-se activos, com o estatuto de lendas.

"Acho que [os músicos] continuaram a cumprir no essencial aquilo que Amílcar Cabral defendia em relação à arte, que deve ser feito um compromisso de denúncia e de crítica social com as massas", avalia Julião Soares Sousa. "De facto, é preciso despertar as consciências. Como bons soldados da música, é o maior papel que podem cumprir." Cantava José Carlos Schwarz: "*Si bu sta dianti na luta, ai/ Pasa diante po/ Finkanda purmeru dubi, ai/ Di kasa ki no misti kumpu*" ("Se estás à frente na luta/ Toma a dianteira/ Finca o primeiro tijolo/ Da casa que queremos construir").

Próxima quarta-feira: Moçambique

Guia
ímpar

publico.pt/impar

Calvin Klein de Brooke Shields vão ser leiloadas
A actriz Brooke Shields está a leiloar as calças de ganga que usou no polémico anúncio da Calvin Klein em 1980, quando tinha 15 anos, mas também um guião do filme *Lagoa Azul* e um blusão da claque do ensino secundário. As licitações começam no próximo dia 20, mas o leilão é em Outubro.

Uniformes olímpicos reflectem desigualdade entre homens e mulheres

“O corpo da mulher sempre foi mais politizado”, diz Maria João Martins, especialista em moda. “Não vejo problema na sexualização, que é inata a ambos os géneros”, defende Paulo Morais Alexandre, historiador

Inês Duarte de Freitas

As equipas femininas de voleibol de praia do Brasil e de França surpreenderam nestes Jogos Olímpicos por competirem a usar calções em lugar dos tradicionais biquínis. Meses antes de Paris 2024, quando foram apresentados os uniformes da equipa de atletismo norte-americana, as redes sociais encheram-se de críticas à desigualdades entre o *maillot* feminino com a virilha cavada e a camisola de alças e calções masculino. A disparidade entre uniformes femininos e masculinos é reflexo da sociedade, assim como é o vestuário do quotidiano, declaram os especialistas em história da moda ao PÚBLICO.

“O desporto precisa ter uma imagem atractiva”, determinou o Comité Olímpico Internacional e a norma é seguida há quase um século. A diferença entre os uniformes femininos e masculinos recua até à década de 1920, quase 20 anos depois de as mulheres terem começado a participar no Jogos Olímpicos em 1900 — as primeiras 22 mulheres competiram precisamente em Paris em ténis, vela, críquete, equitação e golfe.

“A ligação entre o desporto e a moda aparece com os loucos anos 1920, desde logo com os desportos náuticos ou o ténis”, contextualiza Maria João Martins, jornalista e professora de História Social da Moda na Universidade Carlos III, em Madrid. O ténis foi uma das primeiras modalidades consideradas “adequadas” às mulheres, que vestiam saias curtas, à imagem das que se usavam na noite parisiense, e “esvoaçantes”, como as que ainda hoje são usadas. Aliás, em 2018, Serena Williams chocou ao usar um macacão preto em Roland Garros. Vinte anos antes, a campeã francesa Amélie Mauresmo tinha sido também criticada por usar calções.

Todavia, ainda no início do século XX, noutras modalidades os homens eram mais “sexualizados” do que as mulheres, como é o caso da equitação, explica a jornalista. Até aos anos 1940, as mulheres montavam “à amazona” com as pernas de lado e usavam saias compridas, por não ser considerado apropriado vestirem calças tão justas como as utilizadas pelos homens. “Era um desporto relacionado com as elites e havia o cuidado de não sexualizar a prática”, analisa Maria João Martins.

STEFAN MATZKE - SAMPICS/REUTERS

No vólei de praia, as francesas decidiram usar calções em lugar do biquíni, como as alemãs

O historiador de moda Paulo Morais Alexandre recua mais atrás para explicar a diferença entre o vestuário masculino e feminino. “Até antes do desporto, as sociedades sempre foram patriarcais: homem mostrava o poder e a mulher a parte sensualizada. Esta é uma verdade absoluta na história da moda”, declara, evocando como exemplo o Antigo Egipto. “Quem começa por valorizar a moda são os homens, como se fossem pavões. Depois, com a Revolução Industrial e a renúncia à cor, as mulheres tornam-se mais vistosas”, recorda o professor da Escola Superior de Teatro e Cinema.

E o desporto segue as mesmas tendências da sociedade, sublinha. “O traje feminino do desporto no século XIX era masculinizado, porque era mais prático, só mais tarde se aproxima do que usam na sociedade.” Assim, com o crescimento das modalidades de forma profissionalizada, o traje desportivo começa a ser “aligeirado” no século XX: “Se as saias estavam a subir na sociedade, faz sentido que subissem no desporto.”

Interesse comercial

Mas quando, nas décadas seguintes, de 1940 e 1950, as saias s voltam a descer até ao joelho, mantêm-se curtas no ténis. E Paulo Morais Alexandre acredita que noutras modalidades também é a actualidade que determina o que se veste, mantendo, claro, a funcionalidade necessária para a prática do desporto. “Por exemplo, no voleibol de praia é recriada a indumentária com que homens e mulheres vão para a praia. Se elas vão de biquíni, jogam de biquíni”, exemplifica, opinando que considera o questionamento sobre a desigualdade no vestuário desportivo “exagerado”. E diz: “Não sou de todo sexista. Homens e mulheres são diferentes, mas em simultâneo são iguais. Não vejo problema na sexualização, que é inata a ambos os géneros.”

Maria João Martins discorda e argumenta que as desigualdades nos equipamentos “reflectem a mentalidade da sociedade na forma como homens e mulheres são vistos”, como se elas “tivessem obrigação de serem também objectos sexuais”.

A ginástica é uma das modalidades em que o vestuário difere. Elas usam pequenos *maillots* repletos de cristais e pérolas; eles fatos de corpo inteiro

A ginástica é outra das modalidades em que o vestuário feminino e masculino difere. Elas usam pequenos *maillots* repletos de cristais e pérolas; eles fatos de corpo inteiro, ainda que também sejam justos. “Já não são apenas equipamentos desportivos, mas objectos de moda”, define Maria João Martins. Em 2021, as ginastas alemãs surpreenderam em Tóquio por competirem de *unitard*, uma peça única tipo macacão, numa verdadeira tomada de posição contra a sexualização no desporto por parte da Federação Alemã de Ginástica.

Isto, porque, apesar de existirem directrizes olímpicas, os uniformes das provas nos Jogos ficam sempre a cargo da federação de cada modalidade, reflectindo também a cultura de cada país. Nos países mais conservadores ou de tradição muçulmana, os *unitards* são a norma.

Assim, no mundo ocidental, para haver uma maior padronização entre o vestuário feminino e masculino, é preciso que isso seja encarado como uma missão, ainda que os especialistas não acreditem que tal vá mudar tão cedo, até por motivos comerciais. “Não é uma questão de atrair o olhar masculino, mas é para o Instagram ou pelas campanhas publicitárias que arranjam, se forem mais bonitos”, argumenta Maria João Martins.

Este endeusamento do atleta aplica-se tanto a homens como a mulheres, diz Paulo Morais Alexandre, que compara o desporto actual a um espectáculo, lembrando que, em Paris, a ginasta brasileira Rebeca Andrade competiu maquilhada e a norte-americana Simone Biles usa sempre pestanas postiças. “O melhor exemplo é o futebol, onde as camisolas que se vendem são uma das maiores rentabilidades ou os contratos de publicidade que os jogadores conquistam”, defende o professor, num tom que não é de crítica, mas numa constatação da sociedade actual, em que o interesse comercial se parece sobrepor a tudo, incluindo à igualdade de género.

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em **cinecartaz.publico.pt**

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
A Máscara 18h; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 15h, 21h; **Histórias de Bondade** M16. 18h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10; **Geração Low-cost** M14. 16h, 19h30; **Dias Perfeitos** M12. 21h30
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 14h50, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h10, 13h50, 15h50, 16h20, 18h30, 18h50 (VP), 11h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h40, 15h30, 18h10, 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 12h30, 15h20, 18h20, 21h20 (2D), 21h40 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 21h; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 10h40, 12h50, 15h40 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 18h40, 21h30; **Armadilha** M12. 13h30, 16h, 19h, 22h

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
Garfield: O Filme M6. 11h20 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 14h15, 16h45, 19h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 11h10, 13h, 15h30, 18h20, 20h45, 23h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h45, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 12h, 15h, 18h, 21h, 24h; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h, 00h25; **Oh Lá Lá!** M12. 13h50, 16h15, 18h50, 21h15, 23h45; **Armadilha** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30, 00h15

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h10, 13h40, 16h10, 18h40 (VP), 21h05, 23h40 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 11h, 13h15, 13h30, 15h40, 16h20, 19h (VP), 21h20, 24h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h, 16h, 18h50, 21h40, 00h30; **Tornados** M12. 12h40, 15h20, 18h, 20h50, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h35 (2D), 18h10, 21h10, 00h10 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 19h20, 22h, 00h25; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h20, 14h20, 16h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 14h, 16h40, 19h10, 21h50, 00h15; **Armadilha** M12. 13h05, 15h50, 18h20, 21h, 00h05
Cineplace Nova Arcada - Braga
Av. De Lamas. T. 253112913
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Xplace Atmos - 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Xplace Atmos - 13h40, 14h, 16h20, 16h40, 19h, 19h20, 21h40, 22h; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 13h20; **Oh Lá Lá!** M12. 15h30, 17h30; **Armadilha** M12. Xplace Atmos - 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h; **Borderlands** 21h40; **Pacto de Redenção** M12. 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 12h20, 13h20, 14h20, 15h20, 16h30, 17h30, 19h40 (VP), 21h50 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h40, 16h20, 18h40, 19h, 21h20, 21h40

Coimbra

Auditório Salgado Zenha
Universidade de Coimbra. T. 239410408
Underground - Era Uma Vez um País... M14. 14h45; **Geração Low-cost** M14. 18h
Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Histórias de Bondade M16. 16h40
Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
A Última Sessão de Freud M12. 20h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30, 17h50 (VP), 15h, 18h (VO); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 20h40; **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h30, 18h10 (VP/2D), 14h20, 16h50 (VP/3D), 20h50 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h30, 16h20, 19h, 21h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h30, 21h30 (2D), 19h10, 22h (3D); **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10, 17h; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h10, 18h40, 21h10; **Armadilha** M12. 13h20, 15h50, 18h30, 21h20; **Mais Que Nunca** M14. 13h10, 16h, 18h50, 21h50; **A Sereia da Noite** M14. 19h20, 22h10
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra, T. 16996
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 19h30, 22h15; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 14h45, 17h15 (VP), 14h, 16h45, 19h15, 22h (VO); **Tornados** M12. 15h, 18h15, 21h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 18h, 21h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h45, 22h30; **Pacto de Redenção** M12. 14h15, 17h

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
A Última Sessão de Freud M12. 12h10, 15h10; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 18h30, 22h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h10, 12h30, 15h, 17h40 (VP), 20h30, 23h (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h50, 00h20; **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 12h40, 13h30, 15h30, 16h10, 18h40, 19h10 (VP), 21h30, 24h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h20, 15h20, 18h20, 21h40, 00h35; **Tornados** M12. 13h40, 17h; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 12h25, 15h40, 19h, 22h10 (2D), 14h30, 18h, 21h10, 00h30 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 14h50, 17h30, 20h20, 23h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 10h50, 13h20, 16h (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h10, 15h35, 18h15, 20h50, 23h40; **Armadilha** M12. Sala Atmos - 12h50, 15h50, 18h50, 21h20, 00h10; **Pacto de Redenção** M12. 18h10, 21h15, 00h15; **A Sereia da Noite** M14. 21h, 23h50

Mais Que Nunca

Estreias

Geração Low-cost
De Emmanuel Marre, Julie Lecoustre. BEL/FRA. 2021. 115m. Drama, Comédia. M14.
Uma comissária de bordo de uma companhia aérea "low cost" vai vivendo sem grande entusiasmo, evitando criar ligações profundas com aqueles que a rodeiam. Está, na realidade, a lidar com a morte da mãe num trágico acidente de viação.

Crossing - A Travessia
De Levan Akin. Com Mzia Arabuli, Lucas Kankava. SUE/DIN/FRA/Turquia/Geórgia. 2024. 106m. Drama. M14.
Lia, uma professora reformada, viaja da Geórgia até Istambul, na Turquia, em busca da sobrinha. Lá, mergulha no submundo da cidade e trava conhecimento com uma advogada que luta pelos direitos de pessoas trans.

Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você
De Roberto de Oliveira. BRA. 2022. 100m. Documentário, Musical. M12.
No início de 1974, Elis Regina e António Carlos Jobim, ou Tom Jobim, juntaram-se nos MGM Studios em Los Angeles, na Califórnia, para gravar "Elis & Tom", um marco da MPB com dois dos seus grandes nomes.

A Sereia da Noite
De Tereza Nvotová. Com Natalia Germani. Eslováquia/República Checa. 2022. 106m. Terror. M14.
Agora adulta, Šarlota volta à aldeia de montanha onde nasceu e onde deixou segredos terríveis. Vai viver para uma cabana onde, dizem os habitantes locais, já morou uma bruxa.

Armadilha
De M. Night Shyamalan. GB/EUA/Iémen. 2024. 105m. Terror, Thriller. M12.
Um pai leva a filha a um megaconcerto de uma estrela pop. Só que, na realidade, ele é um assassino em série e todo o concerto é uma operação policial para o tentar apanhar.

Mais Que Nunca
De Emily Atef. ALE/LUX/NOR/FRA. 2022. 123m. Drama. M14.
Um diagnóstico de uma doença rara de pulmões muda a vida de uma mulher de 33 anos que decide sair de Bordéus, deixar o marido para trás e ir para a Noruega procurar um "blogger".

Oh Lá Lá!
De Julien Hervé. Com Christian Clavier. FRA/BEL. 2024. 92m. Comédia. M12.
Uma família aristocrata e uma família mais modesta vão juntar-se através do casamento dos filhos. Decidem fazer testes de ADN e descobrem coisas inesperadas sobre o passado.

Pacto de Redenção
De Michael Keaton. EUA. 2023. 114m. Thriller. M12.
Protagonizado e realizado por Michael Keaton na segunda vez que está atrás das câmaras de um filme, um "thriller" de crime cheio de reviravoltas e drama.

A Abelha Maia e o Ovo Dourado
De Noel Cleary. ALE/Austrália. 2021. 88m. Animação. M6.
A Abelha Maia, o célebre insecto criado para a literatura por Waldemar Bonsels em 1912, que foi alvo de várias adaptações, incluindo um "anime" dos anos 1970, está de volta.

As estrelas

P	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Um Domingo Interminável	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Memória	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
A Minha Avó Trelotótó	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Guarda

Cineplace La Vie - Guarda
C.C. La Vie T. 271212140
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h50, 14h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP), 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 15h20, 17h20 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 13h10; **Oh Lá Lá!** M12. 19h20; **Armadilha** M12. 16h50, 19h10, 21h30; **Borderlands** 21h20

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares. T. 253539390
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h35, 16h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP), 13h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20; **Borderlands** 19h20, 21h30
Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar das Lameiras. T. 253520170
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h55, 17h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP), 17h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h25; **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30; **Armadilha** M12. 21h35; **Borderlands** 19h20, 21h30

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Mira Maia Shopping, Estrada Real nº 95 - Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h40, 16h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30; **Armadilha** M12. 21h35
Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashoping, Lj 2.43. T. 16996
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 21h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 16h10 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 16h, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h45, 13h, 15h20, 18h30 (VP), 11h, 18h50, 21h20 (VO/2D); **Divertida-Mente 2** M6. 13h10, 15h40, 18h10 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h40, 17h30; **Tornados** M12. 21h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h50, 15h40, 18h40, 21h40 (VP), 21h10 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h, 15h50, 18h40, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 15h30, 18h20, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 16h, 18h20, 20h50

Ovar

Castello Lopes - Vida Ovar
C.C. Dolce Vita. T. 960254838
Divertida-Mente 2 M6. 12h45, 14h55 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h05; **Deadpool & Wolverine** M12. 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 19h35

Paços de Ferreira

Cinemas Nos Ferrara Plaza
Ferrara Plaza, Rua da Carvalhosa. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h50, 16h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h10, 19h (VP/2D), 14h10, 16h50 (VP/3D), 19h10, 21h50 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 15h50, 18h40, 21h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h; **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 15h30, 18h, 21h10; **Pacto de Redenção** M12. 21h20

Penafiel

Cinemax - Penafiel
Ed. Parque do Sameiro. T. 255214900
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h, 17h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h, 17h50, 21h40, 23h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 00h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h10, 24h; **Armadilha** M12. 21h30

P2 Verão

Lazer

CINEMA

Ainda não Acabámos
MONTEMOR-O-VELHO Teatro Esther de Carvalho. Dia 7/8, às 22h30. M/12. Bilhete-donativo à consideração do espectador
Como se fosse uma carta de Jorge Silva Melo é o subtítulo deste documentário produzido pelos Artistas Unidos e realizado pelo seu fundador e director artístico (além de encenador e dramaturgo) em 2016. Com alcance de meio século e repleto de depoimentos de personalidades que com ele se cruzaram, é uma missiva dirigida aos que, contra todas as adversidades, se tornaram actores. "É um auto-retrato (autofilme? autogolo) comigo de costas: para que quem veja, veja o que eu vejo", escreveu Silva Melo. "Aquilo que vejo (vi, verei) será aquilo que sou?", indagava. "Mas é uma carta, é a ti que quero contar, a ti, rapaz, que quiseste ser actor." O 46.º Citemor exibe-o dias depois de ter acolhido os Artistas Unidos na estreia de *Búfalos*, num momento particularmente delicado para a companhia, que está sem casa desde que foi despejada do Teatro da Politécnica em meados de Julho. O filme vai também ser projectado nos Encontros de Cinema do Fundão, n'A Moagem, esta sexta-feira, pelas 21h30.

FESTIVAL

Cartografias
VILA VERDE Vários locais. De 7/8 a 10/8, às 21h. M/3 (excepto Província, M/14). Grátis
Ao ritmo de um espectáculo por dia, por vários locais do concelho de Vila Verde, entra em cena um novo festival de teatro e circo contemporâneo. É obra da companhia Momento – Artistas Independentes e tem direcção artística de Diogo Freitas. É ele quem encena *Comum*, a peça de abertura. Escrita por Filipe Gouveia e criada em conjunto com a comunidade local, é apresentada na Praia Fluvial do Faial, em estreia absoluta. Amanhã, é a vez do novo *Enredo* do acrobata David David, na Praça de Lomar. Na sexta, a Erva Daninha chega à Praça de Santo António com *E-nxada*. Sábado é dia da *Província* da companhia anfitriã, "uma homenagem ao Minho e às suas mulheres", no Pico de Regalados.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Euromilhões 1 18 27 41 50 2 12

1.º Prémio 38.000.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.515

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. O norte-americano que compete pela Suécia e acabou a final olímpica da vara a saltar sozinho, elevando o recorde mundial a 6,25m. Comas ou vírgulas dobradas. **2.** Tocar ou examinar com a mão. Argola. **3.** Galeria de Arte Urbana. Acento tónico. Rádon (s. q.). **4.** Só 850 pediram compensação por rendas antigas. **5.** Prefixo (afastamento). Árvore cuja casca serve para aromatizar o vinho. Atilho. **6.** Alguma. Arrufo. **7.** PAN recomenda ao Governo medidas para limitar poluição causada por estes. **8.** Ligado (inglês). Interjeição que designa cansaço. Cilindro. **9.** Molibdénio (s. q.). "Quem pode, (...); quem não pode, escuta". União Europeia. **10.** Autocarro. Vai passar a cobrar taxa turística a partir de Setembro. **11.** Perturbação que origina movimentos involuntários dos dedos. Época.

VERTICAIS: 1. Encanto (fig.). Vale que se alonga entre as montanhas que o rodeiam. **2.** Oferta Pública de Aquisição. Esgotamento físico e mental. **3.** Embarcações grandes. Continente perdido. No caso de. **4.** Símbolo de decilitro. Cerúleo. **5.** Alvitra. Derramado. **6.** Pedaço de madeira para o lume. Embarcações de recreio. **7.** Vadiar. Ligue. **8.** Sufixo (agente). Redução de maior. **9.** Símbolo de Pascal. Iludido. Biblioteca Escolar. **10.** Regato não permanente. Luz da Lua. **11.** Que faz as coisas pela calada. Garganta.

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1. Bolsas. Algo. **2.** Ave. Ei. Menu. **3.** Nadar. Palor. **4.** Dr. Soma. Oso. **5.** Hasina. **6.** Mi. Moela. **7.** Canzil. Mica. **8.** Aro. Toca. Hl. **9.** Se. Oh. Artem. **10.** Cair. Traina. **11.** Arroz. Azoar.
VERTICAIS: 1. Banda. Casca. **2.** Ovar. Marear. **3.** Led. Hino. Ir. **4.** Asa. Oro. **5.** Aerosmith. **6.** Si. Miolo. **7.** Pane. Cara. **8.** Ama. Almaraz. **9.** Lelo. Ai. Tio. **10**. Gnose. Chena. **11.** Ouro. Palmar.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Todos

Oeste	Norte	Este	Sul
			2♣1
passo	2♦ 2	passo	2♠
passo	3♠	passo	4♣3
passo	4♥3	passo	4ST
passo	5♦	passo	5♥4
passo	6♠	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge. 1 – Forte indeterminado; 2 – Relais; 3 – Controlos; 4 – Pergunta pela Dama de trunfo

Carteio: Saída: K♥. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Temos 11 vazas à cabeça e podemos arranjar uma vaza suplementar nas copas ou nos ouros. Se tentarmos os ouros, podemos tirar partido de duas hipóteses possíveis ao começar por jogar um ouro para a Dama e depois um pequeno ouro de Norte para o 10, o Rei em Oeste ou o Valete em Este e temos 75% de possibilidades de vir a realizar uma segunda vaza a ouros. Contudo, é importante notar que temos uma sequência em copas: J10 e 9, que nos pode garantir uma vaza adicional. Prenda a vaza inicial com o Ás de copas e temos uma grande decisão entre mãos: destrunfar ou não? Se estamos a planear vir a fazer uma vaza extra no naipe de copas, então temos de ter uma preocupação especial relativamente a gerir as entradas para o morto. Portanto, vamos adiar por um pouco a questão dos trunfos e vamos apresentar o Valete de copas. Quando, como é de esperar, Este assistir com uma copa pequena, baldamos o 4 de ouros! Oeste faz a sua Dama de copas, e pode tentar uma terceira volta de copas. E, se ele o fizer, teremos de resistir à tentação de jogar o 9 do morto! Jogue pequena e corte na sua mão, depois tire o Ás e o Rei de espadas e ainda uma terceira volta de trunfo a acabar no morto, com a Dama que ficou guardada para esta ocasião única: realizar o 9 de copas para baldar o 10 de ouros! Cheleme cumprido.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1ST	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠QJ964 ♥K98532 ♦5 ♣9

Resposta: Face à abertura de 1ST, a resposta de 4♦ permite anunciar os dois ricos pelo menos quintos e um jogo limitado à partida, não mais. E é precisamente isso que temos: 10 pontos de honra e distribuição e um 6-5 nos naipes ricos.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta. Em Setembro e Outubro há novos horários e em diferentes níveis, desde o zero até aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.794 (Fácil)

Solução 12.792

6	9	8	2	7	3	4	5	1
5	7	1	9	4	8	3	2	6
3	4	2	1	6	5	8	9	7
7	1	6	5	2	4	9	3	8
9	8	4	3	1	7	5	6	2
2	5	3	6	8	9	7	1	4
1	3	7	8	9	2	6	4	5
4	2	5	7	3	6	1	8	9
8	6	9	4	5	1	2	7	3

Problema 12.795 (Média)

Solução 12.793

4	8	7	2	1	5	9	3	6
3	1	6	9	8	7	5	2	4
2	5	9	6	4	3	1	8	7
6	2	1	5	3	4	7	9	8
9	3	4	8	7	6	2	1	5
5	7	8	1	9	2	6	4	3
7	4	2	3	6	1	8	5	9
1	9	3	7	5	8	4	6	2
8	6	5	4	2	9	3	7	1

CINEMA

A Marca do Terror
Nos Studios, 21h15
Em 1957, Budd Boetticher adaptou, com guião do seu fiel argumentista Burt Kennedy, um conto de Elmore Leonard, o escritor de *westerns* e policiais cujo prolífico trabalho viria a voltar ao grande e pequeno ecrã com frequência ao longo das décadas seguintes, de *O Comboio das 3 e 10* a *Jackie Brown*, passando por *Jogos quase Perigosos* ou a série *Justified*. Este *western* em *technicolor* foi a primeira adaptação cinematográfica de uma obra de Leonard. Com Randolph Scott como protagonista, centra-se num ex-capataz de um rancho e de uma herdeira que são raptados e alvo de resgate. O resto do elenco inclui Richard Boone, Maureen O'Sullivan e nomes como Henry Silva.

Desafio Total
Star Movies, 23h01
Douglas Quaid (Arnold Schwarzenegger), um trabalhador da construção civil na Terra do ano 2084, tem um sonho recorrente de uma viagem a Marte, onde nunca pôs os pés. Para desvendar a origem do misterioso sonho, compra uma viagem virtual ao planeta vermelho a uma empresa que vende implantes de memória. Mas as coisas correm mal e Quaid vê-se catapultado para uma história de agentes secretos e de luta contra o malévolo ditador de Marte. Sonho ou realidade? Um filme cheio de acção de Paul Verhoeven (*Instinto Fatal*, *Robocop*) estreado em 1990, cujos espectaculares efeitos visuais lhe valeram, além do facto de ter sido à altura um dos filmes mais caros de sempre, um Óscar especial da Academia. Venceu ainda o Saturn Award de melhor filme de ficção científica. É baseado num conto de Philip K. Dick publicado em 1966, *We Can Remember It For You Wholesale*. O elenco conta ainda com Rachel Ticotin, Sharon Stone, Ronny Cox e Michael Ironside.

SÉRIES

Serviço de Urgência
RTP Memória, 22h37
A RTP Memória anda a passar uma das séries mais marcantes dos anos 1990 – e não é só por ter dado ao mundo o estrelato de George Clooney. Criada (começou como um guião de um filme escrito no início dos anos 1970) pelo prolífico Michael Crichton, que se formou em Medicina e trabalhou em hospitais, mas é mais conhecido pela escrita de livros e filmes, de *Parque Jurássico* a *Westworld*, durou entre 1994 e 2009. Este é o 19.º episódio da segunda temporada, que foi para o ar originalmente em 1996. Entre as várias histórias contadas do dia-a-dia do Cook County General Hospital, em Chicago, há mudanças de comportamento, filmagens, querelas entre médicos, batalhas de custódia e processos por fraude. Com Anthony Edwards, Sherry Stringfield, Noah Wyle, Julianna Margulies, Gloria Reuben e Eriq La Salle.

Abbott Elementary
Disney+, streaming
Estreia da terceira temporada. Uns meses após ter passado nos Estados Unidos, chega até nós a mais recente leva de episódios da criação cómica de Quinta Brunson, também protagonista, sobre o dia-a-dia de uma escola subfinanciada em Filadélfia. Filmada como um falso documentário, a série, altamente premiada (tem quatro Emmy e três Globos de Ouros), traz uma perspectiva fresca a um formato antigo, o da *sitcom*. Graças à greve de argumentistas do ano passado, é uma temporada encurtada, com apenas 14 episódios. Tem actores convidados como Bradley Cooper, Keegan-Michael Key, Sabrina Wu, Tatyana Ali, Questlove, Taraji P. Henson ou Michaela Watkins.

DOCUMENTÁRIO

A História Interminável do Amianto
RTP3, 20h
Neste documentário original do canal francês Arte datado de 2022, os realizadores Thomas Dandois e Alexandre Spalaikovitch exploram a história do amianto, um material natural que não arde, é repelente de humidade, pode ser usado tanto em construção quanto em têxtil. Além disto, a exposição a ele traz graves consequências para os seres humanos. Mata mais de 250 mil pessoas por ano. Desde os anos 1970 que os perigos são conhecidos. Deixou de ser tão usado em construção depois de 1980 e foi banido na União Europeia em 2005, mas ainda há muito amianto no mundo, já que empresas europeias continuam a usá-lo no Sul global.

Heróis Lendários
RTP2, 23h21
Lendas, sejam orais ou venham de livros como a Bíblia, como as da Arca de Noé, o Rei Artur ou a saga dos Nibelungos, são o foco desta série documental alemã de 2021 que a RTP já passou no ano passado e volta agora a pôr no ar.

Televisão

Os mais vistos da TV
Segunda-feira, 5

		% Aud.	Share
Cacau	TVI	9,9	21,0
Jornal da Noite	SIC	9,0	19,4
Dilema	TVI	8,8	18,1
A Promessa	SIC	8,2	17,4
Senhora do Mar	SIC	7,0	19,3

FONTE: CAEM

Canal	%
RTP1	7,8%
RTP2	5,2
SIC	14,4
TVI	14,9
Cabo	37,5

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.23** Escrava Mãe

1528 A Nossa Tarde
17.30 Portugal em Directo

19.10 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Salto de Fé
21.41 Joker

22.42 Taskmaster

0.37 Janela Indiscreta **1.26** Anatomia de Grey **2.51** Escrava Mãe

RTP2

6.32 Repórter África **7.00** A Fé dos Homens **7.32** Espaço Zig Zag **8.25** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Canoagem) **9.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **11.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Skate) **12.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Canoagem) **15.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Natação Artística) **16.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Vólei de Praia) **16.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Skate) **18.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **21.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Vela) **21.15** Jogos Olímpicos de Verão - Paris **21.30** Jornal 2 **22.01** O Veterinário de Província **22.46** Folha de Sala **22.53** O Planeta Vivo

23.21
Heróis Lendários

0.16 Sangue em Viena **1.02** Folha de Sala **1.08** E2 - ESCS **1.33** Excursões Air Lino **2.17** Prova Oral **3.36** Folha de Sala **3.42** Luís de Matos - Impossível **4.40** Raízes e Frutos

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.35** Querida Filha **16.00** Linha Aberta **17.00** Júlia **18.50** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.00 Nazaré

0.40 Papel Principal - A Vingança
0.55 Travessia

1.40 Passadeira Vermelha
3.05 Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois à 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.30** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.15 Dilema

21.55 Cacau

22.40 Festa É Festa

23.55 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião

2.55 Deixa Que Te Leve **3.25** O Princípio da Incerteza

TVCINE TOP

17.50 Som da Liberdade **20.00** 65 **21.30** Operação Kandahar **23.25** No Rasto do Assassino **1.20** Vendetta **2.55** Desconectados

STAR MOVIES

18.00 A Justiça de Steele **19.34** Desaparecido em Combate III **21.15** Ninja Americano 4 **23.01** Desafio Total (1990) **1.01** Desaparecido em Combate **2.38** Espécie Mortal

HOLLYWOOD

17.55 Homem Demolidor **19.55** Comando **21.30** Hidalgo - O Grande Desafio **23.45** Máquina Zero 3: O Cerco **1.20** Magnolia

AXN

16.02 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.42** The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Viola Come il Mare **23.02** Instinto Predador

STAR CHANNEL

17.13 Investigação Criminal: Los Angeles **18.53** Magnum P.I. **20.30** Hawai Força Especial **22.15** FBI: International **23.02** Chicago P.D. **0.43** Magnum P.I.

DISNEY CHANNEL

17.15 Gravity Falls **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Vamos Lá, Hailey! **20.50** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

16.28 Tubarões em Los Angeles **17.22** The Aquarium **19.11** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Perdido entre Predadores **21.57** Semana dos Tubarões: O Máximo **22.54** Tubarão-Martelo Monstruoso: Instinto Assassino **23.51** A Encruzilhada do Tubarão Branco

HISTÓRIA

16.54 Tesouros Malditos **20.09** O Inexplicável

ODISSEIA

15.13 Mascotes com as Patas Partidas **16.09** Noruega entre Fiordes e Colinas **17.02** Mhondoro **17.48** O Poder do Cavalo Americano **18.43** Animais Bebés: Um Mundo Maravilhoso **19.28** Caçadores de Lagostas **21.00** Lendas das Profundezas Marinhas

P2 Verão

Meteorologia

PORTUGAL

Açores

Corvo
Flores 22º 26º
26º 1,0m
Graciosa
São Jorge 19º 26º
Terceira
26º 1,2m
Faial
Pico
São Miguel 21º 27º
25º 1,0m
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 21º 28º
Madeira 22º 28º
Funchal
25º 0,5m
24º 1,2m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 05h30	3,1	Preia-mar 05h05	3,1	Preia-mar 05h07	3,0
Baixa-mar 11h26	0,8	Baixa-mar 10h58	0,9	Baixa-mar 10h53	0,8
Preia-mar 17h42	3,3	Preia-mar 17h17	3,3	Preia-mar 17h25	3,2
Baixa-mar 23h55	0,7	Baixa-mar 23h26	0,9	Baixa-mar 23h20	0,8

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Quinta-feira, 8		Sexta-feira, 9		Sábado, 10	
Mín./Máx.	16º	27º	17º	30º	17º	30º
Índice UV		M. alto		M. alto		M. alto
Vento		Fraco		Fraco		Fraco
Humidade		84%		75%		78%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 28 Jul.	424,93
Há um ano	420,83
Há dez anos	397,65
Semana de 21 Jul.	424,80
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

Nascente 06h44
Poente 20h40

LUA

12 Ago. 16h19
19 Ago. 19h26
26 Ago. 10h28
3 Set. 02h55

Nascente 09h28
Poente 22h19

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Madrid, Lisboa, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.
Amesterdão	17	23
Atenas	24	34
Berlim	17	30
Bruxelas	15	24
Bucareste	18	32
Budapeste	17	30
Copenhaga	15	25
Dublin	13	20
Estocolmo	16	26
Frankfurt	16	28
Genebra	16	30
Istambul	21	29
Kiev	17	26
Londres	14	23
Madrid	23	38
Milão	23	32
Moscovo	16	24
Oslo	16	24
Paris	16	26
Praga	18	30

	Mín.	Máx.
Roma	22	35
Viena	20	31
Bissau	25	29
Buenos Aires	6	16
Cairo	26	38
Caracas	19	30
Cid. do Cabo	11	17
Cid. do México	15	24
Díli	22	32
Hong Kong	27	35
Jerusalém	21	32
Los Angeles	20	35
Luanda	20	25
Nova Deli	26	29
Nova Iorque	18	21
Pequim	24	34
Praia	25	30
Rio de Janeiro	20	32
Riga	13	22
Singapura	26	31

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Questionário Pós-Proustiano

DR

A escritora conta que quando os filhos nasceram passou longos períodos sem dormir

Marta Hugon

"Já bloqueei algumas pessoas por comentários racistas, sexistas ou xenófobos"

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma, e porquê?
Uso mais o Instagram. Já desisti do Twitter e estou no LinkedIn, mas nunca me lembro. Sou péssima na autopromoção nas redes, parece-se sempre tempo roubado à vida real e à escrita. Adorava ter quem gerisse a coisa por mim, mas não funciona dessa maneira.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Não me lembro de nenhum arrependimento, mas há muitas alturas em que fico a pensar na redundância do que partilho e no pouco impacto que tem na vida das pessoas. Estou nas redes sociais com uma enorme sensação de impotência.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Não faço ideia. No entanto, já bloqueei algumas pessoas por comentários racistas, sexistas ou xenófobos.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
"Bem! Estás com imenso trabalho! Tenho visto imensa coisa tua nas redes sociais!"
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Na Veneza de Jan Morris.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Na ilha de Santiago, porque lá se mantêm, até hoje, algumas das memórias mais estruturais da minha adolescência, e porque é o lugar onde volto sempre a ser feliz.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
"*Do your thing*."
Em que situações se considera uma "chata"?
Todos os dias, quando tento educar os meus filhos.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Gosto de comer e beber, e fumo um cigarro de dois em dois meses. Leio muito, mas não acho que seja propriamente um vício.
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Maria João Pires, Hélia Correia, António Damásio. Tem de ser só três?
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
No passado tive alguns. Aconteciam sempre em situações em que sentia não ter qualquer controlo sobre as circunstâncias. Hoje em dia reconheço os primeiros sinais e geralmente não passa de uma ansiedade moderada. A ansiedade pode, por vezes, ser a melhor amiga do escritor.
E já se sentiu profundamente exausta? Foi *burnout*?
Quando os meus filhos eram muito pequenos, passei longos períodos sem dormir, com a consequente perda de memória e exaustão. Não foi *burnout* nem depressão, mas procurei ajuda para lidar comigo própria nesses momentos mais difíceis.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Um dia de cada vez.
É vegetariana, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não. Como de tudo e odeio fazer dieta. É pena, mas ultimamente cedo mais ao prazer do que à contrição.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Revi recentemente o *One from the Heart* do Francis Ford Copolla, que é uma obra-prima mal amada, com uma banda sonora maravilhosa e que por acaso vai voltar agora às salas de cinema numa versão mais curta com tratamento digital. O último de que gostei foi *Jeanne du Barry*, da realizadora Maiwenn.
Qual o seu maior arrependimento?
Não me ter despedido condignamente daqueles que já partiram.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
Surpreendo-me todos os dias com as coisas que nos tornam diferentes enquanto seres humanos, mas também com as que nos aproximam. Surpreendo-me com a capacidade que a natureza tem de nos devolver à nossa insignificância.

BARTOON LUÍS AFONSO

Norman Muller e a escolha de Kamala

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Num conto de 1955, Isaac Asimov ficcionava um futuro no qual um só eleitor decidia o resultado das eleições. À primeira vista, não se tratava de uma distopia autoritária. Pelo contrário, o que estava em causa era um sistema eficiente, que dispensava os custos de organizar o ato eleitoral. Numa curtíssima reflexão sobre a tensão entre a tecnologia emergente, as liberdades individuais e a nostalgia sobre o tempo em que o sufrágio universal existia, Asimov colocava o supercomputador Multivac a identificar um cidadão que representava o sentimento maioritário da população num determinado momento. Em *Franchise*, assim se chama o conto de Asimov, Norman Muller, residente numa pequena cidade do Indiana, é escolhido para representar o eleitorado norte-americano no dia 4 de novembro de 2008. Muller vive o momento dividido entre a ansiedade de escolher por todos e um certo orgulho patriótico por ter sido o escolhido.

O conto encerra, claro está, com uma visão pessimista do futuro da democracia, marcada por resultados predeterminados, baseados na forma como a resposta de Muller a um conjunto de questões, à imagem dos modernos estudos de opinião, permite determinar com certeza as eleições, mas sugere também que em democracia a posição do eleitor mediano é determinante e tende a ser vitoriosa. Norman Muller é um funcionário administrativo de um armazém de vendas, em Bloomington, nem particularmente politizado, nem particularmente culto, mas que tem um conjunto de posições políticas sobre o preço dos ovos ou a escola da filha (para dar os exemplos de Asimov), que se cruza com um determinado padrão emocional face ao contexto político.

Como acontece frequentemente com Asimov, a realidade acabou por confirmar muitas das suas intuições. Neste caso, não tanto porque, em 2024, as democracias tenham caminhado para o cenário distópico das escolhas por computador, mas porque, na verdade, a ideia de que há um eleitor mediano decisivo para vencer eleições revelou-se fundada. Ouvimos frequentemente afirmar que a distância entre a vitória e a derrota numa eleição está na capacidade de atrair o voto dos eleitores flutuantes e ancorados ao centro. A capacidade para atrair o voto de Norman Muller.

É também decisiva a capacidade de promover a mobilização dos eleitores potenciais de determinado campo

Entretanto, num mundo político crescentemente polarizado, esta realidade alterou-se: as eleições podem continuar a depender do voto de eleitores flutuantes, mas é também decisiva a capacidade de promover a mobilização dos eleitores potenciais de um determinado campo. Pense-se nas presidenciais norte-americanas deste ano.

As últimas semanas revelaram uma Kamala Harris exemplar na ativação do eleitorado potencial do campo democrata (população urbana, em particular mulheres, jovens e minorias étnicas). O crescimento nas sondagens reflete precisamente a sincronia entre uma candidata dinâmica e alinhada com o espírito do tempo do campo progressista e um espaço mediático ávido de uma nova narrativa. Para aqueles que têm disponibilidade para votar democrata, é impossível ficar indiferente ao fenómeno Kamala Harris.

Mas, para formar uma coligação vitoriosa, falta apelar ao voto de Norman Muller. Daí a lista de Harris para vice-presidente ter estado circunscrita a homens brancos com um historial de conquista de eleitores brancos, rurais e independentes. A escolha do empático Tim Walz para vice-presidente – o popular governador do Minnesota, que promoveu com sucesso uma agenda progressista em temas económicos num estado tendencialmente republicano – sugere um compromisso com o *Midwest* (que se revelará decisivo em novembro) e demonstra um pragmatismo que, em política, continua a ser fulcral para o sucesso eleitoral.

Colunista